

**Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção**

**A Influência da Internet no Domínio da Escrita:
Análises e Inferências**

Dissertação de Mestrado

Dalva Soares Gomes de Souza

Florianópolis
2001

A close-up photograph of a hand holding a pen over a document. The document features a large, stylized letter 'D' and some text that is partially obscured and difficult to read. The background shows a wooden surface and a keyboard.

A Influência da Internet no Domínio da Escrita: Análises e Inferências

**Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-graduação em
Engenharia de Produção**

**A Influência da Internet no Domínio da Escrita:
Análises e Inferências**

Dalva Soares Gomes de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Florianópolis

2001

Dalva Soares Gomes de Souza

A Influência da Internet no Domínio da Escrita: Análises e Inferências

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2001.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D.
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dulce Márcia Cruz, Dra.
Orientadora

Profa. Mailce Fortkamp, Dra.
Moderador

Prof. Fernando Vugman, Dr.
Examinador Externo

*Companheiro de caminho,
Recebe a minha saudação de peregrino!
Recebe a saudação da esperança que não morre!
Recebe a saudação deste que vagueia!*

*À Dra. Dulce Márcia,
Pela disposição em orientar-me nesta caminhada,*

*A minha eterna mestra,
Profa. Auxiliadora Mafra,*

Por conduzir-me, no caminho do saber, com amizade e carinho,

*Ao Reitor e ao Vice-Reitor do Centro Universitário Newton Paiva,
Dr. Newton de Paiva Ferreira Filho e Dr. Paulo Newton Paiva Ferreira,*

Pelo incontestável apoio para a concretização deste ideal,

*À direção e aos alunos da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Anchieta e
da Escola Municipal Dom Orione,*

Por disponibilizarem-se para a realização desta pesquisa.

A todos que colaboraram para o sucesso desta jornada,

O meu mais sincero,

Muito obrigada!

*Em todos os caminhos que percorri na vida,
encontrei pontes e obstáculos.
As pontes serviram para me ajudar a transpor fronteiras.
Os obstáculos, para testar minha criatividade e fazer reconhecer minhas
fraquezas e fortalezas.
Para realizar esta travessia,
diversas vezes tive que recorrer à força daqueles que tanto amo.*

A eles dedico este estudo,

*A minha querida mãe,
Estephânia*

*Ao esposo Afonso, e a meus adoráveis filhos,
Jônatas e Estefânia,*

*A meus estimados irmãos,
Lindalva e João Eustáquio,*

Ao tio Afonsinho, exemplo de vida.

*“É preciso criar pessoas que se atrevam
a sair das trilhas aprendidas,
com coragem de explorar novos caminhos.
Pois a ciência construiu-se pela ousadia dos que sonham
e o conhecimento é a aventura pelo desconhecido
em busca da terra sonhada.”*

Rubem Alves

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Contextualização	1
1.2	Justificativa e Importância do Trabalho	2
1.3	Objetivos	4
1.3.1	Objetivo Geral	4
1.3.2	Objetivos Específicos	4
1.4	Metodologia da Pesquisa	4
1.5	Estrutura do Trabalho	5
2	A MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA	6
2.1	Introdução	6
2.2	História da Escrita	7
2.3	Marcas de Fala na Escrita	9
2.4	Escrita e Leitura	10
2.4.1	Textos e Leituras na Escola	11
2.5	Escrita e Leitura – do Real para o Eletrônico	14
2.6	Conclusão	20
3	LINGUAGEM EM TEMPO REAL NA INTERNET	22
3.1	Introdução	22
3.2	Espaço Cibernético	24
3.2.1	Internet e Comunicação Virtual	26
3.2.2	Internet e Educação	27
3.2.3	Escrita <i>Online</i>	30
3.2.4	Dificuldades em Internet	35
3.3	Hipertexto	37
3.3.1	Alguns Conceitos de Hipertexto	37
3.3.2	Textualidade	39
3.3.3	Escrita e Hipertexto	41
3.4	Conclusão	43
4	ESTUDO DE CASO	46

4.1	Abordagem Geral	46
4.2	Metodologia	46
4.3	Resultados	47
4.3.1	Perfil dos Entrevistados	47
4.3.2	Utilização da Internet	49
4.3.3	Relação Trabalho e Estudo	51
4.3.4	Atividades de Lazer	53
4.3.5	Cultura/linguagem	56
4.3.6	Formação Escolar e Domínios	58
4.3.7	Expectativas Futuras	63
4.3.8	Formação/ Domínio Lingüístico	65
4.3	Conclusão da Análise	74
5	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	77
	FONTES BIBLIOGRÁFICAS	80
	ANEXOS	88
	Anexo 1 – Questionário Aplicado	88
	Anexo 2 – Tabelas	92
	Anexo 3 – Textos Produzidos pelos alunos	118

QUADROS

QUADRO 2.1 - FASES DE MODIFICAÇÃO NA ESTRUTURA DA COMUNICAÇÃO

16

QUADRO 3.1 – INTERNET E OUTRAS MÍDIAS

26

QUADRO 3.2 – EMOCTIONS

32

QUADRO 3.3 – ABREVIATURAS

33

QUADRO 3.4 – EXPRESSÕES EM SALA DE BATE PAPO

34

QUADRO 3.5 – PROCESSO ORTOGRÁFICO

35

QUADRO 4.1 – TEXTOS 1 E 2

68

QUADRO 4.2 – TEXTOS 3 E 4

70

QUADRO 4.3 - TEXTOS 5 E 6

73

FIGURAS

FIGURA 3.1	APRENDIZAGEM COLABORATIVA	27
FIGURA 4.1	SEXO	48
FIGURA 4.2	FAIXA ETÁRIA	48
FIGURA 4.3	CIDADE NATAL	48
FIGURA 4.4	UTILIZAÇÃO DA INTERNET	49
FIGURA 4.5	UTILIZAÇÃO DA INTERNET – CRUZAMENTO DE DADOS	50
FIGURA 4.6	FREQÜÊNCIA DE USO	50
FIGURA 4.7	RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E ESTUDO	51
FIGURA 4.8	RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E ESTUDO CRUZAMENTO DE DADOS	52
FIGURA 4.9	VIAGENS FREQUENTES	54
FIGURA 4.10	VIAGEM PARA O EXTERIOR	55
FIGURA 4.11	PRÁTICA DE ESPORTES	56
FIGURA 4.12a	HÁBITO DE LEITURA	57
FIGURA 4.12B	HÁBITO DE LEITURA	58
FIGURA 4.13	ENSINO FUNDAMENTAL	59
FIGURA 4.14	ENSINO FUNDAMENTAL – CRUZAMENTO DE DADOS	59
FIGURA 4.15	ENSINO MÉDIO	60
FIGURA 4.16	ENSINO MÉDIO – CRUZAMENTO DE DADOS	60
FIGURA 4.17	DOMÍNIO DE OUTROS IDIOMAS	61
FIGURA 4.18	DOMÍNIO DE INFORMÁTICA	62
FIGURA 4.19	DOMÍNIO DE INFORMÁTICA - CRUZAMENTO DE DADOS	62
FIGURA 4.20	ESCOLHA DO CURSO PROFISSIONAL	63

FIGURA 4.21	ESCOLHA DA PROFISSÃO	64
FIGURA 4.22	LEITURA DE JORNAIS	65
FIGURA 4.23	LEITURA DE REVISTAS	66
FIGURA 4.24	PRODUÇÃO TEXTUAL	67
FIGURA 4.25	PRODUÇÃO TEXTUAL - CRUZAMENTO DE DADOS	67
FIGURA 4.26	ACOMPANHAMENTO DE ASSUNTO NA MÍDIA	69
FIGURA 4.27	FACILIDADE PARA ESCREVER	71
FIGURA 4.28	FACILIDADE PARA ESCREVER-CRUZAMENTO DE DADOS	72

TABELAS**TABELA 4.8 – COMO É O USO DA INTERNET NO LOCAL
DE TRABALHO-1ª ESCOLA**

52

**TABELA 4.9 – COMO É O USO DA INTERNET NO LOCAL
DE TRABALHO- 2ª ESCOLA**

53

TABELAS – ANEXO 2

92

RESUMO

SOUZA, Dalva Soares Gomes de. **A Influência da Internet no domínio da escrita: análises e inferências**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. UFSC, 2001.

Pretendeu-se verificar, com esse trabalho, a desenvoltura da produção textual escrita, tanto na riqueza de idéias, quanto no domínio lingüístico de uma amostragem, investigando a influência da Internet na escrita de textos escolares.

Os métodos e as técnicas para coleta de informações utilizadas para alcançar essas finalidades basearam-se em teorias lingüísticas, virtuais ou não, e na leitura de artigos de especialistas no assunto.

Foram pesquisados, através de entrevista escrita e produção textual, dados fornecidos por alunos do Ensino Médio de duas escolas, uma da rede pública e outra da particular, de Belo Horizonte, Minas Gerais. Com aplicação de questionários, traçou-se o perfil do usuário e do não-usuário da Internet com vistas a verificar a interferência dessa prática na produção do texto, considerando duas vertentes: a riqueza de idéias e o domínio lingüístico.

Para validar as hipóteses, os alunos, num Segundo momento, produziram textos com a mesma temática.

Com base nos dados levantados nesse estudo, pode-se dizer que o texto eletrônico é pródigo para o desenvolvimento tanto do acesso às informações quanto da fluidez textual, necessários à criatividade da escrita, embora não interfira no domínio das normas lingüísticas de seu usuário.

Analisou-se, ainda, teórica e empiricamente, o surgimento de uma nova realidade no ensino de Língua Portuguesa., através do acesso ao texto eletrônico.

Palavras-chave: escrita, texto eletrônico, língua padrão.

ABSTRACT

SOUZA, Dalva Soares Gomes de. **A Influência da Internet no domínio da escrita: análises e inferências**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. UFSC, 2001.

The main goal of this paper was to check the development of textual written production, concerning both the richness of ideas and the linguistic control of a sample, through the investigation of the influence of internet usage in school papers.

The methods and techniques to gather information used to achieve these ends were based on linguistic theories, virtual or not, and in the search for articles from specialists on the subject.

It was also researched, throughout written interviews and text production, a sample of high school students from two different schools: a public and a private one, both in Belo Horizonte, Minas Gerais. Based on applied inventories, it was drawn the profile of the user and the non-user of the internet, to check the interference of this usage in the text production, considering two aspects: the richness of ideas and the linguistic control.

It was necessary to validate the hypotheses. Then students then were asked to write texts under the same theme.

Based on the data gathered in this paper, it is correct to say that the electronic text is profitable for the development of both the access of information and textual flow, which are necessary to a creative writing, although it does not interfere in the control of the linguistic rules by the user.

The birth of a new reality in the teaching of Portuguese language was also theoretically and empirically analyzed, based in electronic text.

Key-words : writing, electronic text, standard language.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A dificuldade no trato lingüístico, quer na língua falada ou escrita, sempre constituiu preocupação tanto para os docentes de Língua Portuguesa quanto para os de outras áreas de ensino.

A estrutura textual inserida nos padrões tradicionais e treinada pelos especialistas é a mais praticada e, não raro, se distancia muito da ideal, pecando pelo atropelamento das normas que direcionam a língua padrão. E a dificuldade tende a crescer cada vez mais. Poucos são os que transitam, com facilidade, por esse jogo de palavras caracterizado pelas regras já estabelecidas.

No entanto, a expansão da internet inaugurou uma nova era, um momento de transição na comunicação, para este terceiro milênio, através da informática e da difusão da Educação a Distância, aproximando os povos, possibilitando a aquisição e o aperfeiçoamento de cursos e fazendo surgir um novo estilo textual – o hipertexto - um outro texto que permeia as comunicações, numa interface com a dinâmica com que flui o processo de comunicabilidade.

O hipertexto sinaliza um novo estilo lingüístico, um texto aberto, livre, solto, sem fronteiras definidas. Nesta ruptura com normas fundamentadas na história e na cultura de um povo e implícitas em seus linguajares formal ou coloquial, ele caracteriza-se por uma produção independente e extremamente liberal, mas que não exclui, nem pode excluir outros textos.

É inegável que a gama de possibilidades de informações instantâneas acelera a motivação da multilinearidade nos nexos e redes em contraposição à linearidade do texto tradicional.

O correio eletrônico, por exemplo, é um grande diálogo e as mensagens são bastante informais; ainda assim, há níveis de formalidade: do "outro lado" pode estar um colega, mas também um advogado, um reitor.... Entretanto, grande parte da

comunicação via Internet não deixa de ser mais uma maneira de se bater um papo escrevendo um texto, principalmente nas mensagens trocadas em “tempo real”, como nos “bate-papos”. Esta “conversa” entre duas ou mais pessoas exige uma certa velocidade, fazendo com que os interlocutores usem uma linguagem informal, a qual se aproxima muito da língua falada do cotidiano.

Sem dúvidas, na Internet, a escrita voltou a ser usada com mais frequência pela proximidade com a língua oral e pela incrível possibilidade de se comunicar com pessoas do mundo inteiro por um meio de comunicação prático e barato.

Paralelo a isso, especialistas têm se preocupado com a prática desse novo paradigma textual em relação aos padrões tradicionais estruturados na história e na cultura de um povo. Há uma geração significativa que vem aderindo a esse novo estilo lingüístico, numa perspectiva de mudança radical, que vem trazendo avanços cognitivos na área do domínio da produção textual.

Existem algumas polêmicas entre os docentes de Língua Portuguesa, os quais se questionam se o linguajar tipicamente virtual não estaria transgredindo a norma culta de nossa língua e prestes a invadir o mundo real e, ainda, se as crianças e adolescentes frequentadores das “salas” de “bate-papo” poderiam estar aprendendo a escrever errado, em virtude da forma de escrever na Internet.

A proposta deste trabalho é verificar se os usuários da linguagem eletrônica são capazes de apresentar maior riqueza e melhor concatenação de idéias em produção de textos em estilo tradicional ou se a experiência não corresponde a nenhum crescimento neste domínio. Além disso, pretende-se analisar se foi contemplado o domínio da língua padrão através dessa prática.

1.2 Justificativa e Importância do Trabalho

A língua, em suas diversas formas e variantes, é uma entidade viva, dinâmica e é o código utilizado pelo ser humano para se comunicar com seus semelhantes, trocar informações, difundir suas idéias e conceitos.

O uso da escrita desenvolveu a comunicação entre os homens permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ajudar muito no desenvolvimento intelectual do ser humano.

Ademais, seu domínio passou a figurar, socialmente, como prestígio social e instrumento de ascensão profissional.

Com a entrada dos meios de comunicação de massa do mundo moderno, não há dúvida de que a Internet, em uma correlação muito forte com o processo de globalização, vem facilitando este intercâmbio comunicacional. É a globalização da informação.

As novas tecnologias de informação, conseqüentes desse intercâmbio, criaram um "espaço virtual" com funcionamento e características próprias. Com o advento da Internet, escrever ficou ainda mais prático, e a comunicação torna-se mais e mais sensorial, mais e mais multidimensional, rompendo com a rigidez da linearidade da escrita, ao mesmo tempo em que é a interface entre a inteligência viva e a máquina, tornando-se o elo que interliga aqueles que vão pensar em rede e com a rede.

A escrita tradicional, no entanto, embora também se constitua como uma rede, em que os entrelaces existem, não é tão explícita e provocativa como no texto digital, que, sob a ótica do domínio lingüístico, libera o leitor usuário do vínculo com as regras estabelecidas no código lingüístico da Língua Portuguesa.

Não há como negar que as novas tecnologias - e principalmente o computador - entram em cena para reanimar uma educação já cansada, cujo objetivo da escrita, muitas vezes, é o ato de mera reprodução redacional, interferindo, de alguma forma, na produção do texto escrito.

Este estado de coisas nos intima a fazer uma urgente reflexão sobre o conceito de texto e textualidade, à luz da Lingüística Textual, considerando, pois, a linguagem como forma de se estruturar um pensamento e de se comunicar com o outro, e, observando a influência da Internet nesse processo, até que ponto esta produção comunicativa segue um processo normativo da escrita tradicional.

É esta reflexão que dá sustentação a este estudo, pela importância que tem no contexto do ensino de Língua Portuguesa e, mais especificamente, na produção de textos escolares.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Com vistas a refletir sobre as interferências que os computadores ligados em rede têm sobre a produção do texto escrito, o presente trabalho objetiva:

☞ analisar a relação entre a interferência da escrita em tempo real, via Internet, e a tradicional, considerando aspectos textuais desta modalidade de comunicação.

1.3.2 Objetivos Específicos

☞ Apresentar o perfil da linguagem no contexto tradicional e no virtual.

☞ Verificar aspectos cognitivos envolvidos na área do domínio da produção textual via *internet*.

☞ Investigar, através de um estudo de caso, as influências da Internet na escrita de textos escolares.

☞ Analisar o desempenho lingüístico de estudantes que acessam a Internet em relação aos que não acessam, estabelecendo perfis de linguagem.

1.4 Metodologia da Pesquisa

Privilegiou-se, neste estudo, o aspecto relacional, ou seja, uma vez delimitados alguns pressupostos acerca da modalidade escrita da língua, buscou-se estabelecer relações entre o real e o virtual, na produção textual.

As Teorias da Comunicação foram utilizadas neste sentido, com o objetivo de se colocar em questão possíveis diferenças decorrentes da escrita virtual para a real, que tenham algum significado metodológico no ensino de Língua Portuguesa e conseqüente desempenho do aluno.

Os métodos e as técnicas para coleta de informações utilizadas para alcançar essas finalidades basearam-se em Teorias lingüísticas, virtuais ou não, e na leitura de artigos de pesquisadores e especialistas no assunto, buscando uma sistematização possível de informações relativas à situação.

Numa segunda etapa desta pesquisa, fez-se um estudo de caso em duas escolas da cidade de Belo Horizonte/MG, e aplicaram-se questionários, conforme anexo 1, para orientação de estudo, numa amostra de 69 estudantes, verificando questões referentes às habilidades comunicacionais, para posterior confronto de desempenho.

Os questionários objetivaram perceber o impacto da linguagem eletrônica sobre estudantes do Ensino Médio, e foram aplicados a alunos de escola particular que têm, em sua maioria, acesso à internet e alunos de escola pública, que não têm, no âmbito geral, acesso à rede. Responderam à pesquisa, 35 alunos da Escola Municipal Dom Oriane e 34 alunos do Colégio Anchieta, todos eles com idade compreendida entre 16 e 18 anos.

Numa segunda etapa da pesquisa, esta mesma amostra produziu textos escritos, seguindo método de aplicação único e envolvendo o mesmo tema, “Internet”. Foram produzidos 69 textos, e considerados para este estudo, 8 deles.

Assim, no plano geral, analisou-se, teórica e empiricamente, o surgimento de uma nova realidade educacional no ensino de Língua Portuguesa, ou, num aspecto mais abrangente, o surgimento de uma “utopia de linguagem”, ainda limitada em termos de literatura.

1.5 Estrutura do Trabalho

O estudo está estruturado em cinco capítulos

O Capítulo 1 descreve o escopo da dissertação, introduzindo o assunto.

Os Capítulos 2 e 3 fornecem a fundamentação teórica para a presente dissertação e, em sua primeira parte faz-se uma exposição sobre a modalidade escrita da Língua, numa abordagem de aprendizagem e domínio, e, na segunda parte, faz-se uma análise da escrita caracterizada pelos pressupostos da linguagem eletrônica.

No Capítulo 4, expõe-se o desenvolvimento da pesquisa e respectiva análise e confronto de resultados coletados.

O Capítulo 5 apresenta as conclusões alcançadas e sugestões para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 2 - A MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA

2.1 Introdução

Até hoje ninguém sabe explicar direito qual foi a causa principal para a origem da escrita. Quando o povo se conscientizou de sua importância, esta já havia se consolidado ao ser utilizada amplamente.

Deste modo, é difícil precisar qual foi a causa primordial para a criação da escrita, que, provavelmente, não foi a mesma para todos os povos, nem, com certeza, foi somente uma, mas a confluência de várias. O que se pode dizer com total convicção é que a invenção da escrita foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois ela representa as idéias que podem ficar registradas por muitos e muitos anos, diferentemente da fala que, se não for gravada, brevemente se esvai.

Além disso, o domínio da língua escrita marca o início da história humana, pois seu uso desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ter ajudado muito no desenvolvimento intelectual do ser humano.

Este tem sido, pois, o caráter social da escrita. Sua enunciação deve ser compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade base da língua; trata-se do discurso interior e exterior. Ela é de natureza social, portanto, ideológica, não existindo fora do contexto social. É o produto da interação de indivíduos socialmente organizados.

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas está direcionado mais especificamente para a escrita. Cagliari (1992) afirma que há mais preocupação com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa. Faz-se necessário mostrar, pois, que a língua escrita é mais uma modalidade da língua a ser aprendida. Não se pode, de forma nenhuma, desprestigiar e desconsiderar as modalidades orais que estão em uso nos diversos segmentos da sociedade, em todos os seus níveis. Nesse contexto, há que se considerar a questão da adequação — cada situação exige, de quem nela está envolvido, comportamento, vestimenta e linguagem adequados.

Para as pessoas que vivem nesse mundo restrito, escrever como a escola propõe pode ser algo estranho, fora de sua realidade, inútil. Contudo, as pessoas que vivem num meio social onde se lêem jornais, revistas, livros, etc. e que escrevem freqüentemente, num ambiente em que as crianças, desde cedo, tomam contato com o texto escrito, acham muito natural o que a escola ensina, pois isso representa uma continuação do que essas pessoas já faziam e já esperavam que a escola propusesse esse mesmo procedimento.

Para Cagliari (1992), alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência é diferente de alfabetizar grupos sociais que consideram a escrita, além de necessária, uma forma de expressão individual de arte, de cultura e de passatempo.

Afirma, ainda, este autor que ninguém escreve ou lê sem motivação. É justamente por isso que, em determinadas culturas, o uso da escrita se apresenta como algo secundário e dispensável. Em outros grupos sociais, contudo, a escrita é algo absolutamente imprescindível. Essa atitude perante a escrita não se observa só comparando, por exemplo, a cultura européia com a cultura dos indígenas. Atitudes conflitantes com relação à escrita podem ser observadas em uma grande cidade. Entre seus habitantes, sem dúvida alguma, todos necessitam, de um modo ou de outro, saber ler certas coisas.

No entanto, o número cai enormemente quando se conta os que necessitam produzir a escrita. Muitas pessoas podem até ler jornais, revistas, etc., mas escrevem muito pouco.

A existência de diferentes modalidades no uso da língua e o domínio da norma culta são questões que preocupam todos os envolvidos com o ensino do idioma. Claro que, apesar da aceitação dos diferentes níveis do uso da língua, o domínio do padrão culto escrito é condição indispensável para o aprimoramento cultural, moral e intelectual do indivíduo e o crescimento do país e do nosso povo.

Para analisar este contexto social da língua serão expostos, a seguir, alguns de seus pressupostos da escrita, que possibilitarão analisar suas formas de realização.

2.2 História da Escrita

Segundo Sampson (1996), a invenção da escrita aparece tardiamente com relação ao aparecimento da linguagem; ela apareceu depois da chamada "revolução neolítica", e sua história pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. No entanto, não se pode seguir uma linha cronológica nesta divisão.

A fase pictórica corresponde aos desenhos ou pictogramas, os quais não estão associados a um som, mas à imagem daquilo que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade. Aparecem em inscrições antigas, mas podem ser vistos de maneira mais elaborada na escrita asteca e, mais recentemente, nas histórias em quadrinhos.

A fase ideográfica é representada pelos ideogramas, que são símbolos gráficos que representam diretamente uma idéia, como, hoje em dia, certos sinais de trânsito. As escritas ideográficas mais importantes são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (a cretense, por exemplo) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa). (Sampson, 1996),

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica.

O ideograma, por sua vez, perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética. Segundo Sven Ohman (apud Kato, 1990, p.16), a invenção da escrita alfabética é uma "descoberta", pois, quando o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele apenas operou conscientemente com o seu conhecimento da organização fonológica de sua língua. Também com relação a isso, é importante ressaltar o que afirma Vygotsky, a partir dos trabalhos que realizou com crianças: para aprender a escrever, a criança precisa fazer uma descoberta básica – a saber, que ela pode desenhar não apenas coisas, mas também a própria fala. (Vygotsky, 1991).

Hoje em dia, praticamente todas as línguas possuem um alfabeto, e o modo mais comum de se escrever é da esquerda para a direita e de cima para baixo. Contudo, os chineses e os japoneses escrevem da direita para a esquerda e em colunas verticais. Os árabes escrevem da direita para a esquerda, mas não em colunas, e sim em linhas de cima para baixo.

Em verdade, a escrita, seja ela qual for, sempre foi uma forma de representar a memória coletiva de uma comunidade, seja no campo científico, religioso, político, artístico, cultural, etc. É um grande marco, na História da Humanidade, a invenção dos livros, dos jornais e da imprensa de modo geral. Mais importante, no entanto, foi a invenção da escrita que, nos seus primórdios, era dominada por poucos, mas que, gradativamente, passou para um número maior de pessoas, até chegar ao público em geral. O interessante é que mais pessoas usam a escrita mais para a leitura de textos do que para sua produção.

2.3 Marcas de Fala na Escrita

A modalidade língua escrita sempre ocupou *status* mais elevado do que a modalidade língua oral entre gramáticos e estudiosos da Língua Portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolinguistas e analistas do discurso vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita.

Segundo Kato (1986), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais.

Tannen (1982) demonstra que as diferenças formais entre a fala e a escrita são o gênero e o registro do texto. Estes possibilitam, muitas vezes, uma mistura das características próprias de cada uma das modalidades.

Pontes (1988) fala sobre a necessidade de diminuir-se o fosso entre a língua coloquial e a literária ou formal, pois, entre elas, existem muito mais semelhanças do que se pensa. Esta autora, baseada em estudo de Lakoff e Johnson (1980), ressalta que a língua coloquial é repleta de metáforas e que a transposição das metáforas do dia-a-dia para a linguagem literária carrega consigo uma carga de oralidade.

Halliday (1993, p.64) afirma que a língua escrita tende a ser lexicalmente densa, mas gramaticalmente simples, enquanto que a língua falada tende a ser gramaticalmente intrincada, mas lexicalmente esparsa. No entanto, essas propriedades seriam complementares e não exclusivas. A escrita tende a acomodar mais itens lexicais, com poucas sentenças no sintagma e a fala tende a acomodar mais processos.

Isto não implica que a média de idéias por período será maior na língua falada, porque também pode ser uma tendência em direção a sentenças mais curtas, especialmente em diálogos. Na verdade, a fala e a escrita têm padrões de lexicogramaticalização preferidos, que podem aparecer cruzados, em situações inesperadas segundo a intenção do falante.

Kress (1992) aborda que embora a fala e a escrita apresentem diferenças retóricas e conceituais, parece que *a percepção do escritor em relação à sua audiência* (mais formal / menos formal) é que determina as diferenças sintáticas formais das sentenças e sua estruturação em textos.

Acredita-se, aqui, como Kress, que a percepção do escritor em relação aos seus leitores e a intenção de criar mais intimidade é que vão determinar um grau maior ou menor de oralidade na escrita, independentemente de gênero e registro.

2.4 Escrita e Leitura

A escrita promove caminhos diferentes de pensar. Ela é uma forma de gerar, registrar e ampliar o conhecimento, em ocorrências lingüísticas.

A escrita tem por objetivo primeiro a leitura, que é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos. que devem ser decifrados por quem é habilitado.

Nesse caso, os aspectos fonológico, lexical, sintático, que marcam a linearidade do discurso lingüístico, não têm indicação específica, ficando a cargo do leitor encontrar a forma mais adequada de realizá-los. Muitas vezes, esse tipo de escrita se serve de palavras-chave para a sua decifração. Seus exemplos mais comuns são os sinais de trânsito.

Segundo Costa Val (1991, p.4), *“uma ocorrência lingüística, para ser texto, precisa ser percebida pelo recebedor como um todo significativo. Ainda, o texto caracteriza-se por apresentar uma unidade formal, material. Os elementos lingüísticos que o formam devem ser reconhecivelmente integrados, de modo a permitirem que ele seja apreendido como um todo coeso”* .

Nesta perspectiva, ressalta a autora, deve-se considerar, num texto:

- a) *“aspectos pragmáticos que têm a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa;*
- b) *instâncias semânticas, do que depende sua coerência;*
- c) *o formal, que diz respeito a sua coesão”* (Costa Val, 1991, p.5) .

Assim, um texto caracteriza-se como texto pela sua textualidade, ou seja, conjunto de fatores que fazem com que um texto seja um texto e não um amontoado de frases.

É importante para o produtor saber com que conhecimentos do receptor ele pode contar e que, portanto, não precisa explicitar no seu discurso. Outra questão evidenciada é a existência dos diversos tipos de discurso. A praxe acaba por estabelecer que, numa dada circunstância, tendo-se em mente determinada intenção ilocucional, deve-se compor o texto dessa ou daquela maneira (Costa Val, 1991).

2.4.1 Textos e Leituras na Escola

Para Costa Val (1991, p.15) *“um discurso vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual ele toma posição”* . Ou seja, alguns textos só fazem sentido quando postos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto.

No entanto, ressalta-se que textos e leituras constituem dialeticamente o movimento dos sentidos, abrangendo não apenas as pontas da produção e da recepção, mas a circulação e as negociações que resultam na legitimação de alguns sentidos e na exclusão de outros.

Numa perspectiva histórico-discursiva, aborda-se, aqui, a distância atual entre os textos e as leituras. Uma distância quase abismal, que tem sido objetivada, a partir da leitura e para fins explicativos, por várias correntes teórico-metodológicas, seja pelos gestos de leitura aparentemente atados ao discurso pedagógico autoritário (Orlandi, 1987), reportados aos modelos legitimados pelo Estado, nos quais há uma nítida inspiração religiosa (Chartier & Hébrard, 1995) , ou por aqueles com texturas cada vez mais complexas, parecem distantes das práticas pedagógicas sistemáticas.

Para além do nível explicativo das dicotomizações, é preciso, no entanto, redimensionar a leitura como modo de produção textual. Romper com fórmulas, sejam elas velhas ou novas, pela formalização dos princípios de um trabalho pedagógico capaz de superar posições, sem que o discurso pedagógico possa ser traduzido na afirmação de Castro (1985): *a escola tem privilegiado uma trajetória que vai do escrito para o escrito*, uma vez que, na órbita do verbal, outras linguagens tendem a ser vistas como periféricas, acessórias.

Barreto (1994) enfoca este aspecto com base no fato de que a imagem parece reduzida à "ilustração", com função explicativa ou de reforço do escrito, quando não de simples adorno. O som, segundo o autor, pode ser limitado:

- (a) à leitura dos textos em voz alta, no movimento de ler "para" (com o objetivo de controlar o que os outros leram ou ouviram, a pontuação correta e, até, o tom desejado);e
- (b) às respostas, às vezes em coro, para perguntas literais "sobre o lido".

Assim, na tentativa de aproximação da(s) leitura(s) dentro e fora da escola, mesmo no sempre risco das simplificações, é importante distinguir quatro movimentos que têm marcado as relações entre os sujeitos (leitores) e os materiais de leitura, segundo (Chauí, 1989):

- (1) o da decodificação do que está explícito no objeto (texto);
- (2) o do desvelamento do sentido supostamente singular e correto;
- (3) o da negociação dos sentidos historicamente possíveis; e
- (4) o da livre atribuição de sentidos pelo sujeito (leitor).

O primeiro corresponde ao gesto mais comum e mecânico, limitado à paráfrase e até à simples repetição do que está escrito. O segundo está vinculado à concepção de ideologia como mascaramento da realidade, bem como à sua manifestação concreta como falta ou lacuna identificável na superfície lingüística: a interpretação (Chauí, 1989).

O terceiro movimento pressupõe a inevitabilidade do atravessamento ideológico na constituição mútua dos sujeitos e dos sentidos, por conta do excesso de

preenchimento, da saturação e dos efeitos de evidência produzidos, que demarca o esforço teórico-crítico da compreensão (Orlandi, 1989).

O último movimento tem em comum com o primeiro a quebra da perspectiva da relação entre sujeito e objeto. Como diferença, a linguagem tende a ser (con)fundida com a realidade, no jogo de simulacros para a simulação (Baudrillard, 1991).

Em outras palavras, é preciso dimensionar as suas leituras possíveis. Leituras que podem ser justificadas nos limites da dimensão simbólica ou da material e, ainda, na/pela articulação de ambas.

Aproximar texto e leitura supõe definir linguagem. Nas palavras de Kristeva (1988:10), "a mais específica particularidade da espécie humana" abrange os processos de significação, comunicação e demarcação.

"Embora seja uma prática que se realiza na comunicação social e através dela, a linguagem constitui uma realidade material que, participando do próprio mundo material, não deixa por isso de levantar o problema da sua relação com tudo que não é linguagem, isto é, com o exterior: a natureza, a sociedade etc., que existem sem a linguagem apesar de não poderem ser nomeadas sem ela." (ibid, p.19)

A escolha de Kristeva (1988), como referência, possibilita algumas razões para situar a leitura na prática escolar:

- (1) corroborar a contestação ao sentido literal, já circunstanciada pela linha cognitivista (Kleiman, 1989);
- (2) desafiar o maniqueísmo da interpretação ("leitura correta") como modo de sustentar diferentes práticas pedagógicas;
- (3) desmistificar o desespero discursivo "pós-moderno" (Harvey, 1992), em que o vale-tudo acaba por desqualificar quaisquer valores; e
- (4) propor práticas pedagógicas capazes de acolher leituras diversas, feitas de lugares desiguais ou diferentes.

Para Barreto (1994) a leitura como confronto de perspectivas, negociação dos sentidos historicamente possíveis, centrada nas condições de produção dos textos e das suas leituras, tem sido alimentada pela vertiginosa expansão do mercado da Informática,

e, alguns aspectos, nela pressupostos, não podem ser deixados de lado nos programas e materiais de leitura e como poderão vir a ser apropriados pelas escolas, enquanto materiais didáticos, considerando que as novas tecnologias na educação viabilizam a leitura:

- (1) acelerativa, como modo de conciliar informação e conhecimento;
- (2) instrumental, materializada na imagem da ferramenta; e
- (3) motivacional, centrada na atratividade.

É preciso, então, considerar as mudanças que os novos materiais de leitura produzem na relação pedagógica, com destaque à atratividade das novas tecnologias, privilegiando a interação dos alunos com elas, através da apropriação crítica das novas linguagens, de modo a impedir uma nova roupagem para velhas práticas, no sentido de um trabalho novo com material idem (Limoeiro Cardoso, 1977).

Considerando-se a linguagem como forma de ação entre os homens, cuja função básica é persuadir e convencer e não somente comunicar, evidentemente, os estudos da língua já não podem mais estar amparados, apenas, nos campos da morfologia, da fonética e da sintaxe frasal. É necessário inseri-los em contextos mais abrangentes, aqueles da lingüística textual, entre outros, para que se possa dar conta de explicar certos fenômenos lingüísticos, como os sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados e seqüências de enunciados.

2.5 Escrita e Leitura - do Real para o Eletrônico

Ao longo de milênios, o livro passou por várias transformações que acarretaram mutações culturais e instauraram diferentes hábitos de leitura. O texto escrito já teve diversos suportes: pergaminhos, códex encadernados e, recentemente, a tela do computador. O texto eletrônico compete com as publicações impressas e parece desestruturar as noções de autor, leitor e editor no século 21 (Chartier,1998). A passagem do papel para o cristal líquido chama a atenção de pesquisadores e suscita diversos debates.

Chartier (1998) destaca três grandes revoluções na história do livro. A primeira se deu quando o texto em rolo, caracterizado pela forma do pergaminho, foi suplantado

pelo códex, que é montado com folhas costuradas uma após a outra (formato do livro que predomina atualmente). O surgimento do códex alterou tanto a base material do livro quanto os hábitos de leitura. A segunda ocorreu no século 15, quando Gutenberg criou a prensa e transformou o modo de impressão sobre papel: o livro deixou de ser manuscrito. A mais recente surgiu no fim do século 20 e se caracteriza pela digitalização do texto. "O livro eletrônico revoluciona as estruturas do suporte material do escrito assim como as maneiras de ler", afirma Chartier em *A aventura do livro*.

O historiador discute também a mistura das funções de editor, autor e leitor. Hoje, com as possibilidades abertas pela internet, qualquer um pode escrever um texto, editá-lo e disponibilizá-lo na rede, desde que possua o equipamento apropriado e saiba manejá-lo. "*Com a revolução industrial da imprensa, os papéis de autor, editor, tipógrafo, distribuidor, livreiro, estavam separados*", conta Chartier (1998, p.15). "*Com as redes eletrônicas, essas operações podem ser acumuladas.*" (idem).

Segundo ele, a experiência do leitor no espaço virtual também se transforma. "*O novo suporte do texto permite usos e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres que qualquer uma das formas antigas de livro.*" (Chartier, 1998, p.18).

Historicamente, validando os estudos apontados por Chartier, Barthes (1984) expõe que a escrita real deu ao homem valores visuais lineares e uma consciência fragmentada ao contrário da rede de convivência profunda dos espaços auditivos, onde a comunicação podia ser multivariada. Fragmentou o espaço de convivência com os indivíduos posicionados em um tempo linear e um espaço euclidiano. A tipografia terminou de vez com a cultura tribal e multiplicou as características da cultura escrita no tempo e no espaço.

O homem passou a raciocinar de uma maneira linear, seqüencial alfabética, categorizando e classificando a informação. Tornou-se um ser especializado em sua produção de novos conhecimentos.

Esta passagem da cultura tribal para a cultura escrita/tipográfica foi uma transformação para o indivíduo e para a sociedade tão profunda como vem sendo a passagem da cultura escrita para a cultura eletrônica que ora se presencia, reforça Levy (1994). O desenvolvimento, a vivência, a especialização do conhecimento na cultura escrita/ tipográfica influíram na ocorrência da revolução industrial e do nacionalismo

radical, fatos relevantes da história da humanidade. As transformações que estão ocorrendo com a passagem para a cultura eletrônica ainda estão se delineando.

Contudo, a chegada da comunicação eletrônica da informação do conhecimento modificou novamente a delimitação de tempo e espaço da informação. A importância do instrumental da tecnologia da informação forneceu a infra-estrutura para modificações, sem retorno, das relações da informação com seus usuários (Levy, 1994).

Através do quadro 2.1, busca-se indicar alguns pontos focais para ilustrar as modificações na estrutura da comunicação, entre as diferentes fases que determinaram o seu contexto :

QUADRO 2.1 - FASES DE MODIFICAÇÃO NA ESTRUTURA DE COMUNICAÇÃO

TIPO DE COMUNICAÇÃO			
CARACTERÍSTICA	ORAL	ESCRITA, TIPOGRÁFICA	ELETRONICA
Fundamental	Linguagem	Escrita alfabética, texto linear	Interação homem – máquina
Tempo de Transferencia	Imediato	Interação com o texto	Tempo real = imediato
Espaço de transferencia	Convivência auditiva	Geográfico	Redes integradas
Armazenamento	Memória do emissor	Memórias físicas construídas	Memórias magnéticas
Relação de audiência	Um para vários	Um para muitos	Muitos para muitos
Estrutura da informação	Interativa com o emissor, uma linguagem	Alfabética, seqüencial, Um tipo de linguagem	Hipertextual com diferentes tipos de linguagens
Interação com o receptor	Conversacional, Gestual	Visual, seqüencial, linear	Interativa e interconectiva
Conectividade (acesso)	Unidirecionado	Unidirecionado	Multidirecionado

Fonte: Barreto (1997).

Conforme aponta Barreto (1997), e como se vê no quadro 2.1, numa comparação do contexto da comunicação oral com a comunicação eletrônica, percebe-se a proximidade de muitas características, além da coincidência do tempo de transferência que é imediato nas duas situações. Muitas vezes, a comunicação eletrônica, devido à especificidade contextual que pode englobar e junto com as suas características conversacionais, assume uma intencionalidade tribal na publicidade dos fatos e idéias. É a proximidade com as características da oralidade, no que tange ao contexto em que está inserida, desvinculada das normas lingüísticas, que faz a linguagem eletrônica, por vezes, assumir uma intencionalidade tribal, já extinta pela

cultura tipográfica, conforme diz Barthes (1984). Não é raro se encontrarem grupos de usuários de listas de discussão ou com outros interesses comuns se autodenominarem de tribos de informação.

O fluxo de informação tradicional e utilizado pelo documento escrito possui características marcantes e uma ideologia interna que está sedimentada há cerca de cinquenta anos, cujos principais pontos são, segundo Masuda (1990, p.22):

1) Unidirecionamento: o receptor da informação tem acesso a um estoque de informação a cada interação ou a cada tempo de interação, além de ter acesso a um acervo físico por vez, seja na biblioteca, no arquivo ou no museu;

2) A estrutura de informação possui a mesma característica em sua totalidade: ou é uma estrutura textual com figuras, mas de estrutura linear, ou um objeto, som ou uma imagem;

3) Existe sempre a mediação de um profissional de interface para o receptor interagir com o fluxo de informação, ou em sua questão inicial, ou na avaliação do produto final .

4) O encadeamento interno dos eventos é povoado por rituais de ocultamento da informação. Estes protocolos de segredo se verificam em várias fases da organização interna da informação para armazenamento e recuperação. O primeiro se dá quando o conteúdo do documento é substituído por indicadores que, supostamente, substituem o total da informação contida em sua forma original por palavras-chaves ou artimanha semelhante. O segundo ritual de segredo acontece quando estes indicadores são cifrados em uma metalinguagem de indexação que substitui a linguagem natural. Este ocultamento da informação se dá na entrada da informação no fluxo e quando da interação do receptor na sua procura por informação.

5) O julgamento de relevância da informação recebida é feita pelo receptor sempre em uma condição *ex-post* após a sua interação com o fluxo de informação.

Por outro lado, a comunicação eletrônica, segundo Barreto (1994), modifica estruturalmente o fluxo de informação e conhecimento, atuando basicamente nos seguintes pontos :

✍ a interação do receptor com a informação: o receptor da informação deixa a sua posição de distanciamento alienante em relação ao fluxo de informação e passa a participar de sua fluidez como se estivesse posicionado em seu interior. Sua interação com a informação é direta, conversacional e sem intermediários;

✍ o tempo de interação: o receptor conectado *online* está desenhando a sua própria interação com o fluxo de informação em tempo real, isto é, com uma velocidade que reduz o tempo de contato ao entorno de zero. Esta velocidade de acesso e uso coloca-o em nova dimensão para o julgamento de valor da informação; o receptor passa a ser o julgador de relevância da informação acessada em tempo real, no momento de sua interação e não mais em uma condição *ex-post* de retroalimentação intermediada;

✍ a estrutura da mensagem: em um mesmo documento, o receptor pode elaborar a informação em diversas linguagens, combinando texto, imagem e som. Não está mais preso a uma estrutura linear da informação, que passa a ser associativa em condições de um hipertexto. Cada receptor interage com o texto da mensagem circularmente, e cria o seu próprio documento com a intencionalidade de uma percepção orientada por sua decisão, como previra (Bush, 1945, p.101);

✍ a facilidade de ir e vir – a dimensão de seu espaço de comunicação é ampliada por uma conexão em rede, e o receptor passeia por diferentes memórias ou estoques de informação no momento de sua vontade.

A comunicação eletrônica, pelos pontos indicados acima, imprime uma velocidade muito maior na possibilidade de acesso, uso da informação. Coloca o receptor como se virtualmente estivesse posicionado em diversos elos de sua cadeia, conforme aponta Ricoeur (1990).

Para Meheler (1995), a assimilação da informação, o estágio que a antecede, bem como o conhecimento público, tornam-se mais operantes, devido às novas condições da estrutura de informação e das possibilidades de espaço criadas pela conectividade.

Chartier (1998) aborda a questão afetiva do leitor com o objeto, no caso da leitura virtual, como paradoxal. Os textos eletrônicos que não estão protegidos, segundo o autor, são textos que permitem a presença do leitor muito mais fácil que qualquer impresso ou manuscrito. Antes, escrevia-se nos espaços em branco com a mão, agora o

leitor pode cortar, colar, compor, introduzir coisas. Por outro lado, no virtual há uma distância física. O texto não toca mais no corpo do leitor, ele supõe essa distância através do teclado. Mas essa distância física pode ser compensada, algumas vezes, por uma presença virtual, é um diagnóstico ambíguo permanente.

Outra análise importante dos estudos de Chartier (1998) refere-se à vantagem e à desvantagem para esta leitura, que vêm de um mesmo ponto. Trata-se de uma leitura em uma biblioteca praticamente infinita. Ela está de acordo com a universalidade do saber, com o sonho da biblioteca de Alexandria, de abarcar todos os livros que foram escritos. Ao mesmo tempo, essa universalidade torna-a ilegível porque não há limites. Tem um número de páginas infinito, é um livro perigoso, aterrorizante. Por um lado, ressalta Chartier (1998), o desafio de uma biblioteca infinita, de outro lado, uma realidade indomável, incontornável.

O mesmo autor ainda enfatiza que é importante não pensar que os textos são os mesmos quando se muda o suporte. Se há uma revista eletrônica, ela deve fazer o possível para publicar de uma maneira nova, não pode ficar restrita a uma lógica antiga. Se há possibilidade de estabelecer uma relação diferenciada com o leitor, no jornalismo, isso é ainda mais interessante de ser estimulado. É preciso utilizar a mobilidade do texto para corrigir, transformar e, finalmente, graças aos vínculos textuais, organizar de uma maneira radicalmente nova a argumentação.

A participação efetiva do leitor e o acréscimo de outros materiais como vídeos e fotos transformam as condições da produção e, dessa maneira, a originalidade da imprensa eletrônica. Em alguns lugares, a publicação eletrônica é vista apenas como mais um espaço, diante de uma lógica tradicional da publicação impressa. Seria uma idéia equivocada de ter menos custos para fazer a informação chegar mais rápido ao leitor. Não pode ser só isso. *"É preciso haver uma reflexão, estudar as possibilidades novas com a nova tecnologia e como elas podem enriquecer o diálogo com o leitor"* Chartier (1998, p.49).

Em relação à linguagem utilizada, a primeira atitude do *internauta* é fugir o mais possível das rígidas normas da língua escrita, aponta Míglia (1998, p.32).

Pode-se dizer que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os *internautas* trocam entre si uma simulação

quase perfeita da língua falada. Para tanto, os *internautas* se utilizam de uma gama enorme de recursos da própria linguagem escrita.

As mensagens trocadas por meio do correio eletrônico (e-mail) fogem um pouco ao objetivo de nossa pesquisa, uma vez que, nesse caso, os textos são elaborados já obedecendo às normas da língua escrita padrão, pois o *internauta*, quando redige um *e-mail* dispõe de tempo para elaborar seu texto. As conversações no chamado "tempo real", no entanto, são mais interessantes pelo fato de os interlocutores não disporem de tempo para fazer um planejamento prévio de seu discurso. Nesse caso, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de tempo. Isso faz com que os *internautas* tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação. Míglio (1998, p.34).

O mesmo autor apresenta uma questão acerca desse linguajar tipicamente virtual não estar transgredindo a norma culta de nossa língua e prestes a invadir o mundo real. A outra questão, mais preocupante, Segundo a autora, é com relação ao fato de que as crianças e adolescentes freqüentadores das "salas" de "bate-papo" estaria poderiam estar aprendendo a escrever errado, em virtude da forma de escrever na *Internet*.

Segundo o professor Sérgio Nogueira, responsável pela coluna "Língua Viva", do Jornal do Brasil, a linguagem do internauta não vai passar para a vida real, onde existe uma barreira natural das pessoas que não entendem nem falam esse jargão (Nogueira, 1999). Para ele, tudo é uma questão do meio onde se processa a conversação. E acrescenta que, mesmo na vida real, as pessoas não costumam ficar atentas à norma culta do idioma num "bate-papo" informal.

O professor Antônio Marco Cassoni discorda, pois diz que a Internet está influenciando muito a língua e que o mundo virtual já tem uma linguagem própria e que, por mais que a gramática tente segurar esse fenômeno, ele já aconteceu. Cassoni diz, ainda, que caminhamos para uma língua universal via computador e que os usuários da Internet criaram e continuam criando novos códigos (Cassoni, 1999).

2.6 Conclusão

A maioria das pessoas tem dificuldade em redigir um texto seguindo, rigorosamente, as normas da língua escrita padrão. A língua escrita exige certa precisão.

Contudo, pouco a pouco, as barreiras que separam o mundo virtual do mundo real começam a ser rompidas. Cada vez, mais e mais pessoas se conectam à rede mundial de usuários de computadores, e uma nova escrita surge como referência comunicacional.

Contrariamente, a língua escrita dos *internautas* não tem essa precisão. A língua escrita e quase falada dos *internautas* é mais uma das inúmeras variantes de uso de nossa língua. Não há dúvida de que esse segmento poderá influir nas futuras transformações pelas quais a língua irá passar por sua própria natureza dinâmica.

A questão que se coloca aqui é se estaria essa linguagem do mundo virtual, do *ciberespaço*, prestes a invadir também o mundo real. No próximo capítulo, serão abordadas questões referentes à escrita eletrônica, que possam elucidar o processo de comunicação escrita na escola.

CAPÍTULO 3 - LINGUAGEM EM TEMPO REAL NA INTERNET

3.1 Introdução

A linguagem é vista como instrumento de interação social e formadora de conhecimento. Essa concepção supera a concepção da linguagem como sistema pré-estabelecido, estático, centrado no código. Bakhtin afirma que a verdadeira substância da língua (...) não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas (...) mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e das enunciações (1986, p.109).

A concepção de linguagem inter-ação: o dialogismo, conceito-chave na teoria de Bakhtin (1986), transcende ao sentido restrito (a comunicação verbal direta e em voz alta entre uma e outra pessoa). Dialogismo é toda comunicação verbal, qualquer que seja a forma. Do ponto de vista discursivo, não há enunciado desprovido de dimensão dialógica, pois qualquer enunciado sobre um objeto se relaciona com enunciados anteriores produzidos sobre este objeto.

Por isso, todo discurso é fundamentalmente diálogo. Isso significa que os significados e sentidos são produzidos nas relações dialógicas, na mesma medida em que sujeitos e objetos no mundo se constituem como sujeitos e objetos do e no mesmo discurso.

Assim pode-se avaliar a importância da relação entre sujeitos (dimensão constitutiva da linguagem), porque a palavra está, fundamentalmente, alienada ao outro – aquilo que procuro na palavra é a resposta do outro que me irá constituir como sujeito – a minha pergunta fundamental ao outro diz respeito a onde, como e quando começarei a existir na sua resposta.

Aparecem, aqui, duas funções da palavra intimamente ligadas: a mediação para o outro e a revelação do sujeito. Benveniste (1976) explica, com propriedade, essa relação: a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém que será a minha alocução em tu (o outro).

A influência da concepção interacional de linguagem, no ensino da língua, é lenta, uma vez que os professores que atuam hoje, nas escolas públicas e privadas, tiveram sua formação acadêmica embasada em linhas tradicionais e ou estruturalistas. Trabalhar a linguagem como processo de interação exige redefinição de papéis quando a linguagem que permeia esta interação se faz virtualmente.

É preciso saber, pois, o que caracteriza uma linguagem e se a Informática possui estes elementos. Uma linguagem pode ser vista como um conjunto de técnicas utilizadas para armazenar e transmitir mensagens, idéias, intenções e as mais variadas expressões humanas. Mas, mais do que isso, uma linguagem é um instrumento que auxilia alguém a pensar sobre o mundo, sobre seus semelhantes e sobre si mesmo.

De certa forma, os instrumentos da Informática servem para armazenar e transmitir informações, mas o que diferencia a Informática da palavra escrita, por exemplo, é a possibilidade de trabalhar com uma gama mais variada de formatos de informação. Enquanto a escrita trabalha exclusivamente com as informações armazenáveis em palavras, na Informática é comum se falar de multimídia, ou seja, informação em formatos variados.

Mas a possibilidade de falar da Informática como linguagem só começa quando se analisa o impacto que a fácil manipulação de instrumentos de multimídia terá em nossa forma de pensar e de ver o mundo.

Vivemos em uma época em que as tecnologias estão invadindo crescentemente o mundo humano. Todos os dias se desenvolvem novas formas de integrar a tecnologia ao cotidiano, modificando a forma de fazer, ver e pensar o mundo. Vista desta forma, a tecnologia também pode determinar novas linguagens.

Com a Informática, novas formas de pensar podem estar nascendo. Apesar de ainda não conseguirmos definir precisamente o que seria o raciocínio próprio da Era da Informática, podemos analisar as ferramentas que têm potencial para alavancar as novas formas de representação e armazenamento do pensamento humano.

Pretende-se, neste capítulo, caracterizar esta linguagem que se constitui como um sistema contínuo de documentos interconectados fluidos e acessíveis. Funciona como uma central organizadora de materiais sógnicos múltiplos e poliseqüenciais tais como textos agregados a imagens, sons gráficos acessíveis aos usuários que podem se mover através das teias, nós, elos e links para outros sítios informacionais (Snyder 1996, p.24/25).

3.2 Espaço Cibernético

Lévy (1993) situa muito bem o meio eletrônico frente aos outros meios de comunicação: "a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por exemplificação e deslocamento de centros de gravidade." Estamos tão embebidos na *galáxia de Gutenberg* que não nos damos conta das diversas dificuldades que foram enfrentadas pelo homem na luta pela popularização da escrita.

Durante séculos, esta foi privilégio de poucos, a alfabetização era restrita a grupos eclesiásticos e a nobres. Seu nascimento deu-se num ambiente de violenta discriminação, ela tornou-se privilégio de determinada casta, somente a alguns era permitido o seu acesso e exercício. Os poucos que a dominavam controlavam os muitos que a ignoravam. A história comprova que nenhuma tecnologia veio para usurpar o espaço da outra. Todas convivem pacificamente, tendo cada uma seu público e sendo utilizadas em situações diversas, conforme a necessidade do indivíduo.

Pierre Lévy define espaço cibernético como um terreno onde está funcionando a humanidade hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como, por exemplo, na Pedagogia, Estética, Arte e Política (Lévy, 1996).

O espaço cibernético, para o autor, é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Atualmente, temos cada vez mais conservados, sob forma numérica e registrados na memória do computador, textos, imagens e músicas produzidos por computador. Então, a esfera da comunicação e da

informação está se transformando numa esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso.

Com o espaço cibernético, tem-se uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata.

E aí, a partir do momento em que se tem o acesso a isso, cada pessoa pode se tornar uma emissora, o que obviamente não é o caso de uma mídia como a imprensa ou a televisão. Então, daria para a gente fazer uma tipologia rápida dos dispositivos de comunicação, onde há um tipo em que não há interatividade porque tem um centro emissor e uma multiplicidade de receptores (Lévy, 1993).

O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem porque esta já existia numa enciclopédia ou dicionário. Portanto, a verdadeira mutação se passa noutros aspectos. Ressalta Lévy (1996) que, em primeiro lugar, não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e se desdobrar diferentemente diante de cada leitor.

O segundo ponto é que tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel, porque o próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem (Lévy, 1996).

Então, o espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial. O terceiro ponto que, sem dúvida, é o mais importante, é que estamos assistindo a uma desterritorialização dos textos, das mensagens, enfim, de tudo o que é documento: tanto o texto como a mensagem se tornam uma matéria.

Desta forma, o espaço cibernético, conforme aponta Marcuschi (1999), está se tornando um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso vai se tornar em termos culturais e políticos permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos, como por exemplo, no direito de propriedade.

Então, expõe Lévy (1994), o novo portador do saber, no novo horizonte, seria a própria humanidade. O autor aborda não a humanidade no sentido genérico mas de uma humanidade viva enquanto espaço cibernético.

O espaço cibernético, aqui, é entendido como esse espaço virtual onde a comunidade conhece a si mesma e conhece seu próprio mundo, porque são duas faces da mesma coisa.

3.2.1 Internet e Comunicação virtual

A comunicação entre os humanos é o que permite ao homem tornar-se cidadão. É através das diversas formas de linguagem que o homem consegue se organizar em sociedade, estabelecendo leis de convivência, firmando e transmitindo valores e conhecimentos. Toma-se, aqui, as técnicas de comunicação utilizadas pelo homem para entendermos a relação que este vem estabelecendo com o mundo e a nova relação que se delineia.

A década de 90 tem se caracterizado pelo avanço da comunicação, através das redes de computadores, o que culminou no fortalecimento da Internet, por vezes chamada de "Rede das Redes". O fortalecimento desta nova tecnologia da comunicação não é privilégio apenas de países onde os meios de telecomunicação estão em pleno desenvolvimento (Maddix, 1990).

As novas tecnologias têm atingido grandes avanços advindos da sociedade da informação, transformando substancialmente as formas de trabalho, de lazer, de comunicação, inclusive as concepções de espaço e tempo, do que é real e virtual, do que é tradicional e inovador, com repercussões sociais, econômicas, políticas e educacionais.

A Internet, dentre as novas tecnologias, é considerada a mais interativa até o momento e a mais promissora, não existindo em um lugar concreto, acontecendo em um lugar virtual, no ciberespaço (Heterick, 1993, p.8).

O quadro 3.1 apresenta a curva de adoção da Internet comparada com a de outras mídias.

QUADRO 3.1 - Internet e outras Mídias

Mídia	Número de anos necessários para se atingir 50 milhões de usuários
Rádio	38

Televisão	16
TV a cabo	10
Internet	5

Fonte: The Internet Report - Morgan Stanley, 1997.

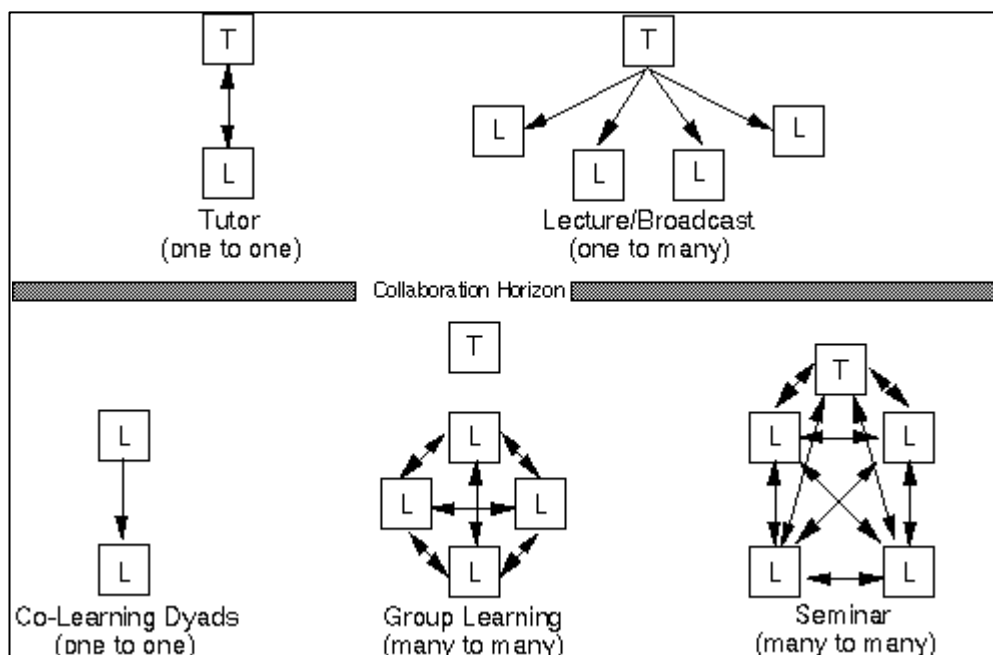
3.2.2 Internet e Educação

Para Laura Liguori (apud Litwin, 1993, p.90), a utilização da *Internet* como recurso didático pode melhorar a aprendizagem sempre que se analise com critérios pedagógicos:

- o aproveitamento que se faz das características próprias da ferramenta informática; a capacidade de interação aluno/informação; a capacidade de retroalimentar a aprendizagem dos alunos;
- a contribuição para a aprendizagem desde uma perspectiva inovadora, isto é, que favoreça a participação solidária entre os alunos; possibilite a pesquisa, a aprendizagem por descoberta e a recriação dos conhecimentos; apresente uma visão integradora em sua concepção, e propicie o tratamento interdisciplinar dos temas do currículo;
- as modalidades do trabalho em aula.

Vê-se, na Figura 3.1, a representação dos horizontes da aprendizagem colaborativa, que seriam favorecidos por um ambiente de educação *online*, de acordo com Harasim (1989):

FIGURA 3.1- Aprendizagem Colaborativa



Fonte: HARASIM (1989).

De acordo com a pesquisadora, ambientes educacionais com atributos tais como a assincronissidade, a interatividade e a distribuição equitativa da comunicação produzem uma aprendizagem ativa.

Harasim (1989) aponta como positivo o aspecto da interatividade e da comunicação, propiciado pela comunicação *online*.

Considerando o modelo presencial de ensino, verifica-se neste modelo, que a troca verbal durante a maior parte do tempo vem do professor. Este padrão é invertido no modelo *online* de educação. Segundo Harasim (1989), se no modelo presencial o professor responde por 60% a 80% da palavra, este número cai para 10% a 15% no modelo *online*.

Com relação à distribuição da comunicação, o fator de subversão é ainda maior. Na educação presencial, um, dois, três alunos ou um grupo específico de alunos tomam o poder da palavra, na educação *online* esta distribuição é equitativa. (Harasim,1989)

Em sua abordagem sobre processo ensino-aprendizagem, Apel (1996) ressalta que a Internet está envolta num deslumbramento, uma vez que, por mais que se a pesquise, ela nunca se esgota. Apresenta-se como uma grande vitrine: todos a admiram; seu poder de sedução é muito grande. Os jovens a admiram a ponto de não censurá-la. No entanto, copiam tudo, não questionam nada.

Apel (1996) analisa que a Internet constitui uma grande fonte de pesquisa e possui diversificado material informativo, banco de dados, interação rápida, e os usuários podem acessá-la sempre que quiserem, favorecendo o trabalho cooperativo, a aquisição e a construção de novos conhecimentos, ao mesmo tempo que oportuniza o trabalho individualizado de aprendizagem. A Internet pode ser de grande ajuda, uma vez que, no momento em que se necessita de uma informação, pode-se recorrer à rede e localizar orientações por assunto, por problemas, conectar com os “*experts*” na especialidade e conhecer experiências inovadoras na área.

Ferreiro (2000) aponta que a Internet abre, na escola, a possibilidade para que todos possam escrever e publicar. Segundo a autora, se pensarmos na quantidade de informações em circulação, nas várias mídias à disposição, veremos que o privilégio de produzi-las, distribuí-las e determinar o momento de fazê-lo ainda está concentrado na

mão de poucos. A maior parte das informações a que temos acesso já vem filtrada e determinada, geralmente, por grupos multinacionais que detêm este poder em suas mãos.

Assim, a partir do momento em que se tem acesso a uma mídia onde a veiculação de informações pode ocorrer em múltiplas vias, onde há a possibilidade de interferência e a comunicação é possível de modo síncrono e assíncrono, é preciso parar e pensar nas novas possibilidades abertas. O acesso à *Internet*, que abre estas novas possibilidades, ainda é restrito e é neste sentido que os professores das escolas públicas, conectados, têm um papel fundamental.

Nas palavras de Ferreira (2000, p.52):

"A necessidade de que os grupos marginalizados possam expressar suas demandas, seus modos de perceber a realidade, suas reclamações, fica cada vez mais patente para que a própria idéia de democracia não venha abaixo. Essas demandas e exigências devem ser expressas, de maneira crescente, no estilo próprio de um texto escrito. A ênfase na produção textual seria uma contribuição específica da escola, não só por uma exigência externa, mas também para garantir a possibilidade de que qualquer um possa dizer quem é e defender seu ponto de vista por escrito nesta sociedade que já não acredita mais no que se expressa de maneira oral e que exige que tudo seja posto sobre o papel para poder ser julgado, valorizado ou definido em um tribunal."

Para a autora, na escola, muitas vezes, a escrita torna-se um objeto descontextualizado, pois perde sua função - a comunicação - e os alunos escrevem "sob encomenda", sabendo de antemão que o *"circuito tradicional de produção de um texto é: entrega, correção, arquivamento."* (Ferreira, 2000, p.54).

Escrever, nestas condições, faz com que o texto perca sua finalidade, seu vigor e autenticidade. Os alunos, sem uma motivação interna, perdem cada vez mais a vontade de escrever e, conseqüentemente, as produções tornam-se impessoais e ortograficamente cheias de incorreções. Instaura-se a dicotomia escrever (aluno) e revisar (professor) e o texto torna-se o resultado pobre e mal articulado de um compromisso a cumprir.

Segundo Maturana e Varela (1990), com a *Internet*, que abre a possibilidade de publicar, de usar a via escrita para comunicar idéias, expor pontos de vista, para eventuais leitores que estão além dos muros escolares, podemos, quem sabe, reverter

este quadro, uma vez que o escrever passa a ter outro sentido e assume outra dimensão e destino.

Sabe-se que a escrita, quando é contextualizada, produzida, tendo em vista a comunicação e dirigida a um público leitor, ativa um movimento em direção ao estabelecimento de relações entre o interno - as sensações, impressões, saberes, desejos e expectativas do autor - , e o externo - a coletividade, os leitores e como poderão entender o que está sendo comunicado (Ferreiro, 2000)

Maturana e Varela (1990) acreditam que, na medida que se possibilita este tipo de ação aos alunos, e lhes são garantidos espaços para interação (formulários, e-mail , chats, etc), ampliam-se também as possibilidades de intervenção problematizadora. A problematização deixa de estar exclusivamente na mão dos professores, se horizontaliza, pois todos os integrantes da comunidade, e mesmo pessoas fora dela, podem assumir esta função, apontando aspectos não previstos, sugerindo explicitações e dando *feedback* ao material publicado.

Por isto mesmo, analisa Apel (1996), há hoje, na *Internet*, muitos espaços específicos para a conversação escrita, para a escrita coletiva , para a publicação de textos individuais de alunos ou de professores. Os *chats* (síncronos), as listas, os sites de criação de textos coletivos e os fóruns (assíncronos) são alguns dos espaços mais procurados e mais conhecidos. Neles, infere Apel (1996), cria-se um clima que favorece e provoca os grupos a estabelecerem relações cooperativas, onde os esquemas de pensamento de cada um vão se tornando mais complexos, em função dos novos elementos que vão se agregando, à medida em que o trabalho e o diálogo avançam. Os *chats*, principalmente eles, passam a ter significado e distanciam-se da idéia de bate-papos inconseqüentes.

3.2.3 Escrita *Online*

A existência de diferentes modalidades no uso da língua e o domínio da norma culta são questões que preocupam todos os envolvidos com o ensino do idioma. Claro que, apesar da aceitação dos diferentes níveis do uso da língua, o domínio do padrão culto escrito é condição indispensável para o aprimoramento cultural, moral e intelectual do indivíduo e o crescimento do país e de nosso povo. Cabe à escola,

portanto, ensinar a norma culta escrita, sem menosprezar as demais modalidades da língua consideradas "erradas" por alguns segmentos tradicionalistas do sistema educacional.

No entanto, a primeira atitude dos *internautas* é fugir, o mais possível, das rígidas normas da língua escrita. Podemos dizer que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os *internautas* trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada. Para tanto, utilizam-se de uma gama enorme de recursos da própria linguagem escrita, obtendo, assim, um resultado bastante satisfatório e comunicativo.

As mensagens trocadas por meio do correio eletrônico (*e-mail*) constituem-se textos elaborados, já obedecendo às normas da língua escrita padrão, pois o *internauta*, quando redige um *e-mail* dispõe de tempo para elaborar seu texto. As conversações no chamado "tempo real", entretanto, são mais interessantes pelo fato de os interlocutores não disporem de tempo para fazer um planejamento prévio de seu discurso. Nesse caso, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de tempo. Isso faz com que os *internautas* tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação.

Nesse sentido, a Internet, a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem, também criou sua variante da língua. Hoje, mais de um milhão de pessoas no Brasil utiliza a *Internet*. Todos os dias, milhares de novos brasileiros se conectam a essa enorme rede. Cada vez, mais e mais pessoas estão acessando as chamadas "salas" de "bate-papo". Cada vez mais pessoas vão aprendendo o "internetês", o linguajar dos *internautas*.

O *internauta* não se comunica de forma normal, escrevendo as palavras corretamente, obedecendo ao máximo às regras de nossa ortografia, uma vez que esta comunicação, no chamado "tempo real", tem de ser ágil, dinâmica, não se pode perder tempo digitando as palavras de forma rigorosamente correta, consultando dicionários, etc, pois o tempo na *Internet* custa dinheiro.

Além disso, nem todo *internauta* tem um domínio completo da língua escrita. A maioria das pessoas tem dificuldade em redigir um texto seguindo, rigorosamente, as normas da língua escrita culta. Outro fator interessante, e talvez menos observado, são as variações semânticas que existem de uma região para a outra. Um gaúcho, por

exemplo, quando conversa, numa "sala" de "bate-papo" com um cearense, tem de tomar certos cuidados ao digitar as mensagens, pois as disparidades semânticas de uma região para a outra podem suscitar mal-entendidos.

Um componente muito interessante da linguagem dos *internautas* são os *emoticons*, que são símbolos que representam os sentimentos e o tom de quem está falando. Nem todos os *internautas* fazem uso desse recurso. O quadro 3.2 apresenta uma relação com a maioria dos *emoticons* conhecidos:

QUADRO 3.2 - EMOTICONS

X-) Com vergonha ou tímido	:~) resfriado (1)
:~) Estou feliz	:*) resfriado (2)
B-) Estou feliz e de óculos	:- hmmmph!
:-) Triste ou com raiva	:-C queixo caído
:~)) Estou gargalhando	:-# beijo (1)
<:-) Você fez perguntas bobas	:-* beijo (2)
(:~...) Mensagem de partir o coração	:+) nariz grande
:-/ Estou perplexa	:-D gargalhando
:-0 Estou impressionada	:-} olhando maliciosamente para alguém
:-P Dando língua	(-: canhoto
(:-(Estou muito triste	:-9 lambendo os lábios
:-x Mandando beijo	:- macaco
:-D Rindo	:-{ bigode
 -(de madrugada	(-) precisando de um corte de cabelo
:'-(Chorando	:^) nariz deslocado
:-o Oh, não!!	=:-) punk
[]'s (abraços)	:-" lábios franzidos
:- zangado	 ~] Robocop
(:-) careca	O:-) santo
:-) feliz	:-@ gritando
:-(triste	:-O chocado
B-) Batman	:-V berro
:-> barbudo	 ~) dormindo
%+(espancado	:-i fumante (1)
?~) olho roxo	:-Q fumante (2)
R-) óculos quebrados	:-6 gosto azedo da boca
:^) nariz quebrado	:-V falando
!:-) sombrancelhas espessas	*~) drogado
<~) chinês	:-T lábios selados
:-t mal-humorado	:-p língua na bochecha, brincadeira
X-) estrábico	:-/ indeciso
:'-(chorando	:- < vampiro
i-) detetive	:-) muito feliz
:-e desapontado	:-((muito triste
:-)' babando	:-c muito infeliz
<:-) pergunta estúpida	d:-) usando boné
>:-) sorriso malicioso, maldoso	[:-) usando headfones
:'''-(inundação de lágrimas	:-(#) usando aparelho dentário
/:-) francês	;-) piscando
::-) usuário de óculos	:-7 sorriso irônico
_m (o_o)_ Espiando por cima do muro	I-O bocejando
:-} + :-) = ()> Vamos tomar um chopinho	@} —enviando uma rosa para alguém
	... ^ . ^ ... Espiando por cima do muro

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, p. 32-35, 1998.

As abreviaturas também são muito comuns na linguagem da Net, e são, na sua maioria, de frases em inglês o que dificulta ainda mais a vida de alguns cibercibernetas pouco dados a estrangeirismos. O quadro 3.3 mostra algumas dessas abreviaturas.

QUADRO 3.3 - Abreviaturas

ABREVIATURA	SIGNIFICADO
AFAIK	<i>As far as I know.</i> (Tanto quanto sei.)
AKA	<i>As known as.</i> (Mais conhecido por.)
BCNU	<i>Be seeing you.</i> (Até à vista)
BTW	<i>By the way.</i> (A propósito.)
BRB	<i>Be right back.</i> (Volto já.)
CU	<i>See you.</i> (Até breve, adeus.)
CUL	<i>See you later.</i> (Até logo.)
DIMU	<i>Did I mess up?</i> (Fiz asneira?)
FAQ	<i>Frequently Asked Questions.</i> (Perguntas freqüentes.)
FYI	<i>Frequently Asked Questions.</i> (Perguntas freqüentes.)
HAND	<i>Have a nice day.</i> (Desejo-te um bom dia.)
IMHO	<i>In my humble opinion.</i> (Na minha modesta opinião.)
IMO	<i>In my opinion.</i> (Na minha opinião.)
ISTR	<i>I seem to remember.</i> (Parece que me estou a lembrar.)
ITYMTP	<i>I think you missed the point.</i> (Acho que não percebeste.)
IYSWIM	<i>If you see what I mean.</i> (Se é que compreendes o que eu digo.)
LOL	<i>Laughing out loud.</i> (Dar uma gargalhada.)
MORF	Male ou Female? (Masculino ou feminino?)
MOTOS	<i>Members of the opposite Sex.</i> (Elementos do sexo oposto.)
MOTSS	<i>Members of the same Sex.</i> (Elementos do mesmo sexo.)
OAO	<i>Over and out.</i> (Terminou a comunicação.)
OTOH	<i>On the other hand.</i> (Por outro lado.)
POV	<i>Point of view.</i> (Ponto de vista.)
ROTFL	<i>Rolling on the floor laughing.</i> (Rebolar no chão a rir.)
RTFM	<i>Read the f..... manual.</i> (Lê a m.... do manual.)
TIA	<i>Thanks in advance.</i> (Antecipadamente grato.)
TTFM	<i>Ta ta for now.</i> (Adeus, por agora.)

Fonte: Fonte: ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet:
<http://www.terravista.pt/FerNoronha/2312/index23.htm>

As conversas, nas "salas" de "bate-papo" da *Internet*, se dão da forma mais informal possível, usando a língua escrita como código e, de uma certa forma, a língua falada como forma de expressão. Alguns exemplos de frases tiradas diretamente de uma "sala" de "bate-papo" do provedor ZAZ, da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), estão expostas no quadro 3.4 :

QUADRO 3.4 - Expressões em salas de Bate-Papo

EXPRESSÃO	CONTEXTO LINGÜÍSTICO
sorte sua q. vc ainda consegue desconectar...o meu nem conecta.....buáááááááááááá.	. Não inicia o período com inicial maiúscula; . abrevia que por q , você por vc ; . usa reticências como indicação de pausa, simula um choro de mentirinha, de forma irreverente, usando a expressão onomatopéica "buááááá".
O que foi???????????????????? O QUEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE????????????	. Uso de forma despreocupada com a língua escrita.
ALGUÉM TECLA COMIGO, POR FAVOR????????	. Uso de maiúscula para demonstrar um grande apelo ou gritar.
risos...vê se ã some...p/ gente poder marcar..tá????	. Abrevia não e para ; . demonstra expressividade através de reticências.
eu ???? magina .	. Não usa maiúsculas; . Não segue organização ortográfica.
Ops...se escutar me conta.....	.Cometeu uma gafe e está corrigindo ou coisa assim.
Então coma ALFACES!!!!!!!!!!!!!!.....**rrr**	. Dá destaque, usando letras maiúsculas, à palavra alface finalizando sua assertiva com uma risada, demonstrada pelos símbolos **rrr** .
Smackssssssssssssssss oi genteeeeeeeeee.	. Demonstra o beijo, com a criação própria de expressão; . inicia sem maiúsculas, expressa simpatia com a repetição das letras.
não se preocupe...eu também sabo fazer spaggetti Eita tchurma grande de boa sô... :o) vo me perder	. Falta de vínculo morfossintático; . Reduz palavras e cria outras.

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, p. 32-35, nov.1998.

É importante ressaltar que as expressões, palavras, abreviações e abreviaturas utilizadas nesse mundo virtual não seguem uma forma rígida. O *internauta* tem todo o direito de se expressar da forma que melhor lhe convier. Nem mesmo existe a necessidade de se utilizar esse modo informal e reduzido de escrever. O *internauta* pode, se quiser, usar a língua escrita padrão. Ninguém, na *Internet*, é discriminado por ser um pouco mais formal.

Há, ainda, a criação de ortografia própria nesta comunicação virtual, como mostra o quadro 3.5 :

QUADRO 3.5 - Processo Ortográfico

4U = for you = para você	Falow = adeus, até mais!
AKI ou aki = aqui	hahahaha = tipo de risada
AWAY = estar away significa estar <i>online</i> , mas longe do microcomputador	DCC-Foto = pede para a pessoa enviar uma foto pelo comando DCC

B4 (before) = depois	hehehehe = tipo de risada
Beijaum = beijam	HUMPF = demonstra desagrado
BLZ ou blz ou Blz = beleza	Ixi, putz , = exclamações
BUAAAA = choro	Lammer = pessoa idiota
CHUIF = choro	Naum = não
SNIFF ou sniff!! = choro	Nomidade = nome e idade
CD,cd, kd, KD = cadê	Otoh (<i>On the other han</i>) = por outro lado
Chatear = conversar com alguém no CHAT	PVT-me (Private me) = chamar alguém para a sala.
Cool = legal (o mesmo que <i>rulez</i>)	Sacmsksssss = representa beijo

Fonte: ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet

<http://www.terravista.pt/FerNoronha/2312/index23.htm>

A língua é uma instituição viva, presente no cotidiano de cada um de nós. Ela está em constante transformação. A língua, pois, não se deteriora, não se degenera. Ela se transforma, adquire novos elementos e põe em desuso outros. Esse é um processo normal que faz com que as línguas evoluam e acompanhem as transformações sociais, econômicas e culturais dos povos.

A língua escrita e quase falada dos *internautas* é mais uma das inúmeras variantes de uso da nossa língua. Não há dúvida de que esse segmento poderia influir nas futuras transformações por que a língua irá passar nos próximos anos.

3.2.4 Dificuldades em *Internet*

São muitas as dificuldades de acesso ao ciberespaço. Os problemas técnicos são considerados os mais significativos. Há problemas com a própria rede que, às vezes, torna a conexão lenta, problemas de segurança e manutenção técnica, além da despesa com o provedor.

Do ponto de vista da informação, segundo Aparici (1998), a rede não oferece credibilidade. As informações são veiculadas espontânea e intuitivamente, sem rigor científico, e nem sempre são verdadeiras, considerando que a rede aceita tudo, não tem nenhuma forma de censura.. Assim, o grande desafio dos educadores será como criar mecanismos para orientar o educando a lidar com essas limitações, ou, ainda, como muni-lo de técnicas que possam ajudá-lo a descartar o "lixo". Os educadores terão de

estabelecer critérios para a seleção da informação, o que, no momento, está se buscando.

É preciso considerar a seleção de informações, tarefa árdua para todos e, para os educadores, um grande desafio, uma vez que o chamamento da novidade é muito estimulante, as informações são ilimitadas e muitas delas inúteis e imprecisas, levando à grande perda de tempo.

Esta é, com certeza, conforme ressalta Bressane (1998) uma competência que teremos de dominar, considerando a rapidez e o dinamismo do crescimento da sociedade de informação.

Outro aspecto a ser considerado é que de cada 150 brasileiros somente um tem acesso à Internet, segundo Aparici (1998); logo, o acesso é muito limitado, o que evidencia uma tecnologia elitista e pouco democrática. Podemos exemplificar com a escola pública, que atende a maioria da população brasileira em faixa escolar, mas não disponibiliza condições nem recursos satisfatórios para o acesso ao ciberespaço.

Conseqüentemente, conclui o autor, dessa minoria internauta, quem tem nível de discernimento maior, mais escolaridade, terá mais facilidade de lidar com a tecnologia, enriquecer e ampliar seus conhecimentos.

Com o vertiginoso crescimento da rede, esse distanciamento, entre os que acessam a *Web*, torna-se cada vez mais significativo, evidenciando, assim, a necessidade de conectarem-se na rede unidades de ensino, bibliotecas ou qualquer outro lugar onde as pessoas tenham a oportunidade de interagir.

Como afirma Moran (1998),

"a Internet pode tornar o ensino e a aprendizagem como processos abertos, flexíveis, inovadores, contínuos, que exigem uma excelente formação teórica e comunicacional, para navegar entre tantas e tão descontraídas idéias, visões, teorias, caminhos".

3.3 Hipertexto

Podemos observar que as tecnologias mais avançadas geralmente absorvem as conquistas das tecnologias anteriores, assim como aconteceu com o cinema, cujo desenvolvimento estava respaldado na foto.

O hipertexto eletrônico pode ser uma leitura muito familiar, se nós o relacionarmos também com as notas de rodapé, as revistas e as enciclopédias. Essas últimas permitem um movimento sem seguir nenhuma seqüência específica. A diferença básica seria que, no hipertexto, uma nota pode ser maior que o texto original e dela você opta por voltar ao texto inicial ou perder-se nas "malhas das letras" eletrônicas. Além disso, a velocidade faz a diferença. Tudo acontece mais rapidamente e essa expansão da informação leva muitos a se preocuparem com essa "hiperinflação informativa".

A informação num sistema hipertextual interliga-se dinamicamente numa rede complexa composta por nós, possibilitando uma leitura não linear, que permite percorrer o texto através de percursos diferenciados. Este tipo de estrutura textual reveste-se de uma grande plasticidade, já que o texto é desmembrado em unidades mínimas de significação (que podem remeter para textos, imagens e sons) que são ligadas uma às outras não de forma indexical, mas por um princípio de associação.

Desta forma, quebra-se a hierarquia de conceitos característica do livro impresso, motivando uma leitura ativa e atuante no próprio texto.

Um sistema hipertextual permite que autores e grupos de autores liguem informações entre eles, criem caminhos entre um *corpo* infinito de textos, ao qual posteriormente se pode aceder de forma rápida e eficaz. Os leitores podem navegar nesta rede, passando de ligações para ligações de uma forma organizada mas não seqüencial.

3.3.1 Alguns Conceitos de Hipertexto

Segundo Landow (1992), o hipertexto põe em cheque: seqüências fixadas, começo e fim definidos, uma estória de certa magnitude definida e a concepção de unidade e todo associada a todos esses conceitos. Na narrativa hipertextual, o autor

oferece múltiplas possibilidades, através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e escolhem personagens, realizando saltos com base em informações referenciais.

Heim (1993) aponta o hipertexto como um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta como os processadores de textos. Por sua característica, o usuário interliga informações intuitivamente, associativamente. Através de saltos - que marcam o movimento do hipertexto - o leitor assume um papel ativo, sendo, ao mesmo tempo, co-autor.

Para Lévy (1993) o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. Os itens de formação não ligados linearmente como um nó em corda, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

A compreensão de hipertexto para Conklin (1987), apud Leiro (1994), janelas na tela são associadas com objetos na base de dados e ligações são estabelecidas entre estes objetos, tanto graficamente, na forma de marcas rotuladas, como na base de dados na forma de ponteiros.

Para Smith (1988), ainda apud Leiro (1994), hipertexto é uma abordagem da gestão de informação na qual os dados são armazenados em uma rede de nós conectados por ligações. Os nós podem conter textos, gráficos, áudio e vídeo, bem como programas de computador ou outras formas de dados.

Para Shneiderman & Kearsley (1989), referenciados em Apud Leiro (1994), o hipertexto pode ser uma rede de nós e ligações entre documentos, onde documentos são nós e as ligações são referências cruzadas.

As redes podem ter a forma de hierarquia, embora geralmente as associações entre os nós sejam mais complexas. Os nós não se restringem a textos, mas podem ser gráficos, fotos, sons, narração ou seqüências animadas (vídeo).

Quando os documentos são de natureza (tipo) multimeios, o termo hipermídia é freqüentemente usado.

3.3.2 Textualidade

Quanto ao redimensionamento da textualidade no Hipertexto, pode-se observar que ele se caracteriza também pela:

1) Pluritextualidade - capacidade de amalgamar aportes sígnicos e sensoriais diversos tais como escritos, imagens, sons, mapas, gráficos tridimensionais através do processo de digitalização, que, por sua vez, possibilita a interface com todos esses recursos de linguagem numa única tela de computador, oferecendo ao usuário uma experiência multissimbólica impossível às tecnologias anteriores de escrita. (Bolter,1991)

Essa convergência de suportes midiáticos sobre uma mesma superfície de acesso - chamada pelos especialistas de hipermídia - produz um efeito de linguagem de natureza sinestésica sem paralelos (Bolter 1991, p.27), contribuindo para a instauração de um ambiente cognitivo propício à exploração e apreensão de informação em velocidade compatível com a do fluxo de pensamento (Snyder 1997, p.25). Imersas numa atmosfera intersemiótica, as atividades de leitura e escrita se tornam experiências muito mais plenas, já que leitores e autores dispõem de um grande conjunto de artefatos lingüísticos verbais, para-verbais e não-verbais, a fim de consignar os seus objetivos enquanto agentes co-produtores de discursos.

2) Superintertextualidade - por estar vinculado à rede, o texto eletrônico é essencial e infinitamente intertextual; mantém necessariamente relações em cascata com outros textos que se agregam a cada instante aos inúmeros portais de acesso à malha global de informações. Dessa forma, as fronteiras entre os textos são obscurecidas, como também a ilusão de se chegar à exaustão de um tópico. As notas e referências se multiplicam em proporções absurdas. Uma vez conectado, desaparecem as distinções clássicas entre texto principal e secundário, estatal e privado, individual e social, permitido e proibido, em construção e já-construído.

Dissolvem-se as concepções estanques de autor e leitor. Os discursos dialogam, discutem, disputam entre si; eles se refratam e se remetem mutua e ininterruptamente num *já-aqui* virtual. A implicação pedagógica decorrente disso é profundamente rica em fontes de exploração informacional, abrindo-nos a perspectiva de fazermos textos cada vez mais completos, sem complexidade inacessível, sugestivos e não dogmáticos; bem

como compreender idéias e raciocínios pouco claros à primeira vista através do desvio por outros documentos a eles vinculados.

3) Megainteratividade - esta também é uma característica constitutiva do Hipertexto. A promessa de utilização simultânea dos diversos aparatos midiáticos acoplados a um só equipamento - o computador - torna exequível a utopia humana de ser sujeito de suas ações e não mero espectador inerte, dócil e bem-comportado em face aos discursos provocadores e equivocados com os quais se defronta a todo momento.

No espaço acromático e democrático da rede sempre aberta a novas e divergentes idéias, as possibilidades de trocas e de cumplicidade são iminentes e instantâneas, haja vista os avançados sistemas de telecomunicações (satélite, fibra ótica, célula irradiadora de ondas de radiofrequência) que veiculam, não apenas escritos e sons, mas imagens ao vivo a partir de/em direção a aparelhos domésticos situados em qualquer ponto do planeta.

Certamente as relações interpessoais assumem um outro formato, uma configuração muito mais atitudinal e coletiva, uma vez que poderá ser compartilhada por muitos usuários ao mesmo tempo como ocorrem com os dos grupos de discussão e salas de bate-papo, teleconferências.

Nestes ambientes, todos os envolvidos têm acesso à grande parte do processo de elaboração da escrita eletrônica que se torna alterável e permeada por "falhas" e hesitações próprias do fluxo contínuo do raciocínio em construção, semelhantes às interações verbais face-a-face (Snyder, 1997).

Em outras palavras, os participantes se movem rápida e repetidamente entre as funções de leitor e autor, obscurecendo, dessa maneira, a tradicional dicotomia entre estes papéis (Snyder 1997:06). Em uma palavra, a alta interatividade inerente ao Hipertexto transforma os seus usuários em co-produtores do processo interacional.

A autonomia, o senso de responsabilidade e cooperação vão instaurar uma nova dinâmica na construção/desconstrução de textos, pois, vivenciando esses processos como agentes virtuais, os usuários tornar-se-ão sabedores reais dos mecanismos necessários ao funcionamento satisfatório de textos.

3.3.3 Escrita e Hipertexto

Em artigo sobre o livro digital, Mello Jr. (2000) cita a escrita como a mais importante descoberta técnica dos homens e, com ela, inúmeros conhecimentos antes soterrados nos labirintos da oralidade puderam ser resgatados por gerações futuras, fundando uma nova modalidade de colaboração humana, conhecida por nós como ciência. À escrita devemos, portanto, todo o nosso progresso tecnológico.

Segundo o autor, escrever é registrar conhecimentos, formatar sensações, criar novas modalidades de entendimento, reinventar o mundo valendo-se da combinação infinita de poucas letras. Ler é atualizar o que foi escrito, mas não todo o conteúdo. Quando lemos, nos apropriamos apenas de uma parte do texto ao conteúdo apreendido, juntamos outros que vagam nos desertos da memória, interpretamos e reinterpretemos o material assimilado e, ao final deste movimento, que pode durar o mesmo tempo que o próprio ato de leitura, estaremos diante de um outro texto, recortado, dobrado sobre si, modificado.

Se um texto só existe verdadeiramente quando lido, e se o ato de leitura implica transformação radical ou não do texto, então toda leitura é hipertextual, conclui Mello Jr (2000).

A tecnologia criou condições para que ao texto alfabético se conecte uma série de recursos antes utilizados por nossa mente durante a leitura. Finalmente, o leitor, considerado por séculos um passivo usuário, influencia definitivamente o texto concedendo a este, no próprio ato de sua confecção, os múltiplos recursos.

Quem já navegou obras compostas em hipertexto pôde constatar que elas apresentavam uma ampla variedade de *links*, que permitem ao leitor remeter-se à origem de determinados argumentos, ou visualizar mapas e fotos da região que o texto descreve. Ou mesmo ouvir a música produzida na época retratada. Mas, ainda mais instigante é a possibilidade de o leitor registrar suas impressões a respeito do texto lido, ao mesmo tempo em que pode consultar as impressões de um número indefinido de leitores.

De forma definida, conclui Mello Jr (2000), a postura aparentemente passiva do leitor é substituída por uma atividade leitora que deixa marcas visíveis sobre o texto.

No entanto, em relação ao texto tradicional, o Hipertexto apresenta algumas peculiaridades que o tornam uma teia labiríntica e reticulada de documentos afins ou divergentes. São elas:

1) Não-Linearidade - marca fundamental do Hipertexto, esta técnica de produção e disponibilização da informação libera o leitor para seguir a seqüência de leitura no ritmo que desejar, fazer os saltos de parágrafos, seções ou capítulos que lhe interessarem; otimiza-o a percorrer caminhos outros, através dos links, que não são necessariamente os indicados pelo autor. Isto não implica uma destituição absoluta de seqüencialidade, até porque a inteligibilidade de qualquer linguagem demanda algum tipo/forma de seqüencialização - palavra, frase, parágrafo - (Snyder 1997, p.46) que não seria prescindível ao texto eletrônico. Pode-se dizer que ele possui um menor grau de linearidade em relação ao texto comum.

2) Fragmentação - por ser uma tecnologia de escrita em processo, o Hipertexto rompe com a hierarquia canônica de começo, meio e fim pré-definidos. O ponto-de-partida de uma leitura hipertextual feita por um leitor x pode se transformar em ponto-de-chegada realizada por leitor y . No texto eletrônico, as fronteiras estão sempre abertas e vulneráveis a desvios, fugas e retornos do leitor que tem o timão de controle para sua "navegação" pelo oceano informacional, ancorando, muitas vezes, em certos portos-links de passagem motivados pela mera curiosidade.

Esta qualidade do texto eletrônico desterritorializa a escrita inicial do autor, provoca um apagamento nas relações de autoria de uma obra, sem, no entanto, dispersar aleatoriamente o leitor na rede. Pelo contrário, ambos autor e leitor são inseridos simultaneamente como agentes nesta sofisticada teia informacional. O segundo pode distrair-se temporariamente ou indefinidamente. Entretanto, ele deve estar consciente de que digressões hipertextuais exaustivas têm o risco de colocá-lo em situações com pouca coerência. Aliás, a coerência no Hipertexto se realiza diferentemente em comparação com o texto tradicional impresso (Bolter 1991, p.9).

3) Virtualidade - o Hipertexto é significativa e estruturalmente instável. Por ser virtual, potencial, atualizável sem precisar passar pela concretização efetiva ou formal, esta tecnologia intelectual manifesta-se de forma versátil e, neste sentido, se opõe diametralmente à estabilidade e concretude material do texto impresso. Não há nada pronto, acabado, no Hipertexto, pois a atualização e modificação por acréscimo ou

conexão de um outro texto a uma "matriz" hipertextual são possíveis a mais de um usuário simultaneamente, em qualquer lugar do planeta, dotando o hipertexto de uma ubiquidade impensável aos impressos tradicionais.

Parafrazeando Lévy (1997, p.21), a virtualidade do Hipertexto teria um traço singular: unidade de tempo sem unidade de lugar. Essa volatilidade do hipertexto derivada da sua natureza virtual torna-o múltiplo e farto em produção de sentidos, pois, se a cada leitura por um usuário diferente acontecer uma modificação na tal "matriz" hipertextual, sempre haverá mais links/elos/nós que permitirão novas maneiras de navegar e levarão, inevitavelmente, a diversificadas interpretações por outros usuários.

3.4 Conclusão

Numa análise semiótica, é inegável que existam diferenças entre hipertexto eletrônico e o texto impresso. Não hesitamos em afirmar que o hipertexto transgride as leis da teoria do texto e arrolamos suas diferenças.

Ele é um meio de informação que existe somente *online* no computador, dispõe de diferentes entradas e saídas, verdadeiras trilhas aos usuários. Sua estrutura é formada por blocos que se unem e têm passagem através de *links*, possui disposição não linear, podendo ser construído com sons, gráficos, animações, vídeo e realidade virtual. E as ligações que fazemos de uma *homepage* a outra dão passagem a um universo que nem sempre se encontra relacionado ao tema que pesquisamos.

Atualmente, no complexo informacional moderno, é necessário questionar qual é o lugar que a escrita ocupa no contexto em que vivemos, qual seu papel histórico e social, quais são as regras de seu funcionamento e suas especificidades, qual a amplitude dessa nova comunicação no contexto social.

Virilio (1996) , teorizando a implosão e o aniquilamento do espaço-tempo, questiona quais serão os estragos provocados pelo início de uma dissuasão informática da realidade sensível, depois do fim da guerra fria e do declínio da dissuasão atômica, que se parece cada vez mais com uma verdadeira "industrialização da simulação".

Ele aponta para o perigo de nos distanciarmos do real, ou melhor, de não conseguirmos "distinguir entre o que vemos real, e portanto verdadeiro, e o que um

outro indivíduo pode tomar como real e verdadeiro, (...) colocando-nos no lugar dessa outra pessoa," vindo com seus olhos, introduzindo-nos no final de um ciclo de apercepção, de privação sensorial, de cegamento que ele denomina "a indústria do não-olhar".

Estamos contaminados pelo reino da simulação, da ilusão, mas isto não configura uma sociedade perdida, um corpo perdido, uma "desrealização geral" como sugere Baudrillard (1991). Vivemos num labirinto e constantemente estamos verificando os conceitos fundamentais que enredam a natureza humana, pois passamos a trabalhar com valores flutuantes, tornando-se impossível assegurar uma compreensão real e única das coisas.

Não podemos nos acorrentear à imediatez, ao presente, ao sensível, ao aqui e agora. As inovações tecnológicas são resultado das ações sociais; o homem é o centro desse processo de conhecimento. As modernas tecnologias não agem, simples e diretamente sobre esse tempo histórico, o homem não está inerte nesse torvelinho. Pensar o mundo é pensar o homem que está mergulhado nele.

No entanto, a emergência do Hipertexto não chega a romper radicalmente com os princípios básicos de textualidade postulados por Beaugrande (1981), todavia inevitavelmente os redimensiona, ampliando a sua abrangência e relevância, enquanto princípios de acesso e não de boa-formação textual. O hipertexto contempla uma intenção discursiva centralizada no conteúdo.

Aliás, Beaugrande (1997) já fez uma revisão de tais padrões de textualidade em seu mais recente trabalho, reconhecendo que eles, na verdade, não seriam imperativos imprescindíveis a enunciados que exigem o *status* de texto, mas um conjunto de condições que apontam cognitivamente para a efetivação de um evento comunicativo.

Ainda que o Hipertexto não represente uma novidade radical na acepção e ideário da tradição ocidental (Marcuschi 1999, p.03), ele parece se constituir como uma reinterpretação das formas de produção e compreensão textuais, na medida em que garante, pelas interfaces tecnológicas, a utilização conjunta de vários recursos semióticos, até então, incompatíveis. Ele autoriza o usuário a vivenciar o ato de ler, muito mais engajada e integralmente com outros textos já existentes. Isto demanda, no mínimo, uma redefinição da função da textualidade na produção do(s) sentido(s).

Pretende-se, pois, no capítulo a seguir, analisar a relação entre texto escrito e Internet, observando se o acesso ao texto eletrônico interfere na produção escrita do seu usuário ou se há uma alteração ou rompimento na textualidade em relação àqueles que não têm esse acesso.

CAPÍTULO 4 - ESTUDO DE CASO

4.1 Abordagem Geral

Diversas atividades relacionadas com a informação textual já estão sendo realizadas com computador (processamento de textos, diagramação de jornais e revistas, correio eletrônico, banco de dados hierárquico e associativo, etc.). Um crescente número de outras atividades (como desenho, manipulação de imagens, animação, produção de vídeo e áudio) também estão se tornando digitais e podem ser executadas e aglutinadas de maneira inédita. Tudo isto faz parte desta mudança radical na maneira como a informação é manipulada, apresentada, arquivada, recuperada e disseminada.

Conforme aponta Miglio (1998), a primeira questão apresentada pela articulista é se não estaria esse linguajar tipicamente virtual transgredindo a norma culta de nossa língua e prestes a invadir o mundo real, interferindo na produção escrita.

As opiniões dos *internautas* consultados por Miglio (1998) são contraditórias. Há quem acredite que a *Internet* não está "descaracterizando" nossa língua, mas somente incorporando ao idioma novos termos. Outros *internautas*, no entanto, afirmam que esse linguajar é um sinal da perda de nossa identidade lingüística.

A língua escrita exige certa precisão. A língua escrita dos *internautas* não tem essa precisão. Trata-se de uma linguagem hermética, utilizada por usuários que, em sua grande maioria, sabe o que está fazendo e conhece razoavelmente bem a língua portuguesa em seu nível culto.

Com o objetivo de verificar a interferência da utilização da *Internet* na produção escrita, buscou-se analisar dados fornecidos por alunos da 2ª série do Ensino Médio, conforme se expõe a seguir.

4.2 Metodologia

Com o objetivo de perceber o impacto da linguagem eletrônica sobre estudantes do Ensino Médio, realizou-se uma pesquisa entre alunos de escola

particular que têm maior acesso à Internet e alunos de escola pública que não têm, em sua maioria, acesso à rede. Responderam à pesquisa, 35 alunos da Escola Municipal Dom Orione e 34 alunos do Colégio Anchieta, todos eles com idade compreendida entre 16 e 18 anos. Além da pesquisa, foi solicitada uma produção escrita a cada um dos componentes desta amostragem, com vistas a fundamentar esta análise.

Os dados coletados deram suporte para analisar se há, na produção escrita dos alunos que têm maior acesso à Internet, melhor desempenho lingüístico em relação ao texto dos que não acessam.

Para essa verificação, buscou-se traçar o perfil desses adolescentes, verificando características, preferências, expectativas, e oportunidades do contexto atual, que interferem na leitura e, conseqüentemente, na produção escrita do indivíduo.

Não se considerou, aqui, o aspecto sócio-econômico da amostra e sua interferência na produção textual, mas as variantes comuns a qualquer adolescente que “convive” com o texto eletrônico, seja na escola, no trabalho ou em casa.

A análise dos dados deu-se de forma comparativa, com vistas a verificar a relação acesso à Internet e domínio da escrita.

Os relatórios a seguir apresentam os resultados da pesquisa :

4.3 Resultados

4.3.1 Perfil dos Entrevistados

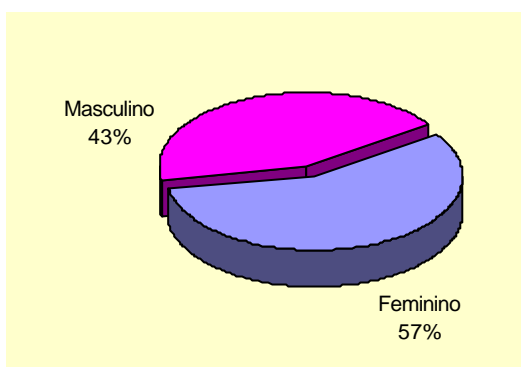
Dentre os alunos entrevistados, da Escola Municipal Dom Orione, 57% são do sexo feminino e 43% do sexo masculino. A grande maioria deles, 89%, nasceu em Belo Horizonte e 11% em outra cidade.

Há semelhança na amostra analisada no Colégio Anchieta. Dos alunos entrevistados, 53% são do sexo masculino e 47% do sexo feminino.

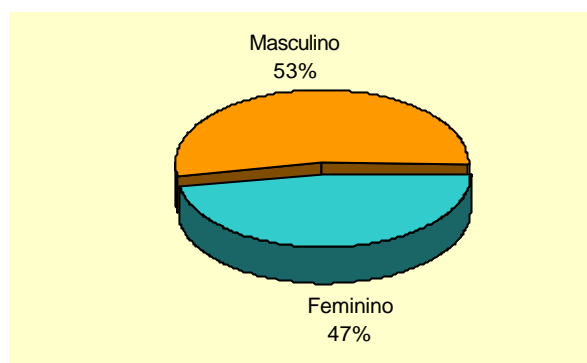
A maioria deles, 88%, nasceu em Belo Horizonte e 12% em outras cidades, conforme se vê nas figuras 4.1, 4.2 e 4.3.

Figuras 4.1: Sexo

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE



COLÉGIO ANCHIETA



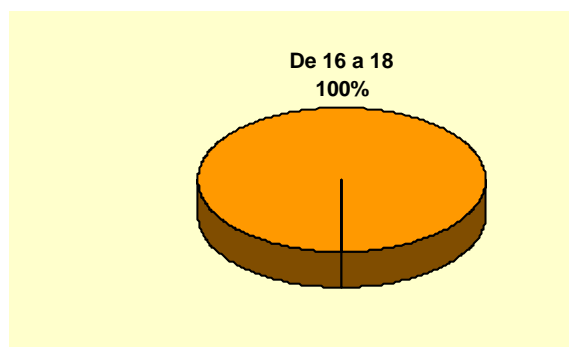
43% dos entrevistados são do sexo masculino. E 53% dos entrevistados são do sexo masculino e 47% do sexo feminino.

Figuras 4.2: Faixa Etária

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE



COLÉGIO ANCHIETA



100% dos entrevistados têm idade compreendida entre 16 e 18 anos.

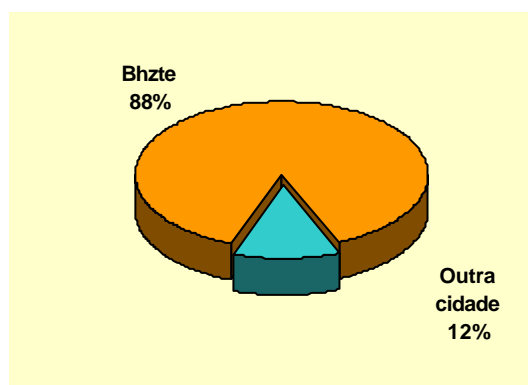
100% dos entrevistados têm idade compreendida entre 16 e 18 anos.

Figura 4.3: Cidade natal

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE



COLÉGIO ANCHIETA



89% dos entrevistados nasceram em Belo Horizonte e 11% em outra cidade.

88% dos entrevistados nasceram em Belo Horizonte e 12% em outras cidades.

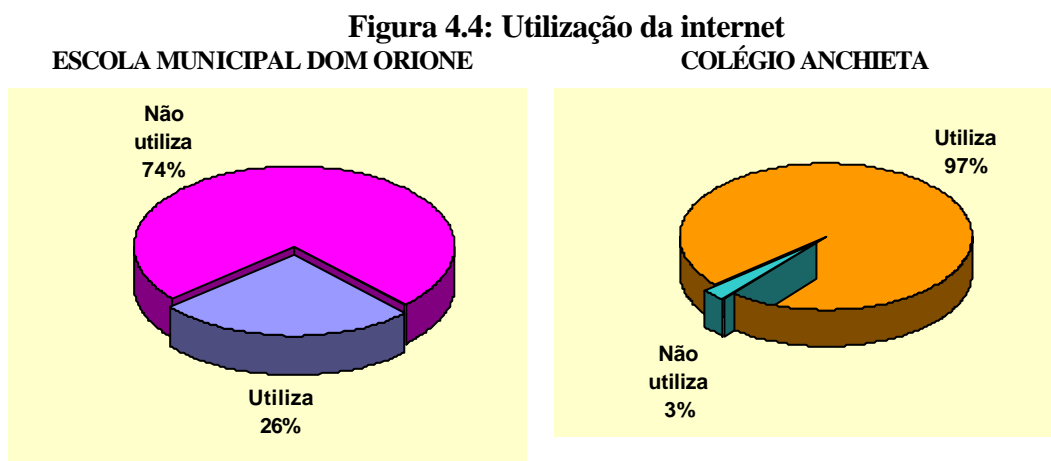
Há diversidade em relação ao local de nascimento entre os alunos entrevistados, conforme se vê nas tabelas 4.1 e 4.2, no anexo 2

4.3.2 Utilização da Internet

Há, em relação à utilização da Internet, uma diferença significativa nos dados coletados. O acesso à internet não é possível para 76% dos alunos da Escola Municipal Dom Orione, apenas 26% deles a utilizam. Quanto à frequência deste uso, 67% daqueles que têm acesso à rede, a utilizam semanalmente e 33% diariamente.

No entanto, quase todos os entrevistados do Colégio Anchieta, 97%, têm acesso à internet, apenas 3% não utilizam a rede.

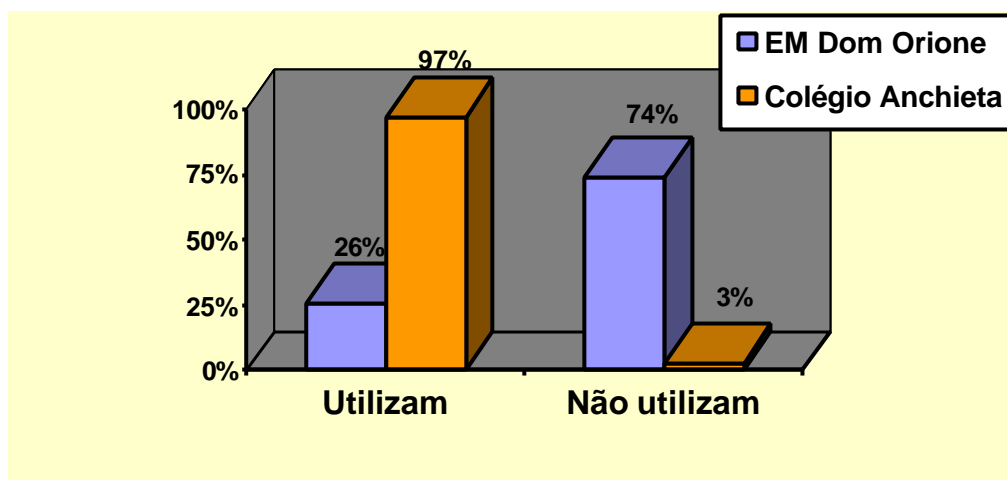
Entre os entrevistados que utilizam a internet, 67% a utilizam semanalmente, 18% a utilizam diariamente, durante 1h, e 3% diariamente por mais de 2h. Os sites mais visitados pelos estudantes são *www.uol.com.br*, *www.cade.com.br*, *www.terra.com.br*, *www.globo.com* e *www.zip.net*. Todos estes foram citados mais de uma vez. Estes dados estão ilustrados nas figuras 4.4 e 4.5:



74% dos entrevistados não utilizam a internet e 26% utilizam.

97% dos entrevistados utilizam a internet e 3% não utilizam

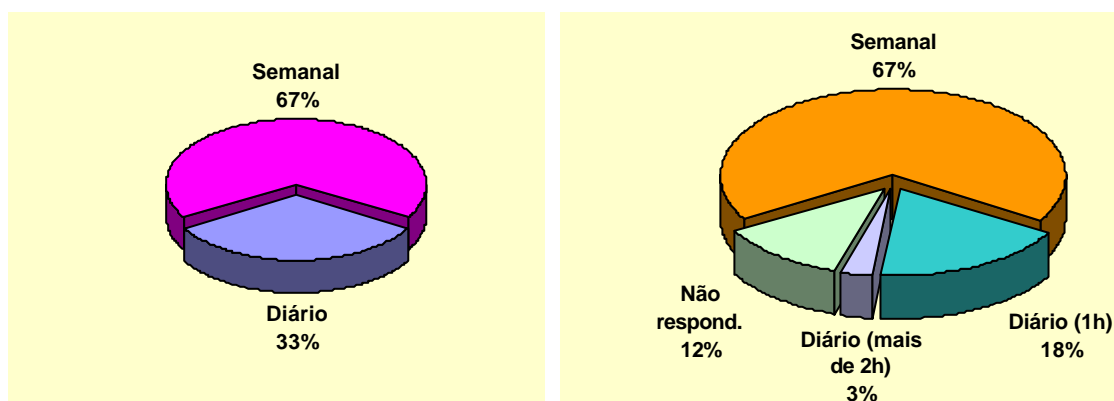
Figura 4.5: Utilização da Internet



26% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione utilizam a internet e 74% não utilizam, enquanto 97% dos entrevistados do Colégio Anchieta utilizam e 3% não utilizam.

Em relação à frequência de uso por aqueles que utilizam a Internet, observa-se, como exposto na figura 4.6, uma semelhança no acesso.

Figura 4.6: Frequência do uso
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



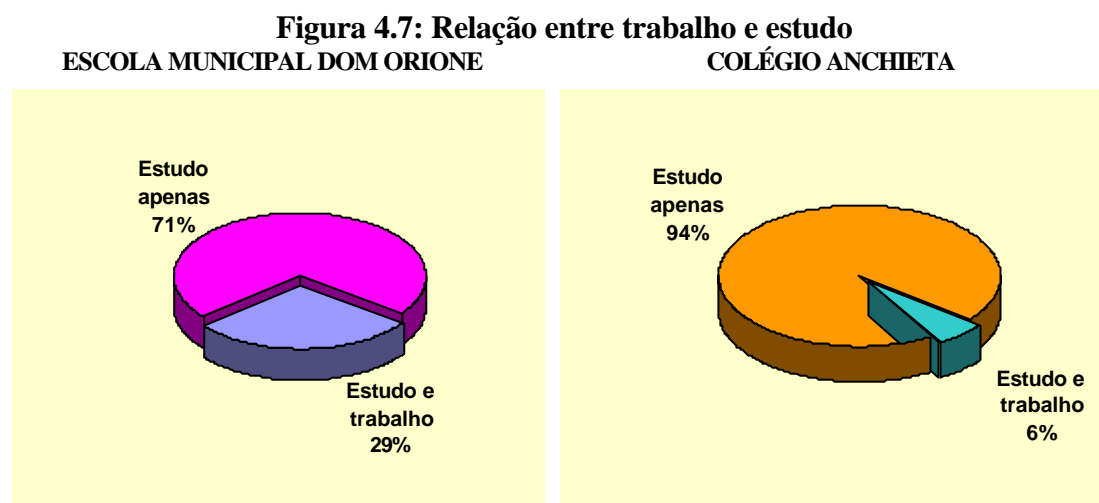
Entre os entrevistados que utilizam a internet, 67% a utilizam semanalmente e 33% diariamente.

Entre os entrevistados que utilizam a internet, 67% a utilizam semanalmente, 18% a utilizam diariamente durante 1h, 3% diariamente por mais de 2h e 12% não especificaram a frequência do uso.

Como ilustração, foram coletadas informações acerca de *e-mail* e *site* que o entrevistado que utiliza a Internet navega. Os alunos do Colégio Anchieta dispõem de *e-mail* e citam uma maior quantidade de *sites* utilizados para navegação, conforme pode-se ver nas tabelas 4.3, 4.4 e 4.5, expostas no anexo 2.

4.3.3 Relação Trabalho e Estudo

A relação trabalho – estudo para os alunos da escola pública estabeleceu-se da seguinte forma: 71% deles apenas estudam e 29% estudam e trabalham. Apenas 6% dos entrevistados estudam e trabalham, enquanto que 94% apenas estudam. Esses dados estão expostos na figura 4.7.

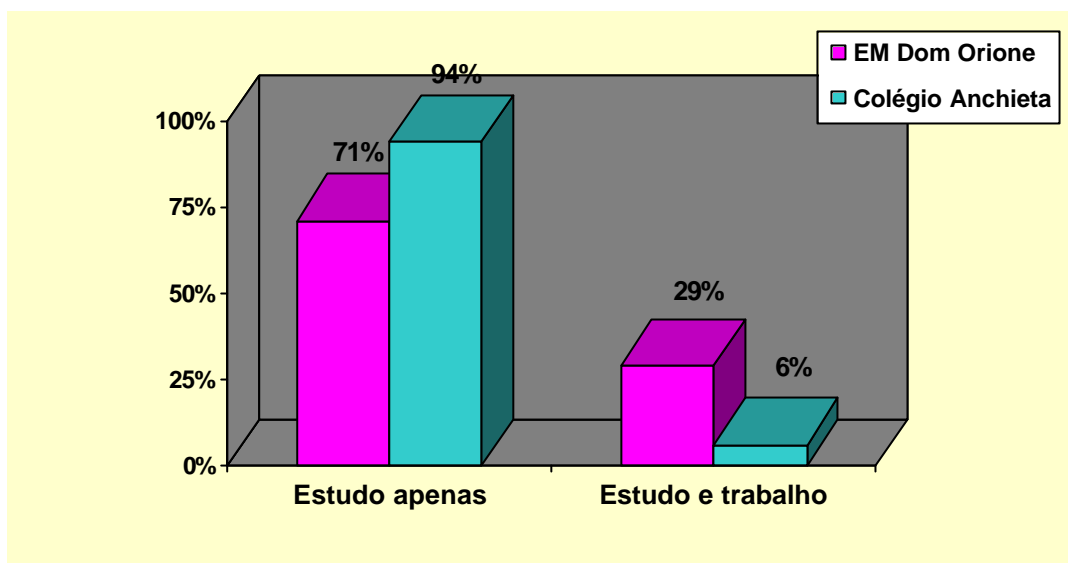


71% dos entrevistados apenas estudam e 29% estudam e trabalham.

94% dos entrevistados apenas estudam e 6% estudam e trabalham.

Percebe-se que os alunos da Escola Pública, em maior número, estudam e trabalham, como se vê na figura 4.8.

Figura 4.8: Relação entre trabalho e estudo



71% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione apenas estudam e 29% estudam e trabalham, enquanto 94% dos entrevistados do Colégio Anchieta apenas estudam e 6% estudam e trabalham.

Questionados sobre local de trabalho, foram obtidas as informações expostas nas tabelas 4.6 e 4.7, citadas no anexo 2.

Os entrevistados que trabalham forneceram informações sobre o uso de Internet na atividade profissional, conforme exposto nas tabelas 4.8 e 4.9.

Tabela 4.8: Como é o uso da internet no local do trabalho - Escola Municipal Dom Orione

Uso	Nº absoluto	%
Entretenimento	1	10
Livre	1	10
Não responderam	8	80
Total	10	100

Tabela 4.9: Como é o uso da internet no local do trabalho- Colégio Anchieta(6%)

Uso	Nº absoluto	%
Não responderam	2	100
Total	2	100

Vê-se que a grande maioria dos entrevistados não forneceu dados significativos para esta questão que teve por objetivo verificar a relação entre a atividade profissional e o acesso à Internet.

4.3.4 Atividades de Lazer

Pretendeu-se verificar se os alunos entrevistados possuem hábitos de lazer, dentre os quais, o acesso à Internet.

Dos alunos da Escola Municipal Dom Orione, 37% dos entrevistados disseram que costumam sair, 17% disseram que namoram aos finais de semana, 14% praticam algum esporte e outros 14% costumam assistir à televisão.

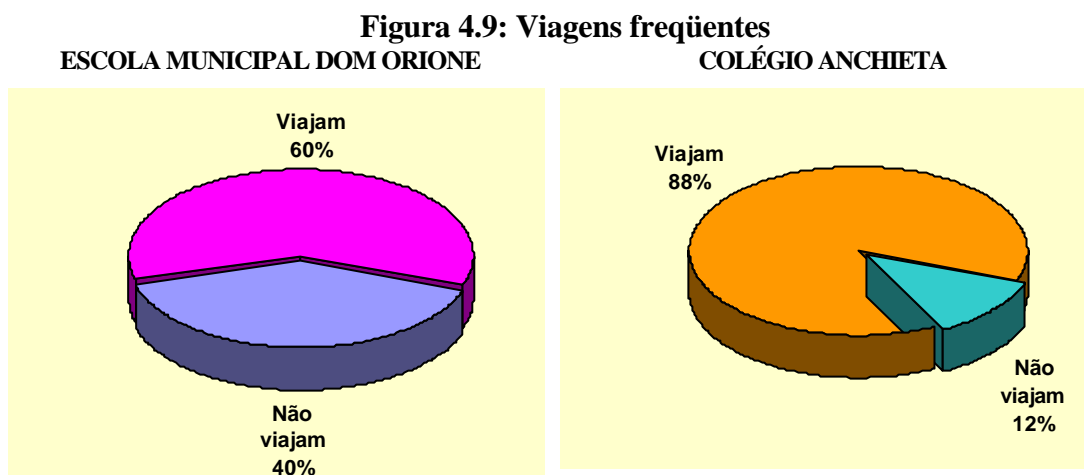
Quanto às atividades que realizam aos finais de semana, 79% dos alunos do Colégio Anchieta afirmaram que costumam sair, 32% acessam a internet, 17% ficam em casa, outros 17% praticam algum esporte e 12% dos estudantes namoram aos finais de semana. As tabelas 4.10 e 4.11, no anexo 2, mostram as respostas fornecidas.

O rock é o estilo favorito de música dos estudantes da Escola Municipal Dom Orione, com 54% de preferência. O pop foi citado por 34%, o pagode por 17% dos entrevistados e a música popular brasileira por 11% deles.

Dos dados coletados a respeito de preferência musical, os estilos pop e rock são preferidos por 35% dos entrevistados do Colégio Anchieta, 29% gostam de todos os tipos de música, 15% preferem música popular brasileira, 6% citaram o pagode e outros 6% citaram o axé. As tabelas 4.12 e 4.13, citadas no anexo 2, mostram as respostas coletadas.

Sobre o hábito de viajar, 60% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione disseram que viajam com alguma frequência e 40% disseram que não viajam frequentemente. Dentre aqueles que responderam viajar com frequência, 29% costuma deixar a cidade nas férias, 24% uma vez ao ano e outros 24% toda semana.

Já em relação aos alunos do colégio Anchieta, 88% dos entrevistados disseram que viajam com frequência e 12% disseram que não costumam viajar com frequência. Dentre os que viajam, 40% deixam a cidade uma vez ao ano, 13% duas vezes ao mês, 10% aos feriados, outros 10% duas vezes ao ano e mais 10% dos estudantes costumam viajar uma vez ao mês, como se vê na figura 4.9.



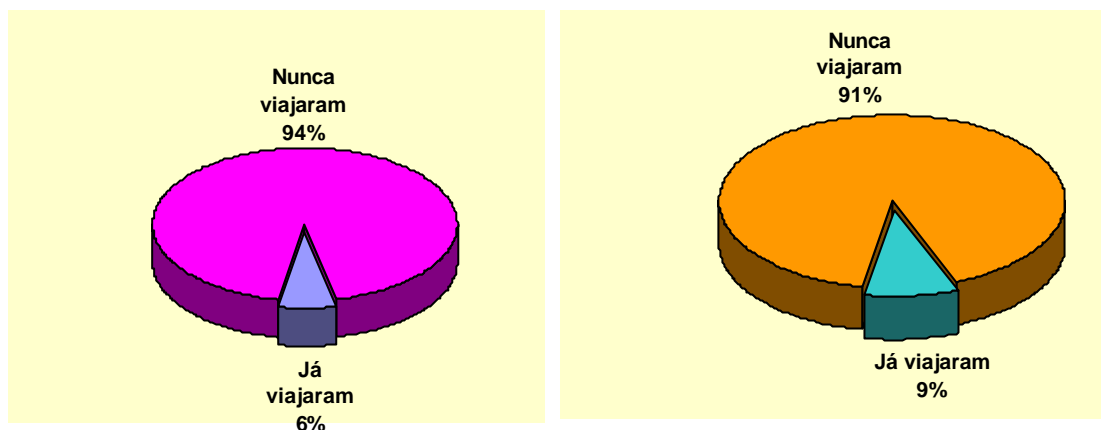
60% dos entrevistados viajam com frequência e 40% não viajam com frequência.

88% dos entrevistados viajam com frequência e 12% não viajam com frequência.

As informações acerca da frequência com que os entrevistados viajam estão expostas nas tabelas 4.14 e 4.15, no anexo 2.

Foram registradas as informações sobre viagens feitas ao exterior pelos entrevistados. A figura 4.10 ilustra os dados coletados.

Figura 4.10: Viagem para o exterior –
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



94% dos entrevistados nunca viajaram para o exterior e 6% já viajaram alguma vez para o exterior.

91% dos entrevistados nunca viajaram para o exterior e 9% já viajaram alguma vez para o exterior.

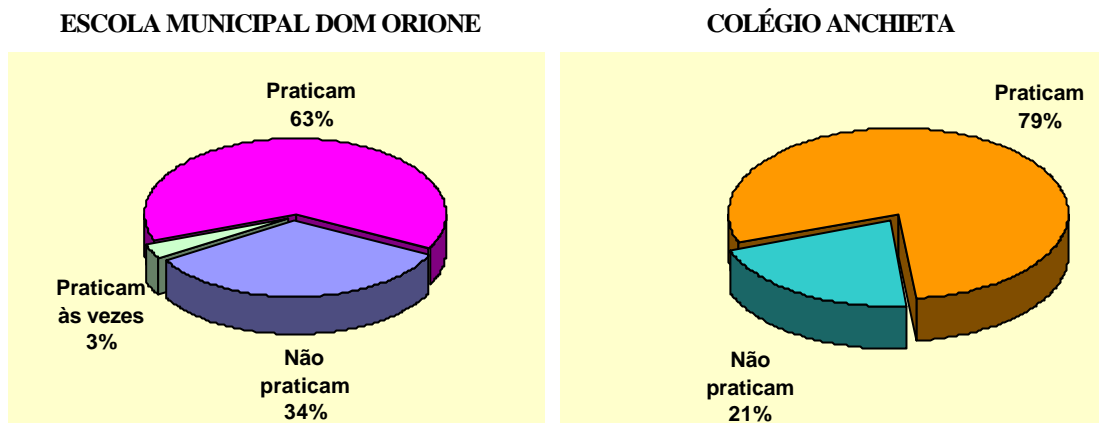
As tabelas 4.16 e 4.18, anexo 2, fornecem os locais apontados pelos entrevistados que já fizeram viagem para o exterior, seguidas das tabelas 4.17 e 4.19, anexo 2, que informam o ano em que ocorreram tais viagens, o que possibilita inferir que os alunos entrevistados, em grande parte, não viajam para o exterior.

Em relação à prática de esportes, 63% dos entrevistados do colégio Dom Orione responderam positivamente, enquanto 34% disseram que não praticam e 3% afirmaram praticar esporadicamente. O futebol é o esporte preferido pelos estudantes.

Dentre os que têm o hábito de se exercitar, 77% jogam futebol, 32% nadam, 27% praticam vôlei, 18% jogam peteca e 9% jogam tênis, outros 9% capoeira e mais 9% dos entrevistados fazem ginástica.

79% dos entrevistados do Colégio Anchieta afirmaram que praticam algum esporte enquanto 21% disseram que não praticam. 41% dos que praticam esporte, jogam futebol, 26% jogam vôlei, 19% praticam natação e 7% fazem musculação.

Estes dados estão ilustrados na figura 4.11.

Figura 4.11: Prática de esportes

63% dos entrevistados praticam algum esporte, 34% não praticam e 3% praticam esporadicamente.

79% dos entrevistados praticam algum esporte e 21% não praticam.

Os esportes apontados pelos entrevistados estão listados nas tabelas 4.20 e 4.21, no anexo 2.

É possível inferir, através dos dados coletados, que os interesses entre os entrevistados de ambas as escolas identificam-se. O lazer é buscado por eles, de forma bastante intensa, seja nas atividades nos finais de semana, seja através de esporte, embora seja possível observar algumas limitações em relação às possibilidades, o que se justifica, por exemplo, no baixo índice de acesso a viagens ao exterior.

Há semelhança no contexto em que vivem os entrevistados em relação ao lazer, o que pressupõe terem os alunos de ambas as escolas identificação nas vivências e hábitos, comuns à idade. O uso da Internet, nos fins-de-semana, fica restrito aos alunos do Colégio Anchieta que dispõem de computador em casa.

4.3.5 Cultura/ Linguagem

Para traçar o perfil lingüístico dos alunos entrevistados, buscou-se levantar dados acerca de preferências que envolvam o acesso à comunicação, como tipos de filme, acesso à leitura, etc.

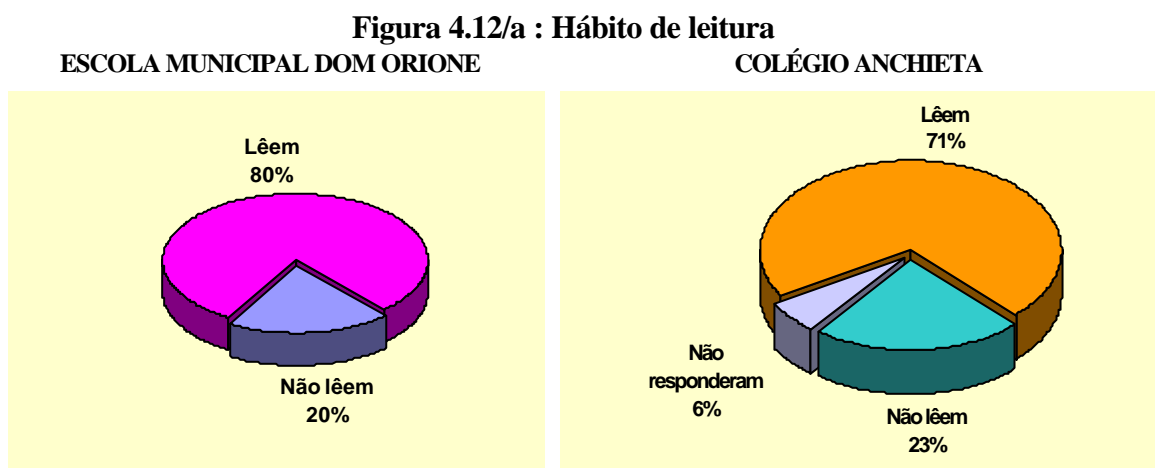
Os estilos favoritos de filmes citados pelos estudantes da Escola Municipal Dom Oriane são: ação, apontado por 46% deles, comédia por 43%, suspense, segundo 40% dos entrevistados, romance segundo 34%, terror, para 26% e aventura para 14% dos estudantes.

Ação e comédia são os estilos de filme preferidos pelos estudantes do Colégio Anchieta, com 41% cada, 32% preferem suspense, 29% romance, 21% gostam de terror e 15% preferem ficção, como se vê nas tabelas 4.22 e 4.23, expostas no anexo 2.

Dos alunos da Escola Pública, a maioria dos entrevistados, 80%, tem o hábito de leitura. Para 20% a leitura não é um hábito. 32% dos estudantes que costumam ler, apontaram as revistas como o tipo de leitura que mais gostam, 25% deles citaram os jornais, 21% gostam de ler romance e outros 21% preferem suspense.

71% dos entrevistados do Colégio Anchieta afirmaram ter o hábito de ler enquanto 23% disseram que não têm esse hábito. Romance e esporte são os temas de leitura mais citados, com 33% e 13% da preferência daqueles que lêem, respectivamente. Matérias jornalísticas, suspense e ficção foram citados, cada um, por 8% dos estudantes.

Esses dados estão ilustrados nas figuras 4.12 a e 4.12b.

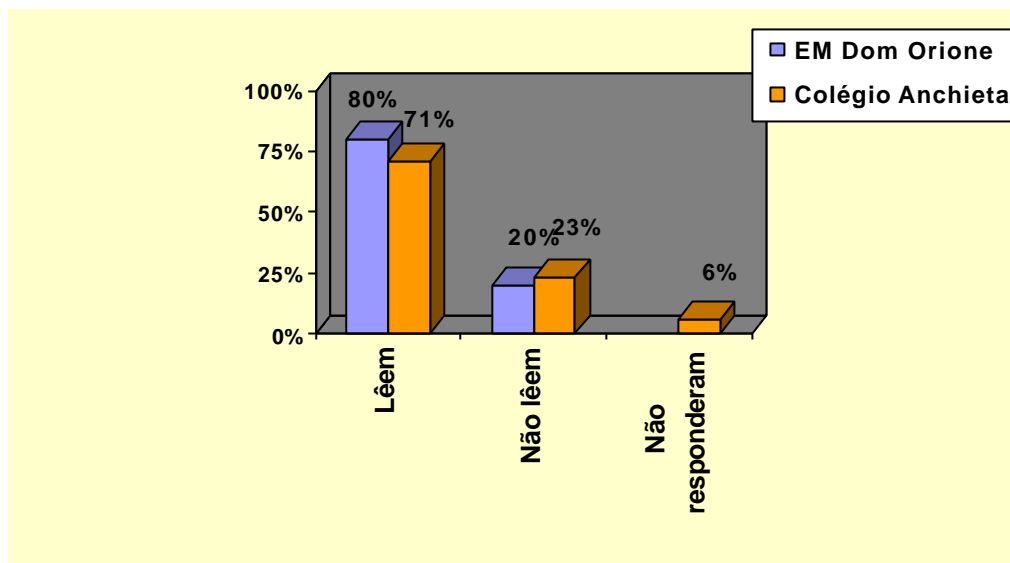


80% dos entrevistados têm o hábito de ler e 20% não têm.

71% dos entrevistados têm o hábito de ler, 23% não têm e 6% não responderam.

É perceptível o índice maior de leitura entre os alunos que menos acessam a Internet. Pressupõe-se que a disponibilidade de tempo seja aí substituída pela leitura.

Figura 4.12/b : Hábito de leitura



As tabelas 4.24 e 4.25, anexo 2, mostram os tipos de leituras preferidos dos alunos entrevistados.

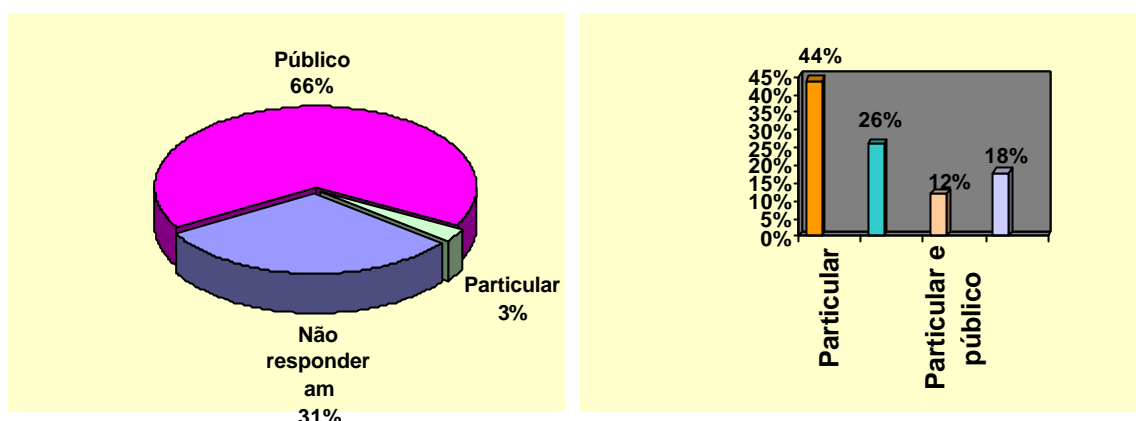
Também em relação à cultura/linguagem, é possível verificar que há semelhança nas preferências entre os alunos das duas escolas. Os dados coletados também apontam para hábitos comuns a adolescentes dessa faixa etária. Verifica-se, ainda, interesse pela leitura para mais de 50% dos entrevistados.

4.3.6 Formação Escolar e Domínios

Pretendeu-se obter dados sobre a formação escolar dos entrevistados e, em relação ao Ensino Fundamental, verificou-se que 66% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione disseram que cursaram o Ensino Fundamental em escolas públicas e somente 3% responderam que estudaram em escolas particulares durante essa modalidade de ensino.

Em oposição, 44% dos entrevistados informaram que o Ensino Fundamental foi cursado em escolas particulares, 26% em escolas públicas, e 12% foi cursado em escolas particulares e públicas. As figuras 4.13 e 4.14 ilustram esses dados.

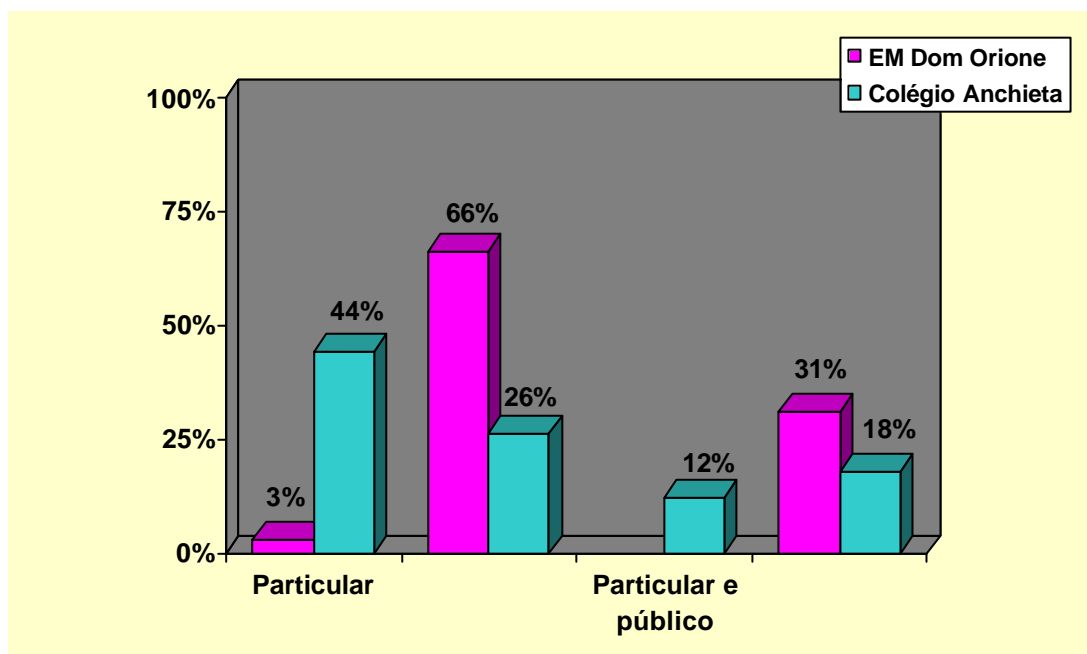
Figura 4.13: Ensino Fundamental
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



66% dos entrevistados tiveram o Ensino Fundamental em escolas públicas, 31% não responderam e 3% tiveram em escolas particulares.

44% dos entrevistados tiveram o Ensino Fundamental em escolas particulares, 26% em escolas públicas, 12% em escolas particulares e públicas e 17% dos entrevistados não responderam.

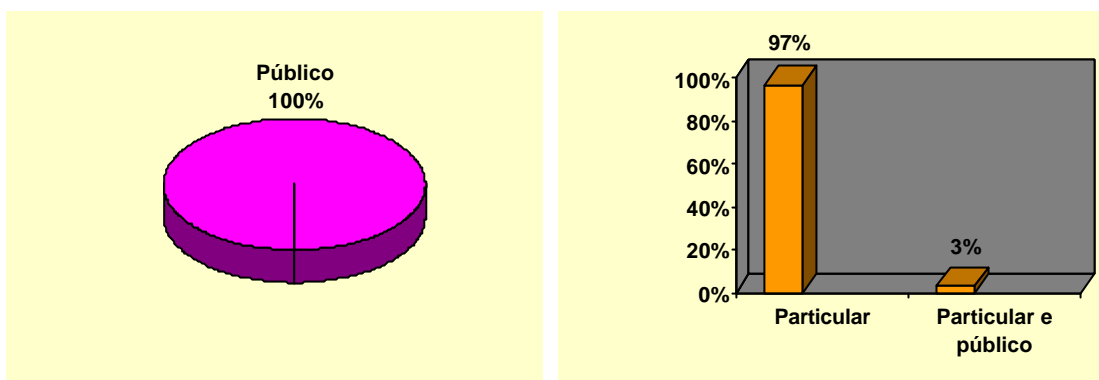
Figura 4.14: Ensino Fundamental



66% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione cursaram o Ensino Fundamental em escola pública e 3% em escola particular, enquanto 44% dos entrevistados do Colégio Anchieta cursaram o Ensino Fundamental em escola particular, 26% em escola pública e 12% em escola particular e pública. Quanto ao Ensino Médio, todos os entrevistados da Escola Municipal Dom Orione estudam ou

estudaram em escola pública. De forma distinta, 97% dos entrevistados do colégio Anchieta realizaram seus estudos em escola particular e 3% deles cursaram parte deste ensino em escolas públicas, conforme se vê nas figuras 4.15 e 4.16.

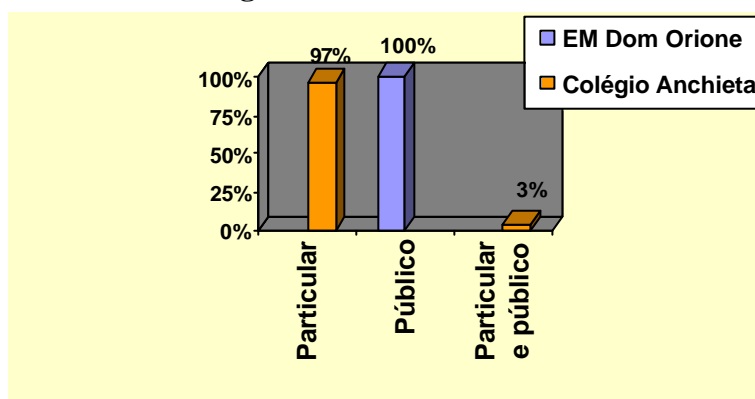
Figura 4.15: Ensino Médio
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



100% dos entrevistados tiveram o Ensino Médio em escolas públicas.

97% dos entrevistados tiveram o Ensino Médio em escolas particulares e 3% tiveram o Ensino Médio em escola particular e pública.

Figura 4.16: Ensino Médio

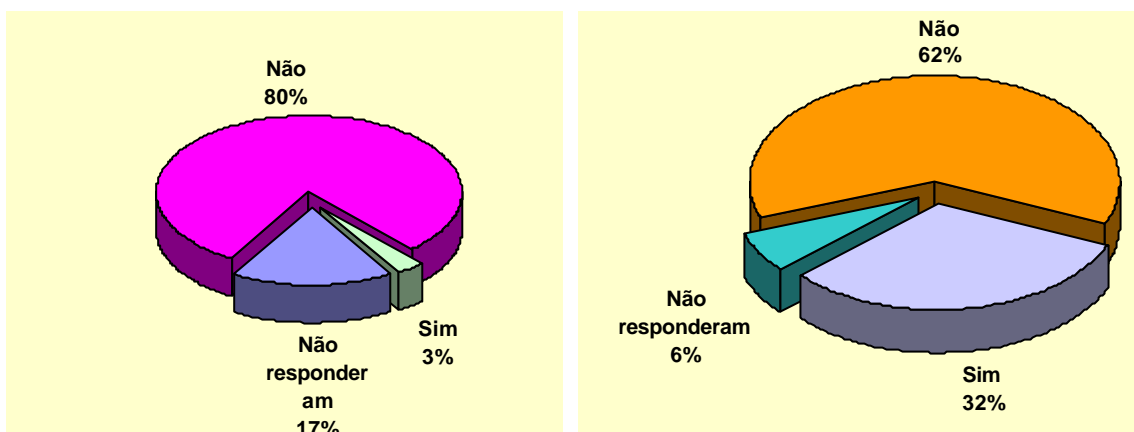


100% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione cursam o Ensino Médio em escola pública, enquanto 97% dos entrevistados do Colégio Anchieta cursam o Ensino Médio em escola particular, e 3% também cursaram em escola pública.

Em relação ao domínio de outra língua, grande parte dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione, 80%, não domina outro idioma, apenas 3% deles disseram que dominam o inglês.

Mais da metade dos estudantes entrevistados, do Colégio Anchieta, 62%, não domina outro idioma, enquanto 32% dominam uma língua estrangeira. Os idiomas citados foram inglês e espanhol. A figura 4.17 ilustra estes dados.

Figura 4.17: Domínio de outros idiomas
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**

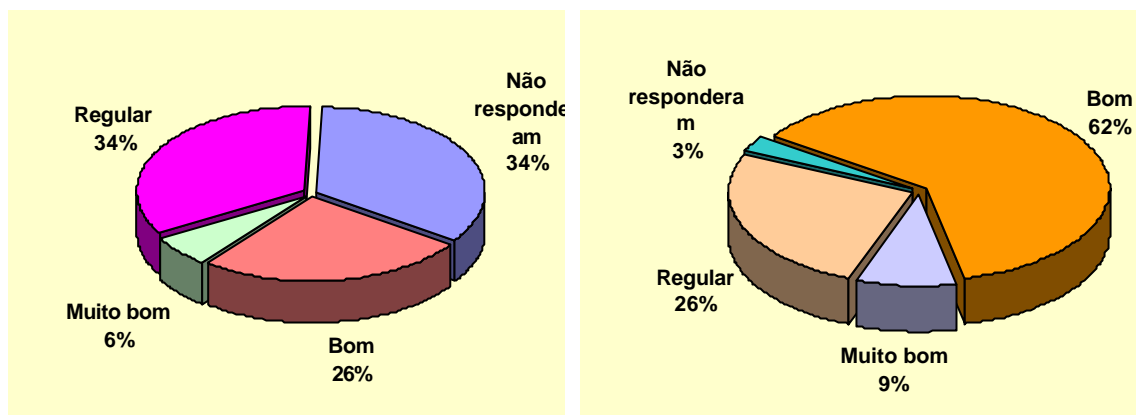


80% dos entrevistados não dominam outro idioma, 62% dos entrevistados não dominam outro idioma, 17% não responderam e 32% dominam outro idioma e 3% responderam que dominam outro idioma. 6% não responderam.

As tabelas 4.26 e 4.27, no anexo 2, mostram os idiomas citados pelos entrevistados.

Questionados sobre o domínio de informática, 34% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione atribuíram a si mesmos um domínio regular, 26% disseram que o domínio é bom e para 6% é muito bom. Em contrapartida, o domínio de informática para os entrevistados do colégio Anchieta foi caracterizado por 62% dos entrevistados como bom, 26% disseram que é regular e 9% responderam que é muito bom. Esses dados estão expostos nas figuras 4.18 e 4.19.

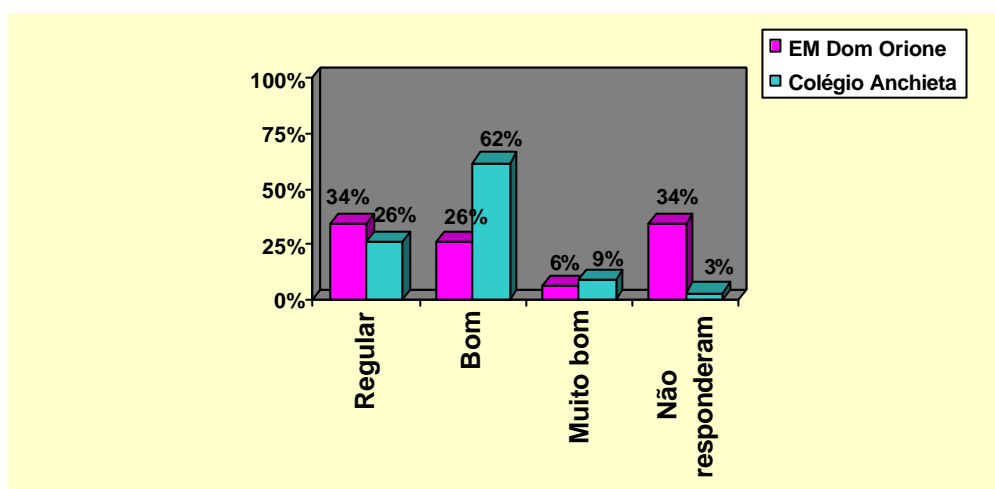
Figura 4.18: Domínio de informática
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



34% dos entrevistados responderam que o domínio da informática é regular, outros 34% não responderam, 26% responderam ser bom e 6% muito bom.

62% dos entrevistados responderam que o domínio da informática é bom, 26% disseram que é regular, 9% responderam que é muito bom e 3% não responderam.

Figura 4.19: Domínio de informática

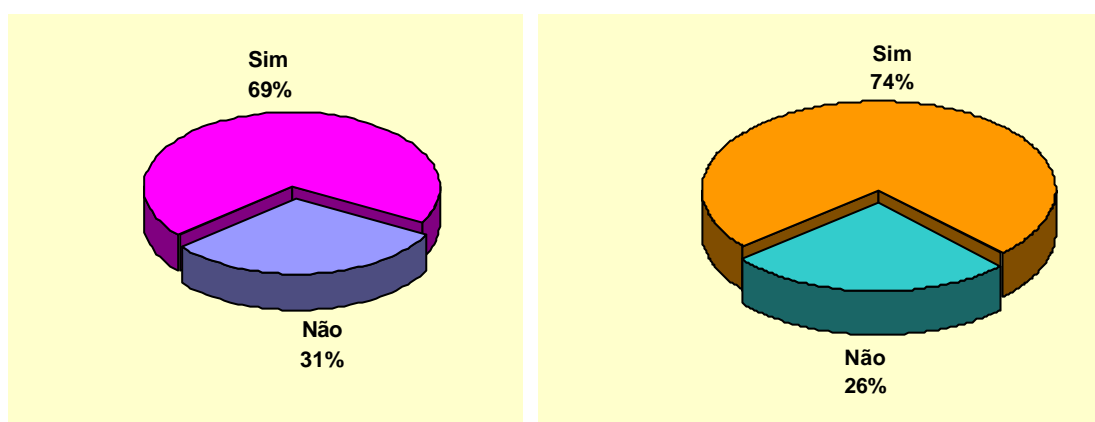


Confrontando os dados, 34% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione consideram regular o domínio de informática, 26% consideram bom e 6% muito bom, enquanto 26% dos entrevistados do Colégio Anchieta consideram o domínio de informática regular, 62% consideram bom e 9% consideram muito bom.

Percebe-se, neste levantamento de dados, que há diferenças na formação escolar e nos domínios de língua estrangeira e de informática entre os alunos da Escola Municipal Dom Orione e os do Colégio Anchieta.

Embora apresentem semelhanças de idade e de hábitos, comuns à faixa etária, os dados coletados com os alunos do Colégio Anchieta permitem inferir que estes são jovens que têm maior acesso a domínios necessários à realidade atual, em relação aos alunos da Escola Dom Orione. Essa consciência da atualidade, provavelmente, facilitou a escolha do curso profissional pela maioria dos alunos do Colégio Anchieta, conforme ilustra a figura 4.20.

Figura 4.20: Escolha do curso profissional
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



69% dos entrevistados afirmaram já ter escolhido o curso que pretendem fazer e 31% ainda não escolheram.

74% dos entrevistados afirmam já ter escolhido o curso que pretendem fazer e 26% ainda não escolheram.

4.3.7 Expectativas Futuras

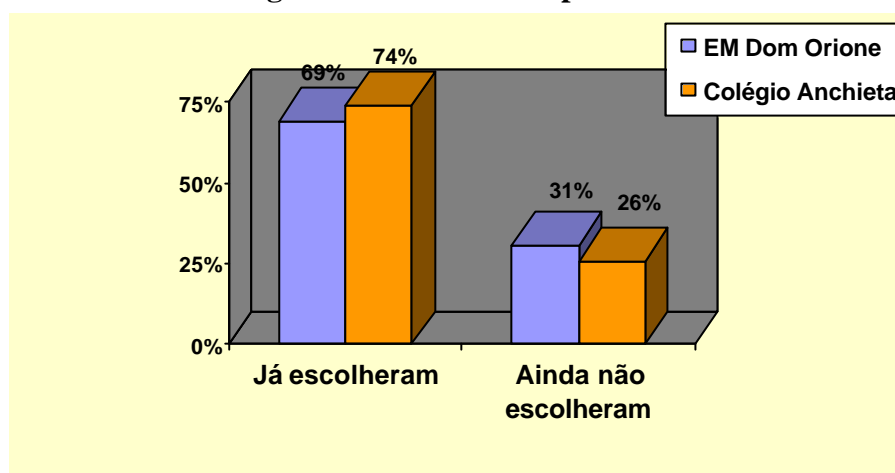
Sobre a carreira que pretendem seguir, após a conclusão do Ensino Médio, 69% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione afirmaram já ter escolhido o curso que desejam fazer e 31% ainda não decidiram. Informática e psicologia foram as opções mais citadas pelos entrevistados, 17% optaram pela primeira e outros 17% pela segunda. 13% deles querem fazer o curso de Educação Física e outros 13% optaram por Direito.

46% dos estudantes justificaram suas escolhas dizendo que gostam da área e 13% disseram que o mercado de trabalho é bom.

74% dos entrevistados do Colégio Anchieta responderam que já sabem qual o curso pretendem fazer e 26% ainda não decidiram. 12% disseram que pretendem fazer Educação Física, com 8% cada foram citados Direito, Engenharia de Telecomunicações, Comunicação Social, Veterinária, Fisioterapia e Medicina.

Dentre os que já optaram pelo curso superior, 40% disseram que a opção deve-se à identificação pessoal com a área e 12% disseram que a opção deve-se à demanda do mercado de trabalho. A Figura 4.21 ilustra estes dados.

Figura 4.21: Escolha da profissão



Na análise geral, 69% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione já escolheram o curso que pretendem fazer e 31% ainda não escolheram, enquanto 74% dos entrevistados do Colégio Anchieta já escolheram, e 26% ainda não escolheram a profissão que irão seguir.

Vê-se que as expectativas profissionais assemelham-se entre os alunos das duas escolas. As tabelas 4.28 e 4.29, no anexo 2, mostram as profissões escolhidas pelos alunos entrevistados, e as justificativas para estas escolhas estão listadas nas tabelas 4.30 e 4.31, anexo 2.

A grande maioria dos entrevistados das duas escolas justificou a escolha por gostar da área. Observou-se que somente um entrevistado, aluno do Colégio Anchieta, identificou o prazer da escrita para a escolha de seu curso, o que possibilita inferir que,

na amostra analisada, não há significativa identificação com área que envolva a linguagem.

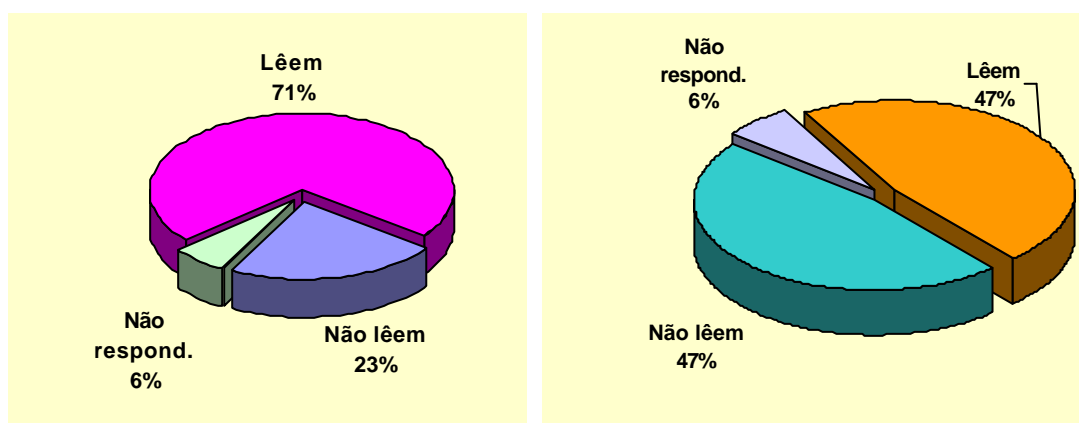
4.3.8 Formação/Domínio Lingüístico

Verificou-se, primeiramente, o hábito de leitura dos alunos entrevistados.

Quanto ao hábito de ler jornais e revistas, 71% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione afirmaram ler jornais e 23% disseram que não lêem, enquanto 91% deles afirmaram que têm o hábito de ler revistas e 3% que não têm esse hábito. Os jornais mais citados foram Estado de Minas, 68%, Diário da Tarde, 32%, Folha de São Paulo, 24%, e O Globo, citado por 20% dos estudantes. A revista Veja é lida por 63% dos entrevistados, 44% lêem Época, 25% lêem Isto é e outros 25% lêem a revista Capricho.

Pôde-se constatar que 47% dos entrevistados do colégio Anchieta lêem jornais e outros 47% não lêem. 88% dos entrevistados lêem revistas e 12% não lêem. O jornal Estado de Minas foi citado por 88% dos estudantes, 13% apontaram o Diário da Tarde e outros 13% jornal sobre esporte. A revista Veja é lida por 57% dos estudantes, 33% lêem Isto é, 27% a revista Capricho, 23% lêem Superinteressante e 17% a revista Atrevida. Estes dados estão ilustrados nas figura 4.22 e 4.23, e nas tabelas 4.32, 4.33, 4.34 e 4.35, citadas no anexo 2.

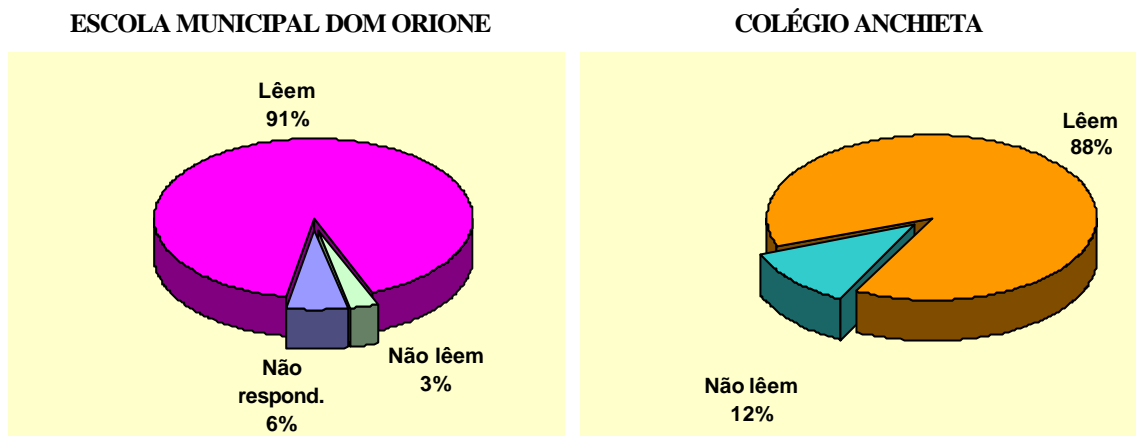
Figura 4.22: Leitura de jornais
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE COLÉGIO ANCHIETA



71% dos entrevistados lêem jornais, 23% não lêem e 6% não responderam.

47% dos entrevistados lêem jornais, outros 47% não lêem e 6% não responderam.

Figura 4.23: Leitura de revistas



91% dos entrevistados lêem revistas, 6% não responderam e 3% não lêem. 88% dos entrevistados lêem revistas e 12% não lêem.

Questionados sobre a existência de problemas para produzir textos, 63% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione afirmaram ter problemas e 34% disseram que não têm problemas na produção textual. De acordo com o entendimento deles, trata-se aqui da redação que é corrigida e avaliada pelo professor.

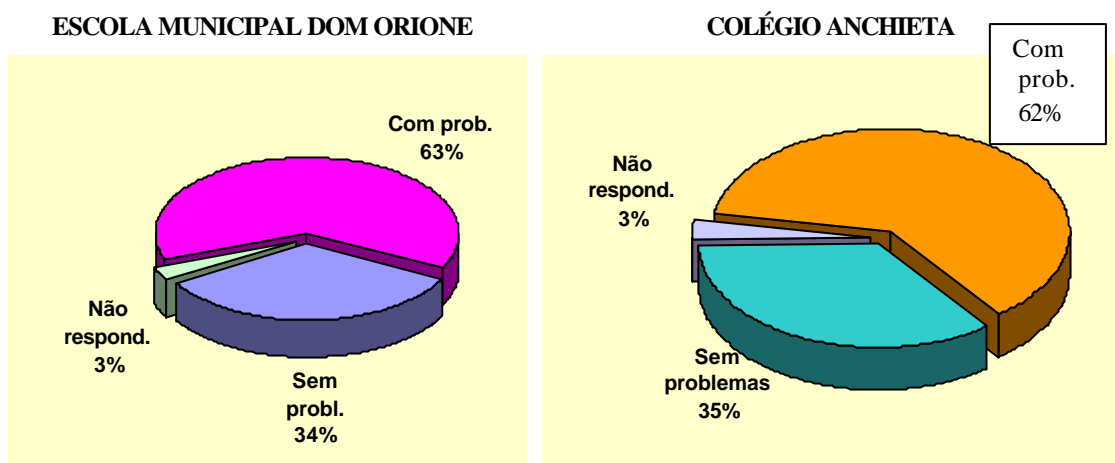
As dificuldades mais comuns para os estudantes são começar um texto, 18%, e desenvolver o texto, outros 18%.

Da mesma forma, sobre a existência de problemas para se produzir um texto, 62% dos entrevistados do colégio Anchieta disseram que há problemas, enquanto 35% disseram que não há problemas com a produção textual, ou seja, a redação.

Para 15% daqueles que responderam que existem problemas, a maior dificuldade é começar um texto, 6% disseram que a falta de criatividade é o principal problema.

Estes dados estão ilustrados nas figuras 4.24 e 4.25.

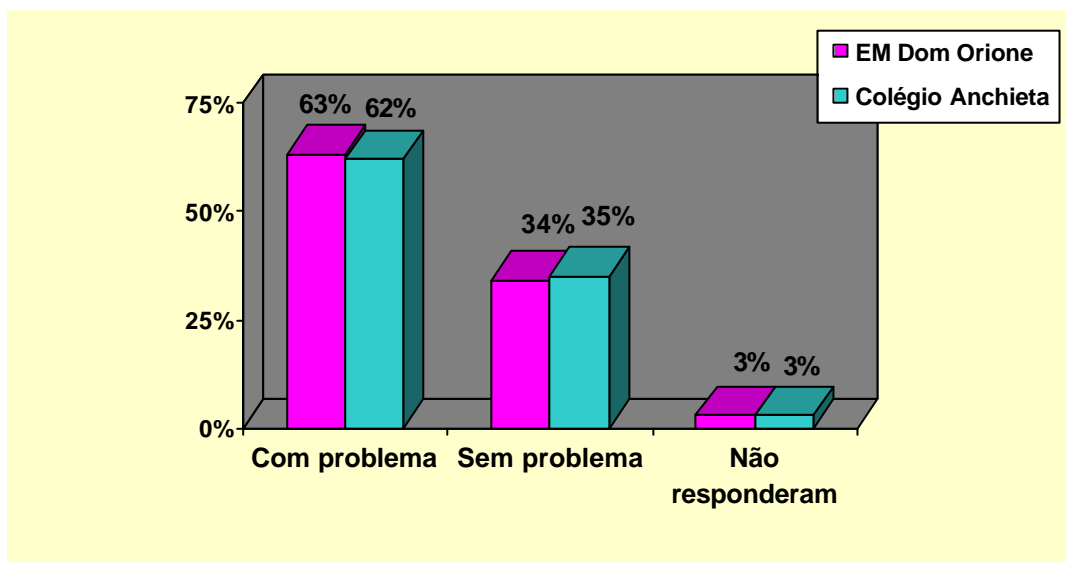
Figura 4.24: Produção textual



63% dos entrevistados afirmaram ter problemas na produção textual, 34% não têm problemas e 3% não responderam.

62% dos entrevistados afirmaram ter problemas na produção textual, 35% não têm problemas e 3% não responderam

Figura 4.25: Produção textual



Numa análise geral, 63% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione têm problema para produzir textos e 34% não têm, enquanto 62% dos entrevistados do Colégio Anchieta têm problema para produzir textos e 35% não têm.

Esses dados possibilitam inferir que há uma identificação entre os limites e dificuldades na produção textual para os alunos de ambas as escolas. Além disso, eles fazem distinção entre a produção textual (a redação) e a escrita normal de qualquer mensagem não avaliada, ocasião em que a maioria têm facilidade para escrever, de acordo com a figura 4.27.

As tabelas 4.34 e 4.35, no anexo 2, mostram os problemas apontados pelos alunos entrevistados.

Com a finalidade de verificar essas informações, foram selecionadas da amostragem, para análise, duas produções de texto completas citadas no quadro 4.1 .

QUADRO 4.1 – Textos 1 e 2

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE	COLÉGIO ANCHIETA
<p>“ A informática hoje ajuda muita gente, porque antes <u>agente</u> tinha ficar correndo para achar livros para trabalho, exercícios e agora é só acessar a internete para achar alguma coisa.</p> <p><u>A informática serve também para <i> você não ficar na correria de ir ao banco, para tirar ou então para ver alguma coisa.</i></u></p> <p><u>Caso se na sua escola cada aluno tiver uma senha para ver suas notas e <i> sua frequencia e para outras coisas a mais.</i></u></p> <p><u>Serve também para saber o que está acontecendo no mundo <i> todo.</i> Fala também sobre o tempo sobre os esportes sobre as tragédias que acontecem no mundo.</u></p> <p><u><i>Lado ruim</i> é que a internete aqui no Brasil e muito caro enquanto nos EUA e em outros <u>países</u> a internete <u>e</u> de graça.”</u></p>	<p>Em vista que <u>eramos</u> a internet na grande parte do dia para trabalhos e informação em geral entre outros atrativos podemos dizer que ela <u>e</u> instrumento <u>indispensavel</u> nos dias de hoje <u>pois usava ela para varios</u> tipos de busca de informação.</p> <p><u>A internet entra cada vez mais no cotidiano das pessoas porque <i> posso fazer compras por ela e saber de capitulos de novela de coisas que iram acontecer da qui a horas entre eventos esportivos shows dentre outros atrativos.</i></u></p> <p><u><i>Muitas vezes vemos erros nas coisas porque nada é perfeito mais a internet e quase perfeito</i> pois nos leva a uma conexão direta com o mundo e a atualidade.</u></p> <p><u>Em poucas palavras podemos afirmar que hoje em dia a internet tem papel importante e nunca poderá sair do cotidiano atual.</u></p>
ANÁLISE	ANÁLISE
<p>Falta domínio ortográfico Ausência de pontuação Falhas de desenvolvimento das idéias no texto Falta de organização das idéias no texto Falha no emprego vocabular</p>	<p>Falta domínio ortográfico Ausência de pontuação Falta de organização das idéias</p>

Para verificar o acesso às informações veiculadas na mídia, pelos alunos das duas escolas, buscou-se registrar as informações sobre o acompanhamento de assunto na mídia que cada um dos entrevistados faz.

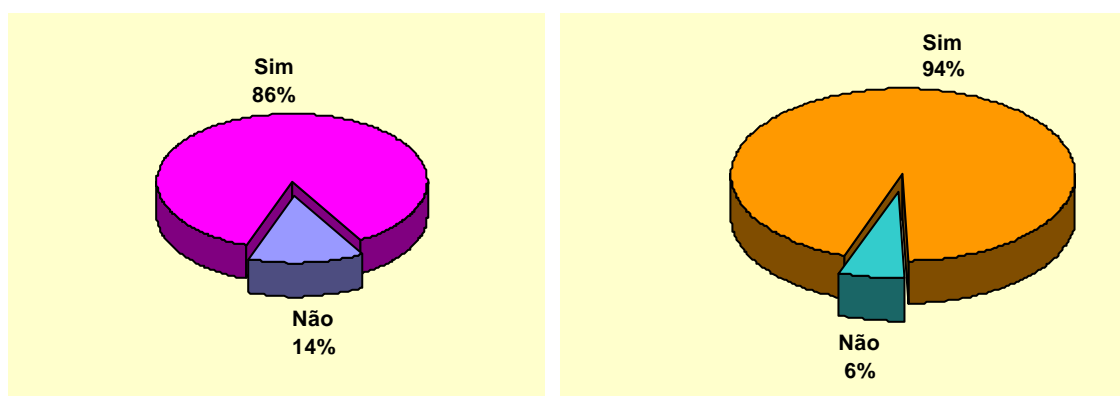
86% dos estudantes da Escola Municipal Dom Orione estavam acompanhando algum assunto na mídia quando responderam à pesquisa e 14% não estavam. O racionamento de energia foi o tema mais citado por eles. 40% dos entrevistados acompanhavam este assunto quando responderam à pesquisa.

Sobre os critérios utilizados para escolher qual assunto acompanhar na mídia, 37% dos alunos disseram que acompanham os mais interessantes e 17% acompanham aqueles que estão em destaque.

Quando responderam à pesquisa, 94% dos entrevistados do colégio Anchieta estavam acompanhando algum assunto na mídia e 6% não estavam. O racionamento de energia era o tema visto por 81% daqueles que acompanhavam, 41% citaram a violação do painel do Senado junto à renúncia de Antônio Carlos Magalhães e a CPI e 6% citaram a greve da polícia.

Além disso, 47% dos estudantes utilizam, como critério para acompanhar um assunto na mídia, os assuntos úteis ou interessantes a si próprios, 38% levam em conta os assuntos em destaque ou os mais polêmicos, 9% preferem acompanhar aqueles que retratam os problemas sociais. Estes dados são apontados nas figura 4.26, e nas tabelas 4.36 e 4.37 , 4.38 e 4.39, no anexo 2.

Figura 4.26: Acompanhamento de assunto na mídia
ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE **COLÉGIO ANCHIETA**



86% dos entrevistados estão acompanhando algum assunto na mídia e 14% não estão.

94% dos entrevistados estão acompanhando algum assunto na mídia e 6% não estão.

Observa-se, pois, que todos os alunos entrevistados têm acesso a informações veiculadas na mídia. Com o propósito de verificar o nível de informação dos alunos entrevistados, de cada uma das escolas, fez-se uma análise dos textos produzidos por eles e a seleção de dois completos, expostos no quadro 4.2.

QUADRO 4.2 - Textos 3 e 4

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE	COLÉGIO ANCHIETA
<p>A Informática no novo milênio</p> <p>“ A informática foi uma grande descoberta, pois facilitou muito o nosso trabalho.</p> <p>Quando digitamos algum texto podemos formatá-lo, e fazer <u>muitas coisas nele.</u></p> <p>As planilhas no excel modernizou e modificou o jeito de fazer uma tabela e, como podemos imprimir, enviá-lo a alguém nem almenos nos mover para algum lugar.</p> <p>A informática foi uma grande descoberta e novidade no século XX.</p> <p>Mas nem todas as pessoas tem acesso a um computador, que na realidade <u>é um problema.</u> <u>Porque a informática está ligada em várias áreas.</u></p> <p>Mas <u>sabemos quais suas aplicações</u> e, não dificulta muito. Hoje houve muitas modificações e surgindo cada vez a modernização que nos permite Ter um conhecimento básico do que é um computador e <u>quais os seus ‘fins’.</u></p> <p>Temos uma grande utilização na informática em várias áreas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - no trabalho - em empresa - na escola - Também <u>a informática é uma forma de distração.</u> <p><u>Neste novo milênio, teremos novos conhecimentos em relação a informática, porque em tão pouco tempo teremos novas descobertas.</u></p>	<p>Internet em nossas vidas</p> <p>“ A internet, nos últimos anos, invadiu a vida dos brasileiros, e provocou uma revolução na comunicação. Crianças, adolescentes e adultos, mas principalmente os adolescentes, mudaram suas vidas radicalmente em razão da internet. Horários agora são desrespeitados. Violência e ‘ Sexo seguro’ agora estão mais acessíveis. Em um outro ponto, vemos o crescimento do intelecto e uma preparação maior para o trabalho. O que é a internet então? Um bico-de-sete-cabeças ou um pequeno e inofensivo cachorro branco?</p> <p>O lado positivo da internet é o livre acesso e rápido também, a informação de todos os tipos. O conhecimento das pessoas aumentou em razão do fácil acesso que a internet nos oferece. Pessoas de todas as classes a usam pois hoje em dia qualquer escola possui um computador, e até já presenciamos internet por orelhão, usando apenas um cartão telefônico. Muitas escolas escolhem a internet como fontes de pesquisa e trabalhos, ‘facilitando’ a vida dos alunos. Agora vejamos o outro lado.</p> <p>Será que a internet é tão boa assim? O livre acesso também tem um lado negativo, pois, além de aumentar o intelecto da pessoa, pode levá-la a conhecer coisas ruins, como a violência ou Sexo inseguro. Leva crianças a conhecerem o sexo mais cedo, quando estão despreparadas física e emocionalmente. A violência invade a casa das pessoas pela telinha. Antes era só a TV, e agora é o computador também. <u>As pessoas perderam o pudor.</u></p> <p>Contudo, eu admito que gosto de navegar por horas e horas no computadr. Acho que me sinto bem, fugindo da realidade. Também, do jeito que o mundo está, <u>se não vermos estas coisas no computador, veremos nas portas de nossas casas.</u> A violência e a falta de pudor estão presentes em todos os lugares. O jeito é viver a vida com a internet, e ignorar os pontos negativos, que às vezes até nos preparam para o mundo real, que é bem pior.</p>
ANÁLISE	ANÁLISE
<p>Informações imprecisas.</p> <p>Informações previsíveis, sem fundamento argumentativo.</p> <p>Falta de esclarecimento nas informações</p> <p>Falta de ordem na seqüência das informações.</p>	<p>Idéias inesperadas</p> <p>Uso de melhor vocabulário</p> <p>Uso de argumentação contra e a favor</p> <p>Esclarecimento de informações.</p>

As tabelas 4.40 e 4.41, no anexo 2, mostram os assuntos para escrita e leitura, enumerados pelos alunos entrevistados das duas escolas. Para os alunos da Escola Municipal Dom Orione, o esporte é o assunto preferido para ler e escrever segundo 14% dos estudantes.

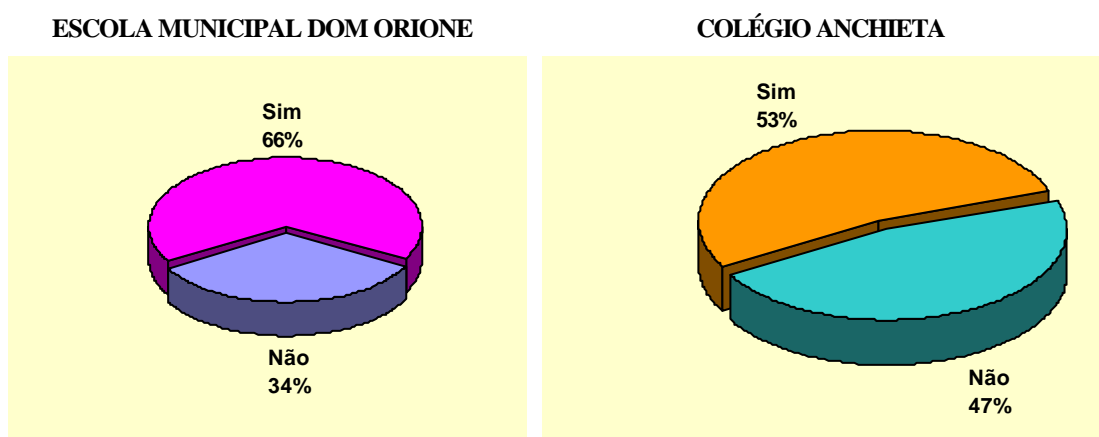
Quanto à preferência sobre assuntos para ler e escrever, 15% dos alunos do Colégio Anchieta preferem temas atuais, 12% preferem esporte e 9% preferem ler ou escrever sobre futebol.

Para verificar a relação dos entrevistados com a prática da escrita, foram levantados dados referentes à facilidade para escrever. A maioria dos alunos entende a facilidade para escrever como desembaraço na escrita de qualquer mensagem, em situação informal, sem vínculo com as normas da língua padrão. Aí eles têm desempenho. Há significativa diferença, para eles, com a modalidade de escrita da produção textual, ou seja, a redação que será corrigida e avaliada pelo professor. A dificuldade deles está no desconhecimento das normas que regem este texto e, por essa razão, a maior parte disse, na entrevista, ter problemas para produzi-lo, ao mesmo tempo em que afirmou ter facilidade para a escrita.

66% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione responderam que têm facilidade e 34% não têm facilidade para escrever.

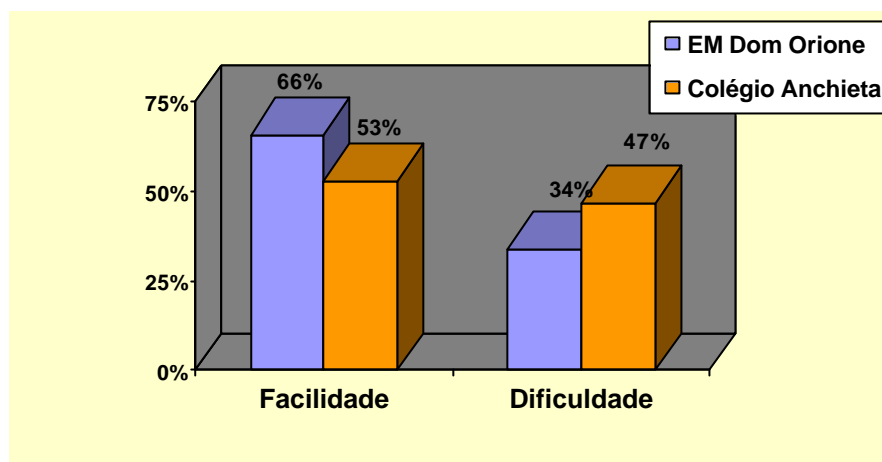
Os entrevistados do colégio Anchieta, 53%, responderam que têm facilidade para escrever, e 47% não têm. Estes dados estão ilustrados nas figuras 4.27 e 4.28.

Figura 4.27: Facilidade para escrever



66% dos entrevistados têm facilidade e 34% não têm facilidade para escrever.

53% dos entrevistados têm facilidade e 47% não têm facilidade para escrever.

Figura 4.28: Facilidade para escrever

Numa análise geral, 66% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione têm facilidade para escrever e 34% não têm, enquanto 53% dos entrevistados do Colégio Anchieta têm facilidade para escrever e 47% têm dificuldade.

Começar um texto é o maior problema para 29% dos entrevistados da Escola Municipal Dom Orione. O desenvolvimento do assunto foi citado por 9% deles como problema para produzir um texto.

Segundo os entrevistados do colégio Anchieta, a falta de idéias para começar um texto é problema para 72% dos estudantes que têm dificuldades para escrever, 27% apontaram a organização das idéias como problema, outros 27% citaram a ortografia, 17% têm problema para terminar um texto e outros 17% citaram a falta de criatividade no momento da produção textual como principal problema.

Estes dados estão apresentados nas tabelas 4.42 e 4.43, no anexo 2 .

A análise dos textos produzidos pelos alunos, constantes do quadro 4.3 , ilustra essas respostas.

QUADRO 4.3 – Textos 5 e 6

ESCOLA MUNICIPAL DOM ORIONE	COLÉGIO ANCHIETA
<p>“ <u>Operações em qualquer parte do mundo, informações desde caseiras até secretas. Tudo que esteja ligado ao mundo seja devido a informática.</u></p> <p><u>Informática, uma evolução no e do mundo de hoje que proporciona a grande maioria.</u></p> <p><u>Tudo se desenvolve rapidamente até operações manuais ficam mais fáceis, máquinas substituem o homem fazendo o trabalho mais fácil e em grande quantidade.</u></p> <p><u>A informática é como uma maré que avança sobre toda a população, porém, que esqueça de uma parte, de uma grande parte, que são os pobres. Mas essa maré, quem sabe já esteja atuando, devagar, mas está atuando. Junto com essa maré vem também a miséria, o desemprego através dessa facilidade de fazer o trabalho rápido.”</u></p>	<p>“<u>A internet influencia muito no nosso dia a dia.</u></p> <p>Podemos saber de tudo <u>sem sair de casa</u>, agora fica muito mais fácil a comunicação.</p> <p><u>Conhecemos novos horizontes sem sair de casa. Cada dia mais a internet vai renovado cada vez mais.</u></p> <p><u>A internet não é só uma fonte de pesquisa, muitas pessoas fazem amizade na internet.</u></p> <p><u>Algumas pessoas não vê a internet como uma coisa boa. A internet, também faz parte da nossa cultura.</u></p> <p><u>Os principais fatos estão na internet. A facilidade de descobrir alguns relatos.”</u></p>
ANÁLISE	ANÁLISE
<p>Dificuldades em :</p> <p>Começar um texto</p> <p>Desenvolvimento do assunto</p> <p>Acentuação e pontuação</p> <p>Terminar um texto</p>	<p>Dificuldades em :</p> <p>Falta de idéias para começar um texto</p> <p>Organização das idéias</p> <p>Ortografia</p> <p>Terminar um texto</p>

Com vistas a verificar a opinião dos entrevistados em relação à linguagem virtual, apenas 26% dos estudantes da Escola Municipal Dom Orione apontaram alguma diferença em relação à linguagem usada nos ambientes virtuais. 74% dos entrevistados não têm acesso à rede. Liberdade, complexidade e rapidez foram algumas das diferenças citadas.

Já para os alunos do Colégio Anchieta, abreviações, linguagem informal e linguagem descontraída, foram apontadas por 18%, cada, como as principais diferenças em relação à linguagem usada nos ambientes virtuais. 15% dos estudantes disseram que o uso de gírias é a diferença mais marcante e outros 15% afirmaram que a linguagem eletrônica é direta, objetiva simples e/ou fácil de ser compreendida. As respostas estão expostas nas tabelas 4.44 e 4.45, citadas no anexo 2.

Em relação à linguagem dos *chats*, 11% dos estudantes da Escola Municipal Dom Orione disseram que é muito legal e descontraída, e 6% deles disseram que dá

liberdade para falar o que quiser.

As opiniões mais freqüentes sobre a linguagem descontraída dos *chats* foram, para 9% dos entrevistados do colégio Anchieta: *linguagem chata, linguagem ótima/legal/adoro e não gosto desse tipo de linguagem*. Para 6% dos entrevistados cada: *prejudica o uso da língua culta e muitas vezes é a linguagem usada na vida real*. A exposição destas opiniões está apontada nas tabelas 4.46 e 4.47, no anexo 2.

4.4 CONCLUSÃO DA ANÁLISE

Através dos dados coletados nesta pesquisa, foi possível traçar um perfil do usuário/não usuário da Internet em relação à produção escrita, conforme se expõe a seguir:

a) Adolescentes da mesma faixa etária, com vivências e perspectivas futuras semelhantes, que gostam de ler, de escrever, de esporte, de música, mas, em realidade educacional distinta, escola pública e escola particular, apresentam diferente interesse pelo acesso à Internet.

b) Alunos da escola pública analisada, em maior quantidade, trabalham e estudam, e têm pouco contato com a Internet, não sendo este dado associado a algum motivo específico, por não ser este o objeto da pesquisa.

c) O acesso à informação, através da mídia, ocorre de forma semelhante aos alunos das duas escolas.

d) As dificuldades e limitações para produzir textos são expostas de forma semelhante pelos entrevistados, não havendo diferença relevante entre as respostas fornecidas pelos alunos.

e) Dos textos produzidos pelos alunos, verificou-se que as limitações e “erros” em relação à norma culta da língua se assemelham, também, nas duas realidades analisadas. Há problemas relacionados à ortografia, a pouco domínio morfossintático e semântico em ambos os textos escritos.

f) Os textos produzidos pelos alunos que têm maior acesso à Internet apresentam mais informações e criatividade do que os daqueles que não acessam.

É importante ressaltar, através dos dados obtidos nesta pesquisa, que nem a

escola pública nem a escola privada estão “trabalhando” a questão do domínio lingüístico do aluno em relação à norma culta da Língua Portuguesa. Percebem-se, nos textos produzidos, limitações em relação às estruturas básicas da língua, numa e noutra escola. As dificuldades expostas, tanto nas informações dos alunos, quanto nas suas realizações escritas, sugerem as mesmas dificuldades.

O aluno da Escola Pública, “supostamente” com menor acesso às informações, vive um contexto muito semelhante ao aluno da Escola Particular que, no paradigma cultural, tem mais oportunidades. Questiona-se, aqui, então, o domínio precário das normas da Língua Portuguesa em ambas as realidades.

Situando a Internet nesse contexto, é possível inferir que, como a conversação *online* só pode se concretizar através da palavra escrita ou símbolos, as palavras digitadas no teclado do computador permitem iniciar uma relação virtual, possibilitando o resgate da comunicação por meio da escrita, sob outros critérios.

No entanto, pouco, ou quase nada, há de interferência da Internet no domínio lingüístico do aluno em situação de escrita. As limitações lingüísticas se assemelham àqueles que acessam e os que não acessam a Internet, como já exposto, ou seja, o nível de coesão textual não apresenta significativa diferença.

A informação que veicula no texto dos alunos que acessam a Internet, entretanto, apresenta mais informatividade e intertextualidade, em relação aos que não acessam. Verificou-se, na pesquisa, um número bem superior de *sites* acessados pelos alunos do Colégio Anchieta, bem como a citação de *e-mail* em maior proporção, em relação aos alunos da Escola Municipal Dom Orione.

Este é um dado que fundamenta este estudo: a ampla variedade de temas que circula na rede, bem como a interação das salas de bate-papo, permitem a aproximação de usuários em busca de comunicação com outras pessoas, o intercâmbio de idéias e a contínua busca de informações. O correio eletrônico constitui-se também em uma recuperação do hábito de exercitar a escrita.

Mais do que isso, o texto eletrônico possibilita envolver o usuário em todo o processo preliminar de agregação de idéias, experiências, vivências, matérias e relações que correspondem ao processo de criação de significado por parte do leitor.

Cabe, pois, à escola, inserir o aluno nesta realidade, considerando as possibilidades do efeito cumulativo que a linguagem eletrônica poderá fornecer aos que não vivem essa realidade.

CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A organização gráfica dos textos da Internet auxilia no acesso e na rapidez da leitura de uma forma específica, através do hipertexto da hipermídia ou da multimídia interativa.

Numa produção textual, para se organizar as idéias de maneira lógica, faz-se necessário respeitar as leis do entendimento, da razão, do pensamento com a devida preocupação em tornar claro para os outros aquilo que se quer declarar. Deve-se organizar o pensamento respeitando o modo de raciocinar peculiar de alguém ou de um grupo.

Além disso, a coerência, responsável pelo sentido do texto, enredando fatores lógicos e cognitivos, depende do partilhar conhecimentos entre interlocutores, ou seja, um discurso é coerente, quando apresenta uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor.

As novas tecnologias de comunicação, cada vez mais interativas, mais dialógicas, mais segmentadas, podem propiciar a criação de muitas alternativas, de muitos projetos e programas virtuais, que podem auxiliar nessa organização de idéias e na coerência textual.

As características do mundo virtual permitem potencializar as habilidades do indivíduo, que está diante de uma nova linguagem do conhecimento. O hipertexto quebra a linearidade da escrita, permitindo estabelecer conexões múltiplas no texto, através de todo um conjunto de ícones, comandos, sons e imagens, que deságua na sinergia da *hipermídia*, constituindo um formidável aparato para o desenvolvimento do intelecto humano.

Com base nos dados levantados neste estudo, podemos dizer que o texto eletrônico é pródigo para o desenvolvimento tanto do acesso a informações quanto da fluidez textual, necessários à criatividade da escrita, embora não interfira no domínio das normas lingüísticas de seus usuários.

A escrita em tempo real, via Internet, interfere não no domínio da estrutura escrita da Língua, mas, ao contrário, desconsidera elementos da estrutura lingüística tradicional e dos aspectos textuais desta modalidade de comunicação.

Acessando ou não a Internet, o aluno tem limitações lingüísticas que se inserem no âmbito cognitivo e que dependem de uma aprendizagem que não se associa ao texto eletrônico. No entanto, a Internet, com seu acúmulo de informações, pode auxiliar o aprendiz na busca de saberes, na qualidade e na criatividade de elaboração de idéias.

Recomendações para Trabalhos Futuros

A partir das conclusões obtidas neste estudo, objetivando o acesso dos alunos à Internet, com a finalidade de acrescentar-lhes vivências e informações, recomenda-se aos profissionais da docência de Língua Portuguesa, bem como das demais disciplinas escolares, a curto prazo:

? estimular os alunos a explorarem os recursos da rede Internet, como, laboratórios virtuais de experimentação, sistemas experts de simulação, bancos de dados de diferentes formatos (imagens, slides, gráficos etc), leitura de jornais *online*, hipertextos didáticos etc, utilizando a Internet como ferramenta auxiliar no processo educacional, sem preconceito lingüístico.

? Possibilitar aos alunos identificar diferenças entre o uso formal da língua e seu respectivo uso em *chats*, percebendo-lhes as diferenças.

? Garantir a participação e a contribuição de idéias dos alunos, através da exploração de recursos da Internet .

? Possibilitar recursos de pesquisas em *sites* educacionais.

A longo prazo, recomendam-se estudos que possam contribuir para a inserção de alunos, de Escolas Públicas e Particulares, na realidade tecnológica atual, que, sem dúvida, vem intensificando a qualidade das informações, através da Internet.

Para isso, algumas indagações surgidas ao longo desta pesquisa podem ser consideradas e aprofundadas:

? Há interferência direta na criatividade do aluno, quando da elaboração de idéias, em virtude da quantidade ou da qualidade de informações via Internet?

? A escola pública, com recursos tecnológicos disponíveis, limita o acesso do aluno à Internet? Em que isso pode afetar na sua produção textual?

? O acesso à informação, necessário à textualidade, é possível àqueles que não têm acesso ao texto eletrônico?

? A prática lingüística, para utilização das normas da Língua Portuguesa, pode ser explorada através de textos eletrônicos? Em que tipos de atividades?

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

APARICI, Roberto. Educação para os meios num mundo globalizado. <http://www.fae.ufmg.br/catedra/Artigo2.htm> (Julho, 1998).

APEL, J.(1996). *Evaluar e Informar en el proceso de enseñanza- aprendizaje*. Buenos Aires: AIQUE.

BAIRON, S. *Multimídia*, S.Paulo, Global Editora, 1995

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo : Hucitec / Petrópolis : Vozes, 1987.

BARRETO, R.G. "Os sentidos produzidos na/pela articulação palavra-imagem: novos desafios para a leitura na escola". Projeto Integrado de Pesquisa, LISE/CNPq, 1994.

BARRETO, A. de A. , *A Questão da Informação* , São Paulo em Perspectiva, n.4, v.8, 1994, pp. 3-8.

_____ *Perspectivas da Ciência da Informação*, Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 21,n2,1997, UNB.

BARTHES, R. , *O Rumor da Língua* , Edições 70, 1984, Lisboa.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*; trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D' Água, 1991.

BEAUGRANDE, Robert & Wolfgan DRESSLER. *Introduction to Text Linguistic*. London, Longman. 1981.

_____New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society. Norwood, N.J., Ablex. 1997.

BENVENISTE, Emile. Problemas de lingüística geral. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1976.

BOLTER, Jay David. Writting Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writting. Hillsdate, N.J., Lawrence Erlbaum Associates. 1991.

BRESSANE, Rodrigo. Internet 2 avança, Jornal Estado de Minas, Caderno Informática, 24/8/98.

BUSH, Vanevar , As We May Think, Atlantic Mountly, n.1, july 1945, pp. 101-108.

CASSONI, Antônio Marmo. Entrevista: A comunicação do professor. 1999. [online] Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.netsite.com.br/revide/080298/entrevis.htm>.

CAGLIARI, L. E., Alfabetização e lingüística, São Paulo, Scipione, 1992, 5. Ed.

CHARTIER, A. M. & HÉBRARD, J. Discursos sobre a leitura. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger, A aventura do livro: do leitor ao navegador.São Paulo:FundaçãoEditora da Unesp,1998.159p. ...ica, São Paulo, Scipione, 1992, 5. Ed.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia. São Paulo: Cortez, 1989.

CONKLIN, J. Hypertext:an introduction and survey.Computer, v.20, n.9,p.17-41, sept.1987.p.17.

COSTA, Rosa Maria E. M.; XEXÉO, Geraldo; <http://www.cos.ufrj.br/~costa> Internet nas escolas: uma proposta de ação. Dezembro/1997.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1991..

COUPLAND, D. Micro servos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ECO, U. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRO, E. Cultura escrita e educação. PortoAlegre:Art Med.2000.

GRESPLAN, Gilmar. O uso da língua portuguesa em tempo real na Internet. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.terravista.pt/AguaAlto/3560/pesquisa.html>. Dados obtidos em 14 de dez. 1999.

HALLIDAY, M.A.K. Spoken and Written Modes of Meaning. Media texts. Authors and Readers. David Graddol, Boyd. Barrett. The Open University, 1993.

————— An Introduction to Functional Grammar. Great-Britain: Edward Arnold, 1985.

HARASIM, Linda. Online Education: A New Domain. In: Mason, Robin and Kaye,Anthony (eds.) Mindweave: Communication, Computers and Distance Education.(1989). Pergamon Press, Oxford.URL: <http://www-icdl.open.ac.uk/mindweave/mindweave.html>

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIM, M. The Metaphysics of Virtual Reality. Oxford Press, 1993 cap.3.

HETERICK, R. C., "Paradigms and paradoxes - Preparing for the Information Revolution", Higher Education Product Companion, vol. 3, Nº 1, 1993, p. 8.

KATO, M. No Mundo da Escrita. Uma Perspectiva Psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, A. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore, V. G. O Texto e a Construção dos Sentidos. São Paulo, Contexto. 1997.

_____. Os Estudos sobre os Textos: Situação Atual e Perspectivas Futuras. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso, Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

KRESS, G. Structure of Discourse and Structure of Explanation. University of London, 1992.

KRISTEVA, J. História da linguagem. Lisboa: Edições 70, 1988.

LAKOFF, G. E JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANDOW, George P. Hypertext 2.0 - The Convergence of Contemporary Critical Theory. Baltimore and London, John Hopkins University Press. 1997.

LAUREL, B; Computer as Theater; Addison- Wesley, NY, 1992, especialmente cap.1e6.

LEMOS, A. Anjos Interativos e Retribalização do Mundo: Sobre interatividade e interface digitais, in Tendências XXI, Lisboa, no prelo.

LEIRO, Jaime. Sistemas Hipertexto para microcomputadores: uma aplicação em informação científica de Brasília, 1992. Dissertação de Mestrado.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática. São Paulo. Editora 34. 1993.

_____. A Inteligência Colectiva , Para uma antropologia do Ciberespaço, Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade, 1994, Lisboa.

_____. O que é o Virtual. São Paulo, Editora 34. 1996.

_____. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. Palestra realizada no Festival Usina de Arte e Cultura, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em Outubro, 1994. Tradução Suely Rolnik.

LIMOEIRO CARDOSO, M. La construcción de conocimientos: cuestiones de teoria y de método. México: ERA, 1977.

LITWIN, Edith. Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

MADDIX, F. Human-computer interaction : theory and practice. England : Ellis Horwood Limited, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso, Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

MASON, Robin. Models of Online Courses. ALN Magazine. Volume 2, Issue 2 – October, 1998.

MATURAMA, H. R e VARELA, F. G. (1990). El árbol del conocimiento: las bases biológicas del entendimiento humano. Santiago del Chile: Editorial Universitaria.

MEHELER, J. (ed.) , Cognition on Cognition, MIT Press. 1995, USA.

MELLO JR. José de .Revista Editor . artigo "O Livro Digital" ANO 2 - Nº 8 - Fevereiro / Março 2000.

MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. Internet.br, Rio de Janeiro, p. 32-35, novembro 1998.

MINSKY, Marvin. The Society of Mind, Simon and Schuster, New York. 1986.

MORAN, José Manuel. Desafios da Internet para o professor. <http://www.eca.usp.br/eca/proFmoran/desafio.htm> , 20/08/98.

MORAN, José Manuel. Mudanças na comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1998.

NOGUEIRA, Sérgio. Coluna Língua Viva do Jornal do Brasil. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.jornaldobrasil.com.br> Dados obtidos em 14 de dez. 1999.

OLSON, David. R. O Mundo no Papel. As Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita. São Paulo, Ática. 1997.

ORLANDI, E.P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1988.

PONTES, E. O "Continuum" língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. Trab.Ling.Apl. Campinas, (12):101-107, jul./dez. 1988.

RICOEUR, P. , Interpretação e Ideologias, Francisco Alves, 4ª Edição, 1990.

ROUET, Jean François; Jarmo J. LEVONEN; Andrew DILLON & Rand SPIRO (eds). Hypertext and Cognition. Mahwah, N.J., Lawrence Earlbaum. 1996.

SHNEIDERMAN, Ben; KEARSLEY, Greg. Hypertext hands-on!: an introduction to a new way of organizing and accessing information. Reading, Addison-Wesley, 1989. 165p. ISBN0-201-13546-9.

SILVA, T.T. (Org.). Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SMITH, John B .; WEISS, Stephen F. Hypertext. Communications of the ACM, v.31, n.7, p.816-819, July 1988

SNYDER, Illana. Hypertext. The Eletronic Labyrinth. Washington, New York University Press. 1997.

TANNEN, D. The Oral/Literate Continuum in Discourse. In: Tannen, D. (ed.) Spoken and Written Language. New Jersey: Ablex, 1982.

VIRILIO, Paul. A arte do motor; trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. /alnweb/magazine/vol2_issue2/Masonfinal.htm

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 4. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet:

<http://www.terravista.pt/FerNoronha/2312/index23.htm>

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário Aplicado

Uma pesquisa sobre a turma – maio/2001

DADOS PESSOAIS

1 – Você pertence ao sexo:

masculino feminino

2 – A sua idade está compreendida entre

16 e 18 anos 19 e 21 anos mais de 22 anos

3 – A sua cidade natal é

Belo Horizonte

Se for outra, qual é? _____ Estado
de _____

4 – Em relação à Internet, preencha o quadro abaixo;

Uso	Frequência do uso	Escreva seu e-mail (1ª linha) e o site em que você navega (2ª.)
Sim Não	diário1h diário2h diário+2h Seman.	

TRABALHO

1 – Preencha o quadro abaixo:

Estudo apenas	Estudo e trabalho	Local de Trabalho	Uso Internet no local de trabalho

2 – Em caso afirmativo, como é o uso da internet no local de seu trabalho?

.....

.....

LAZER, GOSTOS E PREFERÊNCIAS

1- O que você faz no final de semana?

.....

2 – Que tipo de música você gosta de ouvir?

.....

3 – Você viaja com frequência? Qual a frequência?

.....

4 – Você pratica algum esporte? Qual?

.....

5 – A que tipo de filme você prefere assistir?

.....

6 – Você tem o hábito de ler? Qual o tipo de leitura de que você mais gosta?

.....

7 – Já viajou para o exterior? Onde e quando?

.....

ESCOLA, FORMAÇÃO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

1 – Em relação à sua formação escolar, preencha o quadro abaixo:

Ensino Fundamental	Ensino Médio	Domina outros idiomas	Domínio de Informática
Público Particular	Público Particular	Sim (qual?) Não	Reg. Bom

			MB
--	--	--	----

2 – Já escolheu qual curso pretende fazer? _____

Justifique sua escolha _____

INFORMAÇÃO E OPINIÃO

1 - Sobre sua preferência de leitura, preencha o quadro abaixo:

Jornais	Revistas	Sua produção textual
Sim. (Qual(is)?) Não	Sim. (Qual(is)?) Não	Com probls. Sem probls.

2 – Há algum assunto na mídia que você vem acompanhando? Qual ou Quais? _____

3 – Que critérios você usa para escolher qual assunto acompanhar na mídia? _____

4 – Sobre quais assuntos você gostaria de escrever e ler? _____

5 – Você tem facilidade para escrever? Sim. Não.

6 – Qual é o maior problema que você sente ao escrever textos trabalhados na escola?

7 – Se você usa a internet, qual é a diferença que sente em relação à linguagem usada nesses ambientes virtuais?

8 – O que você acha dessa linguagem descontraída dos *chats*?

Anexo 2 - Tabelas de Dados da Pesquisa

Tabela 4.1: Outra cidade – Escola Municipal Dom Orione (11%)

Outra cidade	Nº absoluto	%
Virginópolis	2	50
Nanuque	1	25
Ipatinga	1	25
Total	4	100

Tabela 4.2 : Outra cidade – Colégio Anchieta (12%)

Outra cidade	Nº absoluto	%
Juiz de Fora	1	25
Congonhas do Campo	1	25
Corinto	1	25
São Paulo	1	25
Total	4	100

Tabela 4.3: E-mail e site que navega – Escola Municipal Dom Orione

E-mail e site	Nº absoluto	%	Sites citados
Não responderam o e-mail	7	78	Www.ig.com.br
Não responderam o site	5	56	Www.uol.com.br
			Cidade internet
			Www.batcaverna.com.br
			100%bomba.com.Br
			Simoneespinsa@ig.com.br
			Tiago_kbssao@98fm.com.br

Tabela 4.4 : E-mails citados – Colégio Anchieta

E-mail	
choggop@hotmail.com	Emmanueldavid@bol.com.br
jovcelindinha@brfree.com.br	Brunacristina@globo.com
anonbh@ig.com.br	Luizhvs@ig.com.br
deborahveiga@bol.com.br	Douglasfat@aol.com.br
bho1984@bol.com.br	Tiao@belo.net
felipedelima@hotmail.com	Crazyboy.icq@globo.com
renatapoliveira@uol.com.br	Schulzfrederico@bol.com.br
carollbarroso@hotmail.com	Carvalhos@ig.com.br
eusoumal@ig.com.br	Loammi@net.em.com.br
Não responderam	16 (47%)

Tabela 4.5 : Sites citados – Colégio Anchieta

Sites	Nº absoluto	%
www.uol.com.br	3	8
www.cade.com.br	3	8
www.terra.com.br	2	5
www.globo.com	2	5
www.zip.net	2	5
www.bhnet.com.br	1	3
www.mtv.com.br	1	3
www.humortadela.com.br	1	3
www.tantofaz.net	1	3
www.cruzeiro.com.br	1	3
www.diantedotrono.com.br	1	3
www.ign.com.br	1	3
www.ign.com.br	1	3

www.metacrawler.com	1	3
Todos	1	3
Vários	2	5
Não tem preferência	4	10
Não responderam	9	24
Total	37	100

Tabela 4.6: Local de trabalho – Escola Municipal Dom Orione (29%)

Local	Nº absoluto	%
Restaurante	1	10
Escola	1	10
Casa de família	1	10
Fábrica de calçados	1	10
Não responderam	6	60
Total	10	100

Tabela 4.7: Local de trabalho – Colégio Anchieta (6%)

Local	Nº absoluto	%
Particular (criação de sites para internet)	1	50
Gráfica	1	50
Total	2	100

Tabela 4.10: Atividades no final de semana – Escola Municipal Dom Orione *

Atividades	Nº absoluto	%
Sair	15	43
Namorar	6	17
Esporte	5	14
TV	5	14
Estudar	4	11
Casa de amigos	4	11
Não faz nada	3	9

Igreja	3	9
Viajar	3	9
Ajudar aos pais	2	6
Shopping	2	6
Cinema	2	6
Arrumar a casa	2	6
Ouvir rádio	2	6
Festas	1	3
Bicicleta	1	3
Almoçar com a família	1	3
Trabalhar	1	3
Teatro	1	3
Ginástica	1	3
Ler	1	3
Grupo de jovens	1	3
Casa de parentes	1	3
Não responderam	2	6
Total	69	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.11: Atividades no final de semana – Colégio Anchieta*

Atividades	Nº absoluto	%
Sair	27	79
Internet	11	32
Ficar em casa	6	17
Esporte	6	17
Namorar	4	12
Clube	3	9
Igreja	2	6
Estudar	2	6
Casa de parentes	2	6
Ir a bares	1	3
Trabalhar	1	3
Jogos eletrônicos	1	3
Ouvir música	1	3
Cinema	1	3

TV	1	3
Coral	1	3
Sítio	1	3
Restaurante	1	3
Descansar	1	3
Curso de língua	1	3
Tocar (instrumento musical)	1	3
Beber	1	3
Total	76	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.12: Tipo de música que gosta de ouvir – Escola Municipal Dom Orione*

Tipo de música	Nº absoluto	%
Rock	19	54
Pop	12	34
Pagode	6	17
MPB	4	11
Todo tipo, exceto rock	3	9
Cristã	2	6
Forró	2	6
Romântica	2	6
Rap	1	3
Rap	1	3
Evangélica	1	3
Qualquer uma	1	3
Bossa Nova	1	3
Sertaneja	1	3
Funk	1	3
Nenhuma	1	3
Heavy Metal	1	3
Hip Hop	1	3
Não responderam	1	3
Total	61	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.13: Tipo de música que gosta de ouvir- Colégio Anchieta*

Tipo de música	Nº absoluto	%
Pop	12	35
Rock	12	35
Todos os tipos	10	29
MPB	5	15
Pagode	2	6
Axé	2	6
Vários tipos	2	6
Sertaneja	1	3
Techno	1	3
Gospel	1	3
Industrial	1	3
Internacional	1	3
Heavy Metal	1	3
Grunch	1	3
Dance	1	3
Forró	1	3
Romântica	1	3
Instrumentais	1	3
O que estiver tocando	1	3
Não responderam	1	3
Total	58	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.14: Frequência das viagens Escola Municipal Dom Orione (60%)

Frequência	Nº absoluto	%
Nas férias	6	29
Uma vez ao ano	5	24
Uma vez por semana	5	24
De vez em quando	2	10
De 3 em 3 meses	1	5
Todo mês	1	5
De 4 a 5 vezes por ano	1	5
Total	21	-

Tabela 15: Frequência das viagens - Colégio Anchieta (88%)*

Frequência	Nº absoluto	%
Uma vez ao ano	12	40
Duas vezes ao mês	4	13
Feridos	3	10
Duas vezes ao ano	3	10
Uma vez ao mês	3	10
Férias	2	7
Toda semana	1	3
Recessos	1	3
Dez vezes ao ano	1	3
Periodicamente	1	3
Total	31	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.16: Viagens para o exterior – Escola Municipal Dom Orione (6%)

Lugar(es)	Nº absoluto	%
Paraguai, Uruguai e Argentina	1	50
Argentina	1	50
Total	2	100

Tabela 4.17: Período da viagem para o exterior – Escola Municipal Dom Orione (6%)

Ano	Nº absoluto	%
1996	1	50
1999	1	50
Total	2	100

Tabela 4.18 : Viagens para o exterior – colégio Anchieta(9%)

Lugar(es)	Nº absoluto	%
EUA (Califórnia)	1	33,3
EUA (Flórida)	1	33,3
Argentina e Paraguai	1	33,3
Total	3	100

Tabela 4.19: Período da viagem para o exterior – Colégio Anchieta (9%)

Ano	Nº absoluto	%
De 1995 a 1999	1	33,3
2000	1	33,3
Todos os anos	1	33,3
Total	3	100

Tabela 4.20: Esportes praticados – Escola Municipal Dom Orione (63%)*

Esporte	Nº absoluto	%
Futebol	17	74
Natação	7	30
Vôlei	6	26
Peteca	4	17
Tênis	2	9
Capoeira	2	9
Ginástica	2	9
Skate	1	4
Musculação	1	4
Basquete	1	4
Total	43	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.21 : Esportes praticados – Colégio Anchieta (79%)*

Esporte	Nº absoluto	%
Futebol	11	41
Volei	7	26
Natação	5	19
Musculação	2	7
Jiu-jitsu	1	4
Caminhada	1	4
Peteca	1	4
Futsal	1	4
Dança do ventre	1	4
100 metros rasos	1	4
Total	31	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.22: Tipos de filme preferidos – Escola Municipal Dom Orione*

Tipo de filme	Nº absoluto	%
Ação	16	46
Comédia	15	43
Suspense	14	40
Romance	12	34
Terror	9	26
Aventura	5	14
Diversos	2	6
Épico	1	3
Drama	1	3
Policial	1	3
Não responderam	1	3
Total	77	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.23 : Tipos de filme preferidos – Colégio Anchieta*

Tipo de filme	Nº absoluto	%
Ação	14	41
Comédia	14	41
Suspense	11	32
Romance	10	29
Terror	7	21
Ficção	5	15
Aventura	3	9
Ficção Científica	2	6
Drama	2	6
Bíblico	1	3
Épico	1	3
Pornô	1	3
Literatura	1	3
Clássico	1	3
Todos	1	3
Todos, exceto romance	1	3
Total	75	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.24: Tipos de leitura preferidos – Escola Municipal Dom Orione (80%)*

Tipo de leitura	Nº absoluto	%
Revistas	9	32
Jornais	7	25
Romance	6	21
Suspense	6	21
Capricho	5	18
Veja	3	11
Época	2	7
Diversos	2	7
Carícia	1	4
Livros escolares	1	4
Revistas de esporte	1	4
Revistas em quadrinhos	1	4
Ação	1	4
Literatura Brasileira	1	4
Aventura	1	4
Não responderam	1	4
Total	48	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.25: Tipos de leitura preferidos (71%)- Colégio Anchieta*

Tipo de leitura	Nº absoluto	%
Romance	8	33
Esporte	3	13
Não tem preferência	2	8
Matérias jornalísticas	2	8
Suspense	2	8
Ficção	2	8
Ficção Científica	1	4
Produções em inglês	1	4
Auto-ajuda	1	4
Literatura	1	4
História	1	4
Informática	1	4
Romance Policial	1	4
Bíblia	1	4

Livros evangélicos	1	4
Revistas em geral	1	4
Poesia	1	4
Atualidades	1	4
Biografias	1	4
Filosofia	1	4
Fábulas	1	4
Fantasia	1	4
Livro que chame a atenção	1	4
Total	36	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.26: Idiomas citados – Escola Municipal Dom Orione (3%)

Idioma	Nº absoluto	%
Inglês	1	3
Total	1	100

Tabela 4.27: Idiomas citados – Colégio Anchieta (32%)

Idioma	Nº absoluto	%
Inglês	9	82
Espanhol	2	18
Total		100

Tabela 4.28: Profissões escolhidas – Escola Municipal Dom Orione (69%)*

Curso/Carreira	Nº absoluto	%
Informática	4	17
Psicologia	4	17
Educação física	3	13
Direito	3	13
Veterinária	2	8
Engenharia	2	8
Enfermagem	1	4

Fisioterapia	1	4
Algum ligado a Biologia	1	4
Computação	1	4
Jogador de Futebol	1	4
Matemática	1	4
Administração	1	4
Não responderam	1	4
Total	26	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.29: Profissões escolhidas - Colégio Anchieta (74%)*

Curso/Carreira	Nº absoluto	%
Educação Física	3	12
Direito	2	8
Engenharia de Telecomunicações	2	8
Comunicação Social	2	8
Veterinária	2	8
Fisioterapia	2	8
Medicina	2	8
Biologia	1	4
Biomedicina	1	4
Medicina alternativa	1	4
Farmácia	1	4
Psicologia	1	4
Ciências Econômicas	1	4
Comércio Exterior	1	4
Ciência da Computação	1	4
Analista de Sistemas	1	4
Turismo	1	4
História	1	4
Letras	1	4
Total	27	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.30: Justificativa – Escola Municipal Dom Orione (69%)*

Justificativa	Nº absoluto	%
Gosta da área	11	46
O mercado de trabalho é bom	3	13
Gosta da prática de esportes (Educação Física)	2	8
Quer ajudar aos outros (Psicologia)	2	8
Quer salvar vidas (Medicina- Enfermagem)	1	4
O salário é bom (Computação)	1	4
Gosta de bichos (Veterinária)	1	4
Quer lidar com a modernidade (Informática)	1	4
Não justificou	2	8
Total	24	100

Tabela 4.31: Justificativas- Colégio Anchieta (74%)*.

Justificativas	Nº absoluto	%
Identificação	7	28
Gosta da área de exatas	3	12
Demanda do mercado	3	12
Influência familiar	2	8
Retorno financeiro	2	8
Gosta de computador	2	8
Gosta da área de saúde	1	4
Gosta de esportes (Educação Física)	1	4
Gosta de rádio, televisão e cinema (Com. Social)	1	4
Quer trabalhar com fatos reais (Com. Social)	1	4
Gosta de animais (Veterinária)	1	4
Ligada à biologia (Biologia)	1	4

Gosta de medicina, mas não da responsabilidade de ter uma vida nas mãos (Biomedicina)	1	4
Gosta de ajudar as pessoas (Medicina Alternativa)	1	4
Busca compreender e interpretar os fatos para analisar criticamente a sociedade (História)	1	4
Gosta de minimizar injustiças (Direito)	1	4
Abrange várias áreas (Direito)	1	4
Quer lutar em benefício da justiça (Direito)	1	4
Prestígio (Direito)	1	4
Escreve poesias (Letras)	1	4
Quer ser comissária de vôo (Turismo)	1	4
Total	34	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.32: Jornais lidos- Escola Municipal Dom Orione (71%)*

Jornais	Nº absoluto	%
Estado de Minas	17	68
Diário da Tarde	8	32
Folha de São Paulo	6	24
O Globo	5	20
Hoje em Dia	3	12
Pampulha	2	8
O Tempo	2	8
Balcão	1	4
Jornal sobre esporte	1	4
Não responderam	2	8
Total	47	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.33: Jornais lidos – Colégio Anchieta (47%)*

Jornais	Nº absoluto	%
Estado de Minas	14	88
Diário da Tarde	2	13
Jornal sobre esporte	2	13
Folha de São Paulo	1	3
Pampulha	1	3
O Tempo	1	3
Total	23	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4. 32: Revistas lidas – Escola Municipal Dom Orione (91%)*

Revistas	Nº absoluto	%
Veja	20	63
Época	14	44
Isto É	8	25
Capricho	8	25
Galileu	4	13
Super Interessante	4	13
Seleções	2	6
Horóscopo	2	6
Placar	2	6
Playboy	2	6
Globo	1	3
Geek	1	3
Quadrinhos	1	3
Minha Novela	1	3
Sobre esportes	1	3
De fofoca	1	3
Quatro Rodas	1	3
Criativa	1	3
Toda Teen	1	3
Metal Head	1	3
Contigo	1	3
Eróticas	1	3
Qualquer uma	1	3
Não responderam	2	6

Total	81	-
--------------	-----------	----------

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.33: Revistas lidas- Colégio Anchieta (88%)*

Revistas	Nº absoluto	%
Veja	17	57
Isto é	10	33
Capricho	8	27
Superinteressante	7	23
Atrevida	5	17
Época	4	13
Caras	4	13
Galileu	4	13
Show Bizz	1	3
PC Jamer	1	3
CD Expert	1	3
Placar	1	3
Revista da Web	1	3
Playboy	1	3
Cláudia	1	3
Ação Games	1	3
Contigo	1	3
Quem Acontece	1	3
Bom Astral	1	3
Globo Ciência	1	3
Boa Forma	1	3
Info	1	3
Astral	1	3
Profetizando vida	1	3
Estado de Minas	1	3
Revista de música	1	3
Revista para pesquisa	1	3
Total	78	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.34: Problemas na produção textual – Escola Municipal Dom Orione**(63%)**

Dificuldades	Nº absoluto	%
Começar um texto	4	18
Desenvolver o texto	4	18
Usar as palavras adequadas a situação	2	9
Ortografia	1	5
Título	1	5
Encerrar um texto	1	5
Não responderam	9	40
Total	22	100

Tabela 4.35: Problemas na produção textual – Colégio Anchieta(62%)*

Dificuldades	Nº absoluto	%
Começar um texto	5	24
Criatividade	2	10
Acentuação	1	5
Ortografia	1	5
Morfologia	1	5
Gramática	1	5
Normas textuais	1	5
Organizar as idéias	1	5
Transmitir as idéias	1	5
Alguns erros	1	5
Não responderam	8	38
Total	23	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.36: Assuntos acompanhados – Escola municipal Dom Orione(86%)*

Assunto	Nº absoluto	%
Racionamento de energia	12	40
Seleção brasileira de futebol	8	27
Violação do painel do Senado	4	13
Desemprego	4	13
Racismo	4	13
Política em geral	3	10
Projeto Genoma	3	10
Juiz Nicolau dos Santos Neto	2	7
Corrupção	2	7
Cantores em novelas	1	3
Funk	1	3
Preconceito das classes sociais	1	3
Esportes em geral	1	-3
Total	46	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.37: Assuntos acompanhados - Colégio Anchieta (94%)*

Assunto	Nº absoluto	%
Racionamento de energia	26	81
Violação do painel do Senado / Renúncia de ACM / CPI	13	41
Greve da polícia	2	6
Corrupção	1	3
Guerra de Israel	1	3
Petróleo	1	3
Congresso de Software Livre	1	3
Gravidez de Carla Perez	1	3
Total	46	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.38: Critérios utilizados para escolher qual assunto acompanhar na mídia

– Escola Municipal Dom Orione(86%)*

Critérios	Nº absoluto	%
Assuntos mais interessantes	14	47
Assuntos em destaque / polêmicos	7	23
Assuntos mais importantes	3	10
Assuntos que fazem parte do próprio convívio	2	7
Assuntos diversos	2	7
Relacionados ao esporte	1	3
Assuntos que afetam a população diretamente	1	3
O que tiver utilidade escolar	1	3
Tudo que fale do ser humano	1	3
Nenhum critério	1	3
Não responderam	4	13
Total	36	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.39: Critérios utilizados para escolher qual assunto acompanhar na mídia

Colégio Anchieta (94%)*

Critérios	Nº absoluto	%
Assuntos úteis / interessantes a si mesmo	15	47
Assuntos atuais / em destaque / polêmicos	12	38
Problemas sociais	3	9
Assuntos interessantes	2	6
Televisão	2	6
Questões políticas	1	3
Assuntos que ampliem o conhecimento	1	3
Informativos	1	3
Entretenimento	1	3
Revistas	1	3
Programas que não explorem a miséria	1	3
Assuntos fúteis	1	3
Nenhum critério	1	3
Não aplicável	1	3
Total	43	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.40: Assuntos que gostaria de escrever e ler – Escola Municipal Dom Orione*

Assunto	Nº absoluto	%
Esporte	6	17
Relacionados ao país	3	9
Livros de suspense	3	9
Política	3	9
Discriminação	3	9
Romance	2	6
Violência nas ruas	1	3
Amor e paixão	1	3
Informática	1	3
Desemprego	1	3
Revistas	1	3
Teatro	1	3
Fatos reais	1	3
Poesias	1	3
Os diversos sentimentos	1	3
Justiça	1	3
Relacionados ao ser humano	1	3
Paz	1	3
Quadrinhos	1	3
A História do Brasil	1	3
Cultura	1	3
Sociedade no geral	1	3
Terrorismo	1	3
A vida na periferia paulista	1	3
Assuntos diversos	1	3
Não sabe	2	6
Não responderam	4	11
Total	49	-

*Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.41: Assuntos que gostaria de escrever e ler –Colégio Anchieta*

Assunto	Nº absoluto	%
Assuntos atuais	5	15
Esporte	4	12
Futebol	3	9
Ecologia	2	6
Política	2	6
Ficção	2	6
Sentimentos	2	6
Tecnologia	2	6
Informática	2	6
Música	1	3
Carros	1	3
Esoterismo	1	3
Descobertas científicas	1	3
Romance	1	3
Mulher	1	3
História	1	3
Realidade	1	3
Sociedade	1	3
Problemas do país	1	3
Problemas mundiais	1	3
Religião	1	3
Cromoterapia	1	3
Direito dos jovens	1	3
Casos policiais	1	3
Mistério	1	3
Fantasia	1	3
Comédia	1	3
2ª Guerra Mundial	1	3
Orientações sobre a vida	1	3
Relacionamentos na adolescência	1	3
Sexo – drogas na adolescência	1	3
Pai e Mãe	1	3
Novidades	1	3
Biografias	1	3
Autobiografia	1	3

Seu próprio dia-a-dia	1	3
Vários	1	3
Total	52	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.42: Problemas ao escrever textos trabalhados na escola –Escola Municipal Dom Orione

Problema	N? absoluto	%
Começar um texto	10	29
Desenvolvimento do assunto	3	9
Acentuação e pontuação	2	6
Tema pré-definido	2	6
Terminar um texto	2	6
Palavras que não são conhecidas	1	3
Ortografia	1	3
Transmitir a idéia	1	3
Tempo para escrever	1	3
Tudo	1	3
Interpretação de texto	1	3
A pesquisa do assunto	1	3
Erros ao escrever	1	3
Encontrar as palavras certas	1	3
Seguir as regras	1	3
Coesão do texto	1	3
Gramática	1	3
Captar o assunto	1	3
Nenhum	1	3
Não sabem	1	3
Não responderam	2	6
Total	36	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.43: Problemas ao escrever textos trabalhados na escola.

Problema	Nº absoluto	%
Falta de idéias para começar um texto	13	38
Organização das idéias	5	15
Ortografia	5	15
Terminar um texto	3	9
Falta de criatividade	3	9
Vocabulário - Palavras que não são conhecidas	2	6
Ortografia	1	3
Acentuação	1	3
Transmitir a idéia	1	3
Gramática	1	3
Falta de organização	1	3
Concordância entre tema e título	1	3
Permanecer no tema/assunto	1	3
Coesão	1	3
Escrever sobre assuntos desgastados	1	3
Ter que se prender a regras e normas – falta de liberdade	1	3
Controlar o tamanho do texto – dificuldade de síntese	1	3
Não responderam	2	6
Total	44	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

**Tabela 4.44: Diferenças em relação à linguagem usada nos ambientes virtuais –
Escola Municipal Dom Orione**

Diferença	Nº absoluto	%
Linguagem direta / fácil rápida	2	6
Liberdade	1	3
Complexidade	1	3
Tudo é resumido	1	3
Linguagem desagradável	1	3
Linguagem informal	1	3
Linguagem desorganizada	1	3
É a realidade passada pela tela	1	3
Não têm acesso	26	73
Total	35	100

Tabela 4.45: Diferenças em relação à linguagem usada nos ambientes virtuais –

Colégio Anchieta

Diferença	N? absoluto	%
Abreviações	6	18
Linguagem informal	6	18
Linguagem descontraída	6	18
Uso de gírias	5	15
Linguagem direta / objetiva / simples / fácil	5	15
Linguagem culta	2	6
Linguagem popular	2	6
Erros de português	2	6
Linguagem coloquial	1	3
Linguagem de códigos	1	3
Linguagem distante da realidade	1	3
Traz palavras e expressões estrangeiras, mas não prejudica	1	3
Não afeta a linguagem pois usa-se a língua falada	1	3
Não responderam	1	3
Total	40	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.46: Opiniões sobre a linguagem descontraída dos *chats* – Escola

Municipal Dom Orione*

Opinião	N? absoluto	%
Muito legal e descontraída	4	11
Dá liberdade para falar o que quiser	2	6
Ajuda a aprender	1	3
Muito interessante	1	3
Mais fácil e divertido	1	3
Muita gíria	1	3
Sem graça	1	3
A linguagem é realidade virtual	1	3
Não têm acesso	26	73
Total	38	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Tabela 4.47: Opiniões sobre a linguagem descontraída dos *chats* – Colégio Anchieta*

Opinião	Nº absoluto	%
Linguagem chata	3	9
Ótima / legal / adoro	3	9
Não gosto	3	9
Prejudica o uso da língua culta	2	6
Muitas vezes é a linguagem usada na vida real	2	6
Normal	1	3
Mais fácil	1	3
Mais rápida e interessante	1	3
Há muitos erros	1	3
Legal, é possível identificar quem está conversando	1	3
Legal, isto é liberdade de expressão	1	3
Legal, pode falar sem se preocupar	1	3
Interessante, permite conhecer novas palavras	1	3
Proporciona interação entre as pessoas que se parecem	1	3
Meio das pessoas se conhecerem	1	3
Usa-se códigos para maior rapidez no envio das mensagens	1	3
Mais fácil, vale a criatividade de cada um	1	3
Forma mais fácil de se comunicar, sem ter que se preocupar com a gramática	1	3
Linguagem alternativa, a intenção é apenas entender o que se diz e não as regras gramaticais	1	3
Bom para ampliar os tipos de pessoas que usam ou usarão a internet	1	3
A liberdade de expressão deve ser mantida Em ambientes informais, mas não convém seu uso no dia-a-dia	1	3
Errado, deveria ser mais culta pois é muito explorada por jovens	1	3
Prejudica a redação de textos	1	3
Erros e abreviações devem-se a rapidez necessária à transmissão de informações	1	3
Nada demais	1	3

Nada contra	1	3
Prefiro não usar	1	3
Não responderam	1	3
	36	-

* Questões de múltiplas respostas podem ultrapassar os 100%.

Anexo 3a - Textos Produzidos pelos Alunos Seleccionados para o Estudo

Anexo 3b – Textos Complementares